

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Matheus Tamaino Brum

Entre contos e crônicas: uma análise histórico-jornalística do Sport “Campeão do Centenário” e Tupi, o “Fantasma do Mineirão”

Juiz de Fora

Julho/2017

Matheus Tamaino Brum

Entre contos e crônicas: uma análise histórico-jornalística do Sport “Campeão do Centenário” e Tupi, o “Fantasma do Mineirão”

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. PhD. Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora

Julho/2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca
Universitária da UFJF, com dados fornecidos pelo autor

Brum, Matheus.

Entre contos e crônicas: uma análise histórico-jornalística do Sport "Campeão do Centenário" e Tupi, o "Fantasma do Mineirão" / Matheus Brum. -- 2017.

117 f.

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2017.

1. Tupi. 2. Sport. 3. Juiz de Fora. 4. Futebol. 5. Construção de Identidades. I. Guerra, Márcio de Oliveira, orient. II. Título.

Matheus Tamaino Brum

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. PhD. Márcio de Oliveira Guerra

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. PhD. Márcio de Oliveira Guerra – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Ms. Ricardo Bedendo – Convidado
Universidade Federal de Juiz de Fora

Ms. Talison Pires Vardiero - Convidado

Juiz de Fora, 13 de julho de 2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por te me abençoado ao longo desta caminhada de quatro anos, mostrando e iluminando os caminhos pelos quais seguir. Sem a presença Dele, com certeza este sonho não estaria sendo realizado.

Agradeço aos meus pais Rita e Brum, pelo apoio incondicional neste processo, estando sempre ao meu lado, nos momentos bons e ruins, dando força para seguir em frente. Estendo este sentimento às minhas avós Saly e Fizinha, por terem sido o berço fundamental da minha educação na juventude, ensinando os caminhos da justiça e da religião.

Agradeço a Blenda, por toda a ajuda, carinho e companheirismo que foram imprescindíveis para a apresentação deste trabalho.

Agradeço aos amigos/irmãos João Pedro, Hugo, Plínio, Luiz Afonso, Luiz Eduardo, Gabriel, Wallace, Diego, Douglas, Lahis, Larissa, Wemerson, Marina, Gustavo, Paola, Danilo, Ique, Talison, entre outros que estiveram ao meu lado não só na Facom, mas também no dia a dia, me ajudando a crescer e nunca fazendo desacreditar dos meus sonhos.

Agraço ao mestre Márcio Guerra, muito mais que um professor e orientador, e sim um amigo, pela convivência e aprendizado ao longo destes quatro anos, mostrando que o jornalismo precisa ser feito com amor, mas, acima de tudo com justiça e coerência. Que podemos sim modificar a realidade a favor daqueles que precisam e necessitam. Estendo este agradecimento a todos os outros professores que contribuíram com o meu crescimento.

Agradeço aos companheiros da Rádio Facom, Produtora de Mídias, Rádio CBN, Portal Acessa, TV Alterosa, Rádio Cultura e Web Rádio NAC, pela confiança no meu trabalho.

Por fim, agradeço ao eterno presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por ter feito investimentos na educação que me permitiram estudar em duas instituições federais, e por acreditar que o povo não é o problema e sim a solução.

Dedico todo a felicidade por este processo concluído para minha “terceira” avó, Dadeza (*in memoriam*), que em algum lugar do céu está vibrando com minha conquista. Te amo, assim como todos os outros citados nos agradecimentos!

“Os brasileiros transformaram o foot-ball em
coisa muito mais importante do que um simples
jogo” (Willy Neisl)

RESUMO

O presente trabalho pretende estudar e analisar dois momentos importantes da história do futebol de Juiz de Fora. O Sport “Campeão do Centenário” em 1950 e o Tupi o “Fantasma do Mineirão” em 1966. Por serem grandes façanhas, as duas expressões que acompanham os nomes dos clubes deixaram de ser apenas termos e se transformaram em identidades, perpetuadas pelos torcedores e imprensa. Com base nos estudos do jornal *Diário Mercantil*, o mais importante periódico juiz-forano da época e entrevistas e documentários, pretendemos entender como essas duas conquistas servem até hoje como referência para os torcedores e sócios, mesmo sem que as mesmas sejam de seus conhecimentos.

Palavras-chave: Tupi. Sport. Futebol. Juiz de Fora. Imprensa. Diário Mercantil. Construção de identidades.

ABSTRACT

The present work intend to study and analyse two importante moments of Juiz de Fora's soccer history. The Sport, "Centenary Champion" in 1950 and Tupi, the "Mineirão Ghost" in 1966. For being great achievements, both expressions which follow the team's names are no longer just terms and has become identities, perpetuated by the fans and press. Based on studies of *Mercantil Diary* newspaper, the most importante newspaper of Juiz de Fora in that time and interviews and documentaries, we intend to undestand how these two achievements serve until now as a reference for the fans, partners even without their knowledge.

Key-words: Tupi. Sport. Soccer. Juiz de Fora. Press. Mercantil Diary. Identity Construction.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Jogos do “Torneio Início”	44
Tabela 2: Todas as partidas do Torneio Municipal de 1950	47
Tabela 3: Classificação final do Torneio Municipal	47
Tabela 4: Quantidade de vezes que os termos “campeão do centenário” e “campeonato do centenário” foram utilizados.....	48
Tabela 5: Partidas do Campeonato do Centenário	53
Tabela 6: Classificação final do Campeonato do Centenário.....	54
Tabela 7: Lista de jogos do Tupi no Campeonato Mineiro de 1933	61
Tabela 8: Jogos do Torneio Início de 1966	70
Tabela 9: Quantas vezes foram lembrados os feitos de Belo Horizonte.....	77
Tabela 10: Partidas do Tupi no Campeonato Profissional de 1966.....	82
Tabela 11: Jogos da Copa Juiz de Fora	83
Tabela 12: Jogos do Torneio Sr. Mário Portugal	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro registro de um jornal de Juiz de Fora com uma seção separada para as notícias esportivas.	24
Figura 2: Elias Peres, do Tupynambás, foi eleito o melhor da sua posição pelos leitores do jornal <i>Diário do Povo</i>	27
Figura 3: O jornal <i>Correio de Minas</i> destaca a inauguração do Sport Clube Juiz de Fora.....	32
Figura 4: <i>Jornal do Commercio</i> também destaca a inauguração do Sport Club Juiz de Fora	32
Figura 5: <i>Diário Mercantil</i> destaca a disputa do torneio de “foot-ball”.....	34
Figura 6: Tabela e resultados do Campeonato Municipal de 1918.....	35
Figura 7: Time do Sport Club Juiz de Fora, campeão de 1918.....	35
Figura 8: Busto de Francisco Queiróz Caputo, localizado na Sede Social do Sport.....	37
Figura 9: Informações sobre o primeiro jogo internacional de Juiz de Fora.....	38
Figura 10: Página do <i>Diário Mercantil</i> destacando a criação da “Sala Juiz de Fora”, em homenagem ao centenário da cidade	40
Figura 11: Exemplo do uso da frase “ano do centenário do município” nas páginas do <i>Diário Mercantil</i>	41
Figura 12: Atacante Aloísio, maior venda do futebol local até 1950.....	42
Figura 13: Imagem da primeira manchete com o termo “campeonato do Centenário”	48
Figura 14: Periódico destaca boa fase do Sport	50
Figura 15: Time do Sport “Campeão do Centenário” em 1950	52
Figura 16: Diretoria oferece medalha aos atletas campeões	53
Figura 17: Anúncio da criação do Tupi (na época escrito com 'y').....	55
Figura 18: Time do Tupi em 1914, na apresentação do uniforme oficial do clube	56
Figura 19: Lista de todos os campeões do futebol local entre 1918 e 1968.....	58
Figura 20: Em 1929, o Tupi foi campeão invicto	59
Figura 21: Registro da primeira partida do Estádio Salles de Oliveira	60
Figura 22: Tabela final do Campeonato Mineiro de 1933	62
Figura 23: Time do Tupi vice-campeão mineiro de 1933.....	62
Figura 24: Time do Tupi campeão invicto em 1947	63
Figura 25: Time do Tupi vice-campeão municipal em 1957.	64
Figura 26: Time do Tupi campeão de 1965	67
Figura 27: <i>Diário Mercantil</i> repercute vitória do Tupi sobre o Cruzeiro	69
Figura 28: <i>Diário Mercantil</i> anuncia Tupi x América-MG	73
Figura 29: Desabafo de Geraldo Magela Tavares	74

Figura 30: Imprensa destaca vitórias do Tupi	76
Figura 31: Jornal de Belo Horizonte destaca o termo "Fantasma do Mineirão"	77
Figura 32: Tupi, o "Fantasma do Mineirão"	78
Figura 33: CBD convida Tupi para jogar contra Seleção Brasileira.....	80
Figura 34: <i>Diário Mercantil</i> destaca Tupi x Seleção Brasileira	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A RELAÇÃO ESPORTE/IMPrensa	15
2.1 ESPORTE E IMPrensa EM JUIZ DE FORA.....	22
3 SPORT CLUB JUIZ DE FORA, O “CAMPEÃO DO CENTENÁRIO”	31
3.1 O “CAMPEÃO DO CENTENÁRIO”	40
4 TUPI FOOT BALL CLUBE E O “FANTASMA DO MINEIRÃO”	55
4.1 “O FANTASMA DO MINEIRÃO”	66
5 A RELAÇÃO DA IMPrensa COM AS CONQUISTAS	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	104

1 INTRODUÇÃO

Preservar a história não é apenas conhecer o nosso passado, mas sim entender o presente, e tentar prever o futuro. Certa vez, um professor me disse uma frase que nunca irei esquecer: “a história nunca é igual, mas é muito parecida”. Em Juiz de Fora, este campo caminha a pequenos passos, assim como o desenvolvimento da cidade.

Apesar do enorme material técnico que temos no município, há poucos estudos contando nossa trajetória. A situação piora quando olhamos para o prisma do esporte e do jornalismo na cidade, que outrora, foi polo de desenvolvimento em Minas Gerais.

Porém, o que alenta, de certa forma, é saber que o processo de estudo histórico do esporte tem início nos anos de 1970, ganhando corpo na década de 1990, segundo os pesquisadores Del Priore e Melo (2009).

O trabalho busca contar a origem do esporte no Brasil, até chegar em terras juiz-foranas. Passando pelo adestramento de cavalos, turfe, remo, corridas de rua e, finalmente, o futebol, o desporto vai se tornando cada vez mais popular no país. Porém, ao contrário do que é visto hoje, as práticas esportivas eram corriqueiras na elite brasileira. Desenvolvidas na Europa, os primeiros esportes foram trazidos para as “terras tupiniquins” pelos portugueses, colonizadores da nação.

Décadas se passaram até que as camadas mais baixas da sociedade pudessem ter acesso aos espaços esportivos. E o processo não foi nada fácil. Principalmente no futebol, o racismo era amplamente divulgado nos anos finais do século XIX e início do XX. Graças a bravura de dirigentes de clubes como o Vasco da Gama e o Bangu, negros puderam se tornar profissionais e a miscigenação no esporte, que hoje é o mais popular do país, começou a dar frutos.

Em Juiz de Fora, o processo de consolidação do futebol foi menos tenso. Como polo industrial da época, vários times se formaram na cidade, e a popularidade logo foi alcançada. Devido a dezenas de jornalistas que se empolgaram pelo esporte e passaram a divulgar nas páginas dos jornais, depois nas ondas do rádio, e posteriormente, nas telas da televisão, culminando na internet, predominante no século XXI.

Infelizmente, o poder econômico da cidade foi diminuindo ao longo do século XX, como descrito nos estudos de Neiva (1993) e nas folhas do *Diário Mercantil* (1950;1966), fontes usadas para a realização deste trabalho. Isso afetou diretamente as instituições esportivas municipais. Outrora organizador de torneios que reuniam diversos times da cidade e região, Juiz de Fora passou a manter nostalgia no passado e pouca esperança para o futuro.

E entre as boas lembranças, podemos destacar as duas que são objetos deste trabalho. O Sport Club Juiz de Fora, “Campeão do Centenário”, em 1950, e o Tupi, que assombrou os grandes de Belo Horizonte, e se transformou no “Fantasma do Mineirão”.

Tais identidades (“Campeão do Centenário” e “Fantasma do Mineirão”) ainda vivem na cabeça e coração dos torcedores periquitos¹ e carijós². A forma como foram criadas e tratadas pela imprensa juiz-forana é o objetivo deste trabalho.

Para analisar a cobertura jornalística da época, recorro ao *Diário Mercantil*, dos anos de 1950 e 1966. Exemplares do periódico podem ser encontrados no Arquivo Histórico de Juiz de Fora. Através de suas páginas podemos ver como a profissão e o esporte eram tratados como paixão. Como que os jornalistas da época defendiam os clubes na hora que era necessário, mas também criticavam eventuais problemas desenvolvidos pelos mesmos.

Porém, acima de tudo, os mais antigos acreditavam no propósito do esporte local, como forma de mostrar o progresso da cidade e a importância que Juiz de Fora já teve para a Zona da Mata, Minas Gerais e Brasil.

Retornar ao passado é estudar o processo de consolidação do futebol em Juiz de Fora, seus sonhos, objetivos e erros. Este caminho nos ajuda também a entender o processo histórico de decadência de uma escola que outrora recebia grandes jogos e era convidada para realizar diversas partidas em outros estados, como Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, por exemplo.

É preciso entender o papel da imprensa, na cobertura diária, no processo de construção das identidades que são usadas hoje por torcedores e sócios, que muitas vezes não viveram a época ou não têm conhecimentos sobre os fatos.

¹ Forma com a qual é conhecido o torcedor do Sport Club Juiz de Fora.

² Forma com a qual é conhecido o torcedor do Tupi Foot Ball Club.

2 A RELAÇÃO ESPORTE/IMPREENSA

Na primeira metade do século XVIII, padres Jesuítas vinham da Europa com o objetivo de catequizar os índios brasileiros. Além da fé católica, os religiosos ensinavam códigos de posturas e formas corretas de andar e se portar. A expectativa era tornar os nativos mais parecidos com os europeus.

Segundo o estudo da pesquisadora Del Priore (2009), nesta mesma época, uma brincadeira também foi trazida para o Brasil. Era o “correr argolinhas”.

[...] consistia num arremedo de torneio medieval, em que os meninos tinham que enfiar argolas em lanças sem ponta, retirando-as de postes, nos quais pendiam presas por uma garra. Tratava-se de uma tradição aristocrática que atravessou os tempos. Realizadas durante festas religiosas ou políticas, as “corridas de argolinhas” eram parte de um desafio maior: as cavalhadas. Delas participavam monarcas, príncipes, fidalgos da Casa Real e autoridades (DEL PRIORE, 2009, p. 15)

O uso do cavalo era comum na época. O animal era usado para transporte de mercadorias, de pessoas e até mesmo de outros animais. Com o tempo, cada vez mais era valorizado a habilidade do homem ou da mulher em cima do equestre.

Dentro do círculo aristocrático, nas grandes festas e comemorações da corte, era comum o balé de cavalos. A forma como os cavaleiros cavalgavam era significado de competência. “Assistia-se à transformação de uma técnica militar que ligava homem e montaria a uma técnica, sem objetivo guerreiro” (DEL PRIORE, 2009, p. 17).

Com o passar dos anos, novas técnicas foram desenvolvidas na Europa e incorporadas pelos brasileiros. Eram os primórdios do que hoje conhecemos como hipismo. “O princípio que passou a reger a relação entre cavaleiros e cavalos foi o da “leveza como equilíbrio”. As regras: mãos sem pernas e pernas sem mãos para conduzir, sem forçar, violentar ou constranger o animal” (DEL PRIORE, 2009, p.32).

Depois deste primeiro contato com o cavalo, os adestradores começaram a realizar uma nova prática que, futuramente, se tornaria um dos esportes mais populares do Brasil, entre o final do século XIX e início do XX: a corrida de cavalos, ou turfe. A partir de então é que começa a relação entre o esporte e a imprensa.

Tal influencia pode ser claramente identificada já na realização das primeiras corridas de cavalos, promovidas por negociantes ingleses na década de 1810, nas areias da Praia da Saudade (Botafogo). De fato, o mais antigo registro escrito sobre as corridas parece ser uma breve nota publicada na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 25 de maio de 1814, também contando com britânicos como patrocinadores. (MELO, 2009, p.45)

Outros periódicos da época, como *Diário Fluminense*, destacavam em suas páginas notícias sobre as corridas de cavalo, e como elas chamavam atenção da elite carioca. A importância da imprensa no processo de consolidação do esporte, na então cidade mais

importante do país, fica mais forte com uma publicação do *Jornal do Comércio*, em 6 de março de 1847. Os estudos de Melo (2009), mostram que o pontapé para desenvolver o desporto em terras brasileiras se deu através de uma prática que já existia na Europa: os clubes de corridas. Assim, nasceu a primeira organização estritamente esportiva na cidade, em 1849. “A sociedade organizará seus estatutos, sendo porém preferidos e adotados os regulamentos e estatutos do Club de New Market, da Inglaterra, em todas as matérias que dizem respeito às corridas” (MELO, 2009, p.48).

Ao mesmo tempo que se desenvolviam as atividades com cavalo, outro animal era usado para a diversão das elites monárquicas: o touro. Entretanto, ao contrário dos cavalos, as touradas foram motivos de críticas e elogios por parte da população do quarto final do século XIX. Apesar de contar com boa presença nas arenas, criticava-se os gastos públicos, já que muitos eventos eram patrocinados pela Família Real.

Melo (2009) conta que em vários momentos dos anos 1800 as touradas foram proibidas no Rio de Janeiro. Contudo, a rejeição era apenas temporária. Ou os órgãos governamentais liberavam os espaços para a prática, ou então, seus organizadores procuravam outros lugares para a realização dos eventos esportivos.

Apesar da rejeição por parte do público, algumas revistas e jornais especializados foram produzidos. Melo (2009) ressalta que em 1896 foi lançado o periódico *Sol e Sombra*, que se apresentava como órgão da arte “tauromática”. O autor cita que nos primeiros anos do século XX, a *Revista da Semana*, publicava constantemente fotos dos toureiros Adelino Raposo, Jose Casimiro e Jorge Cadette, todos de origem europeia e de longa carreira em seus países, exaltados como exemplos de coragem.

Com o caminhar das primeiras práticas esportivas, o brasileiro ia se envolvendo cada vez mais com o esporte. Mesmo que as opções fossem poucas, relatos, principalmente da imprensa, mostravam que as novas atividades tinham público considerável nas arenas. Mas, ainda não estava formada uma identidade nacional em torno dos desportes. A população era refém do que era sucesso na Europa.

Depois do frisson em torno do turfe e das touradas, a moda no Velho Continente passou a ser a valorização do corpo. “Os ventos traziam as notícias da modernidade em construção e nesse contexto um novo tipo de homem e novas preocupações com a estética corporal: o físico forte começaria a ser, ainda que lentamente, valorizado” (MELO, 2009, p. 56-57).

O esporte da vez era o remo, que ganhava aos poucos, espaço no Rio de Janeiro. “Em 1862 surgiram duas novas associações [...] o grupo Regara e o British Rowing Club, esta última de formação eminentemente inglesa. Se o remo ainda não estava estruturado por

completo e enfrentava resistências, os primeiros passos já tinham sido dados”. (MELO, 2009, p. 59)

Passados mais de quarenta anos, as regatas finalmente vingaram no Brasil. Uma dezena de clubes foram criados, associações foram organizadas e competições eram realizadas constantemente.

Pela primeira vez na história do país, um esporte encontrava-se regularizado. Em 1902, foi criada a Federação Brasileira de Sociedade do Remo. “A Federação possuía: Regimento Interno, Código de Regatas, Lei do Amadorismo, Regulamento dos Tipos de Embarcações, Bases de Admissão de Federações Estaduais, Regulamento sobre a Classe dos Remadores” (MELO, 2009, p. 60).

A popularidade era tão grande, que o Remo foi migrando para outras partes do país. Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul, por exemplo, tinham clubes que praticavam o esporte. Por ter se tornado febre, a Federação Brasileira logo foi reconhecida pela Federação Internacional de Sociedade do Remo, como legítima representante do esporte no país.

No processo de desenvolvimento do campo esportivo nacional, a imprensa ocupou importante lugar. Desde cedo se estabeleceu uma relação entre os periódicos e os clubes, algo que trouxe lucros para ambos: as agremiações encontravam um meio de difundir suas atividades; a imprensa colhia lucros com o aumento da venda de jornais e com publicação de anúncios, diretamente, dos clubes, ou indiretamente de produtos que procuravam associar a sua imagem ao esporte. Entretanto, os jornalistas também denunciavam os problemas observáveis nas competições, o que criava conflitos com os clubes e influenciava a readequação de algumas de suas ações. De qualquer forma, não se pode negar a importância e influência da imprensa na difusão de sentidos e significados, na vulgarização do esporte e do estabelecimento de mercado ao redor das práticas esportivas. (MELO, 2009, p.68)

Junto ao desenvolvimento das regatas, outro esporte começou, literalmente, a dar suas braçadas no Brasil: a natação, surgida em decorrência do Remo. Como as competições aconteciam nos rios e mares, afogamentos eram possíveis. Portanto, saber nadar era essencial para não correr nenhum risco. Paralelo a isso, estava sendo difundida na sociedade da época a importância da higiene pessoal. Banhos de mar, aos poucos, se tornavam um costume social e aprender a nadar era uma ferramenta de segurança.

Com a evolução das técnicas, logo, a natação foi se tornando um esporte. Práticas eram registradas no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. A novidade ficava por conta da presença feminina entre as praticantes. “Blanche Pironnet, Anésia Coelho, Alice Possolo, Maria Lenk, Helena Salles e Piedade Coutinho, entre outras, substituíam a crítica e o estranhamento pela admiração”. (MELO, 2009, p. 74)

As mulheres também tiveram participação importante na consolidação de outro desporto: o atletismo. Conhecido no final do século XIX como “jogos atléticos ingleses” e/ou “corridas a pé”.

Na mesma época, surge o ciclismo. Com a chegada das bicicletas na década de 1860 (conhecidas como velocípedes), o esporte se torna popular entre a elite brasileira na última década do século XIX. Nos anos 1900, a prática se espalha e várias associações são criadas.

No início do século XX havia provas sendo disputadas no Velódromo Guanabara (praia de Botafogo), no velódromo da rua do Catete (pertencente ao Touring Club) e, sob a responsabilidade do Sport Club, no Jardim Zoológico, bem como na Praça da República/Campo de Santana. Os jornais passaram a notícias o assunto com maior frequência e chegaram mesmo a ser lançados dois periódicos específicos: *O Ciclismo*, do Rio de Janeiro, e *A Bicicleta*, semanário ciclístico ilustrado, de São Paulo (MELO, 2009, p.78)

O futebol finalmente chega ao Brasil na década de 1890. Mas, o caminho até chegar aqui, não foi nada fácil. Para entender o processo da vinda do esporte da Inglaterra ao solo brasileiro é necessário retornar aos meados do século XIX. Na terra da “Majestade Britânica”, a bola já era instrumento de diversão para a população. Todavia, duas práticas foram criadas com o mesmo objeto.

Em algumas escolas, como a Rugby School, os jogadores carregavam-na com as mãos, rumo à meta adversária; em outras, como em Eton, eram os pés que deviam controla-la, fazendo do *dribbling* sua habilidade máxima. Dessas duas maneiras distintas de lidar com o elemento centro do jogo nasceram, primeiro, o *rugby*, em 1846, ano em que a instituição de mesmo nome estabeleceu seu conjunto de regras, mais tarde consagrado com a criação da Rugby Football Union, em 1871; depois, em 1863, o *association football*, fruto de um acordo entre doze clubes, que passaram, a partir de então, a se submeter a regras comuns e a uma entidade dirigente maior, a Football Association (FA). (FRANZINI, 2009, p.107-108)

Para poder zelar pelas regras, e coloca-las em prática, surge, anos depois, a figura do árbitro. Segundo Franzini (2009), os dois esportes britânicos atingem camadas diferentes da população de “Sua Majestade”. O rugby é praticado por pessoas da elite, enquanto o “football” é jogado pelos operários, membros da parcela mais pobre e frágil da escala social.

Assim como as outras atividades que foram desenvolvidos em solo britânico, o “football” ganhou o mundo, e foi na América do Sul, mais precisamente no Brasil, que ganhou os contornos que o fazem ser um dos esportes mais praticados e admirados no mundo.

Charles Willian Miller, filho de paulistas, foi estudar em Southampton. Na escola, aprendeu sobre as regras do football. Depois de dez anos na Europa, retornou ao Brasil trazendo uma bola, um par de chuteiras, camisas de futebol e o livro de regras. A ele, é atribuída a chegada do esporte em “terras tupiniquins”. Contudo, outros personagens, menos conhecidos pela história, tiveram enorme participação na consolidação do que seria nosso principal produto de exportação nas décadas vindouras.

Outro foi o carioca Oscar Cox, que conhecera o futebol durante os seus estudos no Collège de La Ville, em Lausanne, na Suíça, e, ao retornar ao Brasil, em 1897, também não deixou de incluir uma bola na sua bagagem. Poucos anos depois, em 1901, Salvador registraria a chegada de outro jovem com uma bola, Zuza Ferreira, vindo das terras britânicas. Em 1903, Guilherme de Aquino Fonseca, um ex-estudante da Hooton Lown School, na mesma Inglaterra, começaria a divulgar o futebol em Recife. No ano seguinte, na novíssima cidade de Belo Horizonte, Victor Serpa buscava companheiros para disputar o jogo que aprendera em sua temporada suíça. (FRANZINI, 2009, p.113)

Franzini (2009) destaca que, na cidade de São Paulo, foi realizada a primeira partida de futebol que se tem conhecimento no país. Funcionários da Companhia de Gás e funcionários da São Paulo Railway se enfrentaram em 1895. Nesta época, na capital paulista, já existiam cinco clubes dedicados a prática esportiva: São Paulo Athletic, Associação Athletica Mackenzie College, Sport Club Germânia, Sport Club Internacional e Club Athletico Paulistano

Seis anos depois, já no início do século XX, as terras paulistanas receberam a primeira Liga de clubes do país, a qual, no ano seguinte, começaria a promover o Campeonato Paulista de *foot-ball*, conferindo assim, contornos mais institucionais, ao jogo da capital.

O contato entre os “fundadores” do esporte no Brasil aumentava com o passar do tempo. Em 1902, surgiram os primeiros confrontos interestaduais. Um time do Rio de Janeiro, capitaneado por Oscar Cox, foi até São Paulo. Nas duas partidas realizadas no Velódromo, empate. A primeira por 1 a 1, e a segunda por 2 a 2.

A imprensa sempre esteve ligada ao futebol e contribuiu para sua popularização. Em 18 de outubro de 1901, aconteceu o primeiro encontro interestadual entre os times das duas metrópoles do país: Rio de Janeiro e São Paulo. O jovem Charles Müller convocou seus amigos e entre eles o jornalista Mário Cardin, repórter do jornal O Estado de S. Paulo, para colaborarem na organização e divulgação desta partida. Mário Cardin enviou por telegrama as notícias do jogo a amigos do Rio de Janeiro, capital da República, para que fosse divulgada nos principais jornais da cidade. E assim o ano de 1902, tornou-se um marco na imprensa esportiva. A partir desse momento, o futebol virou notícia importante nas páginas dos principais jornais, pelo menos em São Paulo. (BEZERRA, 2008. p.21).

Para Franzini (2009), o resultado deu ânimo para que o futebol do Rio de Janeiro se desenvolvesse. A partir do confronto contra os paulistas, apareceram os primeiros clubes cariocas dedicados exclusivamente ao novo esporte. Foi o caso o Fluminense Football Club, fundado em 1902, por Oscar Cox.

Segundo Bezerra (2008), as primeiras notícias foram divulgadas no *Jornal do Comércio* de São Paulo, na edição de 17 de outubro de 1901. Tinha caráter muito elitista, a exemplo do futebol da época, pois poucos tinham acesso tanto às informações, quanto as práticas esportivas.

Com os anos, o desporto foi caindo nas graças do povo, e os clubes que antes eram de regatas, como o Clube de Regatas do Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama, foram incorporando o futebol aos seus quadros.

O Vasco da Gama, aliás, junto com o Bangu e o Flamengo, deram outra contribuição ao esporte nacional. Ao contrário de grande parte dos clubes e das Ligas, estes aceitaram jogadores negros, da periferia, em seus elencos. Infelizmente, no processo de consolidação do esporte no país, a questão racial não ficou de lado. O mais peculiar é que, na Inglaterra, o futebol ganhou força nos bairros operários, inclusive, grandes clubes como o Arsenal, foram criados nas periferias inglesas. Contudo, a bola, no Brasil, ficava apenas nos pés da elite.

[..] até 1933, o futebol era fortemente elitizado, um esporte praticado quase que exclusivamente por estudantes ricos e pessoas da alta sociedade. Só que os grandes clubes do Brasil, principalmente os cariocas como Bangu, Flamengo e em especial o Vasco passam a procurar os bons jogadores na periferia e em times pequenos. Para se manterem no comando do clube e em benefício da própria política, os dirigentes são obrigados a aceitar jogadores vindos dos mais diversos lugares e níveis sociais. Muitas foram também as tentativas para impedir o avanço veloz das agremiações mais pobres e numa clara prova de racismo da época, a Liga Metropolitana do Rio de Janeiro, composta pela elite do futebol, decidiu proibir em seus estatutos a inscrição de “pessoas de cor” por seus clubes filiados. Esta fase que ainda não é considerada como a fase profissional do futebol, era na verdade um profissionalismo não oficializado porque os bons jogadores já recebiam salários dos grandes clubes. (BEZERRA, 2008. p.31).

Bezerra (2008) divide a história do futebol brasileiro em quatro períodos amplos. O primeiro dura dez anos, entre 1894 e 1904, quando o esporte era restrito aos estrangeiros, que fundaram os primeiros clubes. De 1905 a 1933, perdurou o amadorismo. Durante estes anos, houve uma pressão e divulgação para a melhoria na qualidade do jogo, através de pagamentos aos atletas. Posteriormente, até 1950, o futebol começou a viver a fase do profissionalismo. Por fim, da década de 50 até os dias de hoje, passou a ser reconhecido de forma nacional e internacional, trazendo consigo uma comercialização sofisticada.

À esteira do desenvolvimento do futebol nos centros urbanos, veio o interesse da imprensa pelo o que acontecia nos gramados nacionais. O jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003) destaca que na década de 1910 foi lançado o jornal *Fanfulla*, em São Paulo. Ao contrário de outros que eram produzidos, este periódico não visava atingir a elite paulista, e sim, a colônia italiana presente na cidade. Em uma de suas publicações, o escritor chama a população para formar um time. Tempos depois foi fundado o Palestra Itália, que após a Segunda Guerra Mundial, teve o nome mudado para Sociedade Esportiva Palmeiras.

Apesar do crescente envolvimento das pessoas com o futebol, a consolidação do esporte nos jornais não foi nada fácil. Coelho (2003) afirma que o desenvolvimento foi acompanhado

de perto, mas, a contragosto. Sempre havia alguém disposto a cortar uma linha a mais que era dedicado ao tema.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e consequentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2003)³.

Mesmo nesta luta inglória, o futebol, e, conseqüentemente, o jornalismo foram se tornando populares, graças as camadas mais frágeis da sociedade. O Rio de Janeiro teve um papel fundamental neste processo. A imprensa da época destinava cada vez mais espaço para o esporte. Os grandes clubes iam, pouco a pouco, ganhando mais destaque entre as páginas. A reviravolta na questão racial no futebol, segundo Coelho (2003) aconteceu em 1923. Tendo negros no elenco, o Vasco venceu a Segunda Divisão do Campeonato Carioca. Com o título, eles entraram de vez no futebol. No ano seguinte, a equipe se sagrou campeã carioca pela primeira vez, apesar das tentativas dos rivais de tirá-lo da disputa, sob o argumento de que não possuíam um estádio à altura da competição.

Com o crescimento da atividade futebolística na capital federal, nos anos de 1930, o primeiro jornal totalmente dedicado a editoria esportiva nasceu no Brasil: o *Jornal dos Sports*. Outros grandes periódicos da época já reservavam uma parte do espaço para o tema, como *A Gazeta*, de São Paulo, que, segundo o site da Fundação Cásper Líbero⁴, criou em 1918 uma pequena coluna, de um quarto de página, voltada ao segmento, intitulada *Gazeta Esportiva*. Sua popularização fez com que este espaço se transformasse em suplemento em 24 de dezembro de 1928, denominado *A Gazeta – Edição Esportiva*.

Este cenário de criação e consolidação do futebol no Brasil foi importante para que a prática esportiva se espalhasse pelos quatro cantos do país.

A trajetória das práticas não para por aqui. Muito mais aconteceu depois que o futebol foi introduzido e os jornais passaram a noticiar os confrontos e seu desenvolvimento. Tudo que foi descrito neste tópico é fundamental para entender como que o esporte floresceu em Juiz de Fora, e aqui, criou grandes times, jogadores, torcedores, e, acima de tudo, histórias.

³ Disponível em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al260220031p.htm>> Acesso em: 15 de maio de 2017.

⁴ Disponível em: < <http://fcl.com.br/gazeta-esportiva/>> Acesso em: 15 de Maio de 2017.

2.1 ESPORTE E IMPRENSA EM JUIZ DE FORA

A construção da relação entre imprensa e esporte em Juiz de Fora foi mais branda do que vimos nos grandes centros urbanos. Segundo Neiva (1993), a cidade, no quarto final do século XIX, ainda florescia economicamente, já que havia sido alçada à condição de município poucas décadas antes, nos anos de 1850. Com a chegada do café, a região dava os primeiros passos para ser uma das principais zonas de exportação do produto no país. Com a vinda do capital, a imprensa encontrou espaço para se desenvolver.

Há uma divergência em relação ao número de periódicos que foram desenvolvidos nos primórdios do município de Juiz de Fora. O historiador Paulino de Oliveira (1966) destaca que “entre 1870 e 1900, apareceram na cidade mais de cem publicações, não incluindo algumas de vida efêmera que surgiram em vários Distritos” (OLIVEIRA, 1966, p. 180).

Já Neiva (1993) faz a contagem de 93 jornais, entre 1870 e 1922. Diferenças numéricas a parte, fica evidente como havia um público que consumia as publicações jornalísticas da época.

Em 1870 surgiu “*O Constituinte*” em plena corrida desenvolvimentista da cidade com a rodovia “União Indústria” operando francamente e o sistema ferroviário escoando as sacas de café e trazendo riquezas para a região. Pouco se sabe sobre este período, exceto que teve vida curta, durando apenas 6 meses (NEIVA, 1993. p.17).

Na sequência, em 22 de junho de 1870, surgiu o jornal *O Imparcial*. Os dois primeiros periódicos, segundo Neiva (1993), tinham uma característica em comum: eram essencialmente políticos.

Em uma época de efervescência política no Brasil, que tinha acabado de sair da Guerra do Paraguai (1874-1880), e via nascer os primeiros partidos republicanos, contra a Monarquia vigente, as publicações visavam defender um ideal. Ainda de acordo com Neiva (1993), *O Imparcial* tinha um cunho abolicionista. Porém, as duas gazetas, pertencentes a Assis Mendes Ribeiro, não duraram mais que seis meses.

Depois destas primeiras experiências jornalísticas, o município conheceu seu primeiro grande meio de comunicação, que viria a marcar a história da cidade nas suas primeiras décadas: *O Pharol*, fundado em 1871.

Nos seus primeiros anos, “*O Pharol*” passou por diversas orientações ideológicas assumindo o pensamento político de seus proprietários. [...] A princípio, a folha adotou o liberalismo de Dupin que adquiriu o título em 1875. O periódico deu uma guinada de 180 graus ao ser comprado por Lindolfo Assis, em 1885, quando adotou a orientação conservadora. Em 1889, nas mãos de Jorge Braga, o jornal sustentou o cunho imparcial e se transformou em monarquista dois anos depois, quando passou a ser propriedade de uma sociedade anônima organizada por Alfredo Ferreira Lage. [...] Entretanto, a orientação monarquista cedeu lugar novamente à postura republicana, quando “*O Pharol*” foi adquirido por Bernardino Rodrigues Silva, em 1897 (NEIVA, 1993. p.18-19).

Em um curto espaço de tempo, dez jornais diários foram criados na cidade, segundo os estudos de Oliveira (1966).

- *Diário de Minas*, em 1888. No ano seguinte, se fundiu com *O Pharol*;
- *O Pirlampo*, em 1888;
- *Gazeta da Tarde*, em 1889;
- *Diário da Manhã*, 1891;
- *Juiz de Fora*, 1893;
- *Jornal da Tarde*, 1893;
- *Diário da Tarde*, 1894;
- *Correio da Manhã*, 1894;
- *Jornal do Comércio*, 1896;
- *Novidades*, 1898;

Apesar do número expressivo de publicações na época, o esporte era pouco divulgado. Araújo (2003) mostra que entre o final do século XIX e o início do XX, poucas colunas foram dedicadas às notícias esportivas. No primeiro mês de “*O Pharol*”, nenhuma linha foi escrita sobre o tema.

Dez anos após a chegada do periódico na cidade, as primeiras notícias sobre esporte foram escritas, dando início, ainda em passos lentos, a criação do jornalismo esportivo na cidade.

Consta-nos que a comissão encarregada de promover junto do governo geral a aprovação dos estatutos da Sociedade de Animação, vai dar os precisos passos, para aquele fim. Compõem a dita comissão os Drs. Miranda Ribeiro, Horta Barboza e Ayres do Nascimento.” (*O Pharol*, Juiz de Fora, 03 mar. 1881. p.1. Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

Nos meses e anos seguintes, o jornal continuou a falar sobre as práticas, mas de forma superficial. Informações relacionadas a xadrez, bilhar, dominó, esgrima e touradas eram registradas em suas páginas. Como visto no tópico anterior, o futebol ainda não tinha chegado ao Brasil, e as principais atividades da época eram o turfe, as touradas e o remo. Juiz de Fora seguia o padrão do que estava acontecendo nos grandes centros urbanos.

Em 1886, o jornal “*Correio de Juiz de Fora*”, publicado as terças, quintas e domingos, divulgava as primeiras “corridas a pé” da cidade.

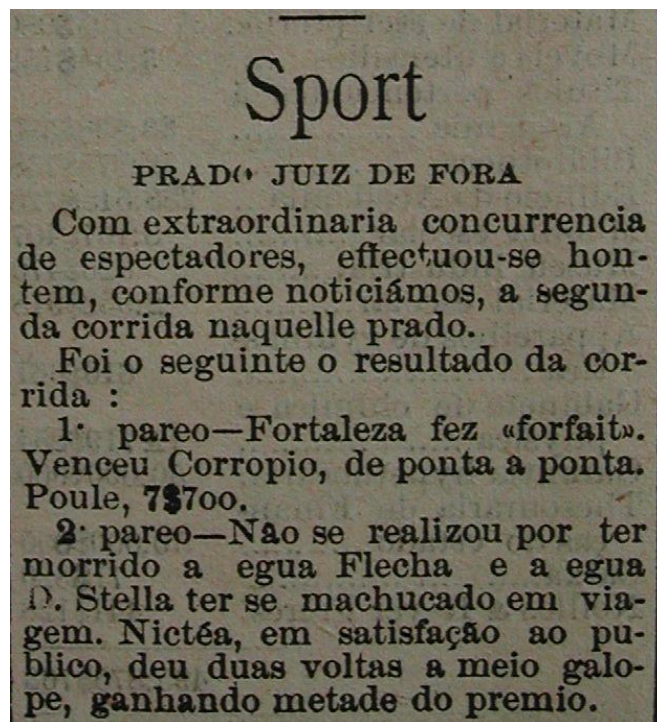
Estão marcados para o dia 28 do corrente as primeiras corridas a pé.
Consta-nos que muitas famílias se preparam para assistir a esta festazinha dos alumnos do Collegio S. Salvador.
Haverá 7 pareos nos quais correrão *pequenos e médios*.
A inauguração das corridas a pé do Club athletico S. Salvador, de que já demos notícia n’outro lugar virão assistir muitas pessoas e famílias de fora, segundo nos consta.
Tudo promete que os estudiosos alumnos do collegio S. Salvador farão uma festazinha brilhante, digna de jovens e activos emprehendedores como elles são.
Ao club já foram oferecidos alguns prêmios para serem conferidos aos vencedores.

N'outra secção publicamos o programa das corridas.” (*Correio de Juiz de Fora*, Juiz de Fora, 18 mar. 1886. p. 2 Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

As notícias esportivas da época ficavam espalhadas ao longo dos jornais. Em alguns, como o *Gazeta da Tarde*, as publicações relacionadas à editoria eram escritas em seções separadas. No caso do referido noticiário, ficava na seção “*Divirtam-se*”.

O esporte nos anos finais do século XIX era tratado nos veículos como divertimento. Entretanto, os primeiros passos para um espaço exclusivo para o tema eram dados. O *Jornal do Comércio*, na publicação do dia 31 de janeiro de 1898, noticia uma matéria em seção própria, intitulada “*Sport*”.

Figura 1:Primeiro registro de um jornal de Juiz de Fora com uma seção separada para as notícias esportivas.



Fonte: *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 31 jan. 1898. p.1. (Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

O futebol, até então novidade no país, só chegou a ser noticiado em Juiz de Fora, cinco anos depois da sua chegada. A primeira nota é encontrada na edição do dia 05 de abril de 1899, no “*Correio de Minas*”. A publicação destacava uma partida em Vienna d’Áustria, de um campeonato disputado entre estudantes ingleses e alemães.

Neste ponto, é necessário fazer um salto histórico. Apesar de não ter sido noticiado na época, hoje, se sabe que o futebol chegou em terras juiz-foranas no início da década de 1890. Segundo matéria publicada pelo repórter Bruno Ribeiro (2015) intitulada “*Escola de MG tem*

registro de futebol antes da chegada de Charles Miller” no Portal Globo Esporte Zona da Mata, há registros do início da prática na cidade, mais precisamente no Instituto Metodista Granbery, localizado no bairro de mesmo nome, antes mesmo da introdução oficial do esporte no país.

Charles Miller é tratado como o pai do futebol brasileiro. A história, contada em vários livros, aponta ele como o homem que trouxe literalmente a bola para rolar em terras brasileiras, no fim do século 19, em 1894. A partida em que o São Paulo Railway venceu a São Paulo Gás Company por 4 a 2, em 14 de abril de 1895, em São Paulo, é o marco do primeiro jogo de futebol disputado no Brasil.

Porém, os registros de uma instituição de ensino centenária de Juiz de Fora, cidade na Zona da Mata de Minas Gerais, mostram que é possível que a bola já estivesse rolando no país algum tempo antes. Está documentado que em 1893 - ou seja, dois anos antes do jogo registrado por Miller - dois times de alunos disputaram uma partida nas dependências da escola. (RIBEIRO, 2015).

A ata, contendo os registros da partida de futebol no Instituto Metodista Granbery, pode ser vista no *Programa Mosaico* do dia 03 de setembro de 2007⁵. A versão contada por Ribeiro (2015) pode ser confirmada na publicação do *Correio de Minas*, no dia 14 de maio de 1920. O texto, escrito por “Elmo”, pseudônimo de Francisco Salles de Oliveira (que, posteriormente, seria um dos principais presidentes da história do recém-fundado Tupi Foot Ball Club), conta o processo da evolução do futebol em Juiz de Fora.

“Elmo” relembra o processo de criação do esporte e suas origens britânicas. Fala ainda sobre a chegada da bola em Juiz de Fora e a fácil adaptação aos alunos do colégio Granbery. Com o sucesso da prática, outras instituições da época resolveram seguir o mesmo caminho. O Academia de Comércio construiu seu próprio campo e deu início aos treinamentos.

Não demorou para que partidas entre os dois times começassem a acontecer. Os confrontos, segundo a publicação, foram importantes para a divulgação da prática entre os moradores juiz-foranos. Times como o *Mineiro*, *Uranos*, *Guarany*, *Riachuelo*, entre outros, nasceram inspirados nestes dois importantes colégios.

Foram jogos que empolgaram a todos, tal o ardor com que eram disputadas estas fortes luctas. Mas, com uma organização mais modelar, os granberyenses, quasi sempre venciam, erguendo dia a dia os créditos de seu grêmio. [...] Os granberyenses continuavam porém, *leaders* incontestáveis possuindo jogadores, que ficaram celebres, sendo ainda hoje recordados saudosamente. Dando início aos jogos com outros grêmios, já então existentes em Minas, em 1907, os representantes de ‘O Granbery’ obtinham memorável vitória sobre os campeões de Barbacena. Já então estas luctas eram acompanhadas com mais interesse pelo publico. [...]

Durante este período a supremacia granberyense se fazia sentir de modo notável, seguida dos rapazes da Academia. Os granberyenses ainda, com o maior heroísmo, foram a Bello Horizonte e a Petrópolis, conquistando memoráveis triumphos, tornando o pavilhão de ‘O Granbery’ respeitado em todo o Estado” (*Correio de Minas*, Juiz de Fora, 14 mai. 1920. s.p. Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xGy45S0IV-8>> Acesso em: 15 jun 2017.

A consolidação, aos poucos, do futebol em Juiz de Fora, abriu espaço para a criação de clubes, nos moldes do que eram fundados nos grandes centros urbanos. Assim, nasceram três dos que seriam as principais instituições esportivas da cidade: Tupynambás, Tupi e Sport.

Segundo o Portal ACESSA (2000), na matéria sobre os 150 anos de Juiz de Fora foi ressaltado que em 15 de agosto de 1911, nasceu o Tupynambás Futebol Clube. No ano seguinte, em 26 de maio de 1912, deu início o Tupi Foot Ball Club. Por último, foi fundado o Sport Club de Juiz de Fora, no dia 24 de setembro de 1916.

Com a fundação dos dois primeiros clubes, partidas amistosas começaram a ser realizadas entre eles. E desde o início, a imprensa esteve por perto para acompanhar e noticiar. Em 18 de agosto de 1912, data do primeiro confronto entre Tupi e Tupynambás, o *Jornal do Commercio*, publicou, na segunda página, o convite para que a população acompanhasse o “*match*” que seria realizado às quatro horas da tarde, no campo da Alfândega (atual Praça Antônio Carlos).

O jogo terminou empatado em 1 a 1. Segundo Braga (1977), o Tupynambás foi formado por Tozinho; Dante e Manuelzinho; Lima, Tango e Afonso; Jorge, Sebastião, Remo, que era o capitão da equipe, Alberto e Nicomedes. Já o Tupi, entrou em campo com Ademar, June e Henrique; Horácio, Antônio Maria e George; Ernandes, Bepe, Caetano, Brito e Alvino. Ainda de acordo com o autor, no segundo encontro entre as equipes, no dia 25 de agosto, o Tupynambás se sagrou vencedor. Tozinho marcou o único gol da partida.

No decorrer dos anos, o futebol foi se tornando cada vez mais popular, ao ponto de jornais da época realizarem concursos para saber os melhores de cada posição. O *Diário do Povo*, em 1915, pediu aos seus leitores para escolherem o melhor “*Goal-Keeper*”, “*Back*”, “*Half-Back*” e “*Forward*”. Edições posteriores mostram que houve grande número de votos. Silvio Bastos, por exemplo, foi eleito o melhor “*Half-Back*”, com 4.189 votos (*Diário do Povo*, 01 mai 1915, p.1, c.3)

Figura 2: Elias Peres, do Tupynambás, foi eleito o melhor da sua posição pelos leitores do jornal *Diário do Povo*.

FORWARD	
Elias Peres	3716
Zeferino de Castro	2175
Francisco Andrade	1710
Hugo Zanetti	1533
João George	538
Antonio Leal	309
Aurelio Vaz	273
Raul Cunha	151
Luiz Pires Alves	70
Itagyba Mattos	33
Cezarino Rangel	20
Nelson Bastos	18
Orlando Carvalho	14
Orlando Camacho	8
Laert Paes Lima	8
Plínio Andrade	6
João Bretas	4
A. Smith	4
José Rangel Filho	3
Waldemar Bock	2
Abril Alves	2

Fonte: *Diário do Povo*, 01 mai 1915, p.1, c.3. (Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

Com o amadurecimento das primeiras instituições esportivas, foi criado, em 1918, o “Campeonato Citadino de Juiz de Fora”, que teve o Sport como grande vencedor. A princípio, a competição reunia apenas as equipes da cidade. Entretanto, com o passar dos anos, os torneios começaram a contar com times da região da Zona da Mata e Campo das Vertentes.

Pelos gramados juiz-foranos jogaram Quinze de Novembro, de Rio Novo; Olympic, Vila do Carmo, América e Andaraí, de Barbacena; Social e Mineiro, de Santos Dumont; Mário Bouchardet e Nacional, de Rio Branco; Flamengo e Ribeiro Junqueira, de Leopoldina; Aimorés e Bandeirantes, de Ubá; América e Pombense, de Rio Pomba, entre outros de diversas cidades.

De acordo com Testa (2007), na época amadora do futebol municipal (1918-1932), o Tupynambás foi o maior vencedor, com sete títulos, seguido do Tupi com quatro e o Sport com dois. Já na era profissional (a partir de 1932), o Carijó foi o maior vencedor, com dezessete títulos. Na sequência vem o Periquito com nove, o Tupynambás com quatro, Olympic de Barbacena e Mineira de Eletricidade (Juiz de Fora) com dois, e Industrial Mineira (Juiz de Fora), Volante (Juiz de Fora), Duque de Caxias (Juiz de Fora) e Social de Santos Dumont, com um.

Com a consolidação da prática em Juiz de Fora, as redações foram abrindo espaço para profissionais dedicados exclusivamente na cobertura esportiva. Entre os maiores ícones da

época estavam Arides Braga e Mário Helênio de Lery Santos. Mas, outros nomes foram importantes na massificação dos desportos na cidade.

Pode ser que falte algum, mas depois de Sales Oliveira, Pedro Gonçalves de Oliveira, Ormino Maia, Moacir de Brito, Osmar Silva, trabalhamos efetivamente ao lado de grandes colegas e podemos citar, com destaque, Mário Helênio de Lery Santos, o mais antigo em atividade profissional e como poucos existem no Brasil; Onofre Afonso, a serenidade em pessoa, ainda firme no jornal; Fábio Nery, que a política roubou dos desportos e foi grande cronista; Nelo Gervason, carijó tão inchado quanto o periquito Roberto Plischke, dois mestres do jornalismo; Darci Malta, o escoteiro número um do Brasil; Phintias Guimarães, Antônio Horta Jardim, Fernando Medeiros Ribeiro, de rápida passagem; José Hollanda, Gabriel Gonçalves da Silva (Bié), Mauro Lucci, Rubens Furtado, Wilson Andrade, Maurício de Campos Bastos, que começou em 1950, no lançamento da Industrial, na corrida de automóveis que dirigimos, sob o patrocínio do prefeito Dilermando e que tanto sucesso alcançou; José Carlos de Lery Guimarães, Heitor Guimarães, Maurício Menezes, Indiano Pinto Ferreira, Ivan Costa, José Cleto Moreira, João Batista de Paula, José Oceano Soares, José Céu Azul Soares, Waldir Pinto Ferreira, Cláudio Temponi, que seria grande narrador de tevê, caso a Mariano Procópio não fosse impedida de funcionar; Edgar Guimarães, que começou conosco na Editora Mineira, companheiro de todos os tempos; Adelino Notaroberto, Nestor Santos, José Constantino Couri e seu mano Jorge Couri, firme ao nosso lado, Roberto Dornelas, e outros de que não nos recordamos mais. (BRAGA, 1977. p. 97)

No decorrer dos anos, os times juiz-foranos foram se desenvolvendo e passaram a realizar partidas fora da cidade, principalmente contra os adversários de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Precisando abastecer os leitores das informações dos clubes, os jornalistas precisavam arrumar formas para conseguir acesso aos fatos. Braga (1977) conta que a comunicação era rudimentar na época. Por isso, os dados vinham através de telégrafos, geralmente da Polícia Militar, horas após os jogos.

Com o tempo, os jornais impressos deixaram de ser os únicos meios de comunicação disponíveis na cidade. No final da década de 1920, chegava a Juiz de Fora o rádio. Com o advento da nova tecnologia, a parceria entre jornalismo e esporte só aumentou.

De acordo com Pequeno e Bara (1993), a primeira transmissão radiofônica juiz-forana aconteceu no dia 1º de janeiro de 1926. O jornalista José Carlos Sobrinho, da própria casa, que ficava na Rua Tiradentes, esquina com a Rua Marechal Deodoro da Fonseca, fundou a *Rádio Sociedade de Juiz de Fora*, com o prefixo PRA-J.

Segundo os autores, quatro anos mais tarde, muda-se prefixo da rádio, para PRB-3, nome que a fazia conhecida em toda a região. Mais tarde, o proprietário vende o veículo para acionistas como o Governo de Minas, Albino Esteves e Pedro de Oliveira.

O acervo do professor e pesquisador Márcio de Oliveira Guerra e do estudante Bruno Guedes, aponta que na antiga *Rádio Sociedade* surgiram os primeiros programas de esportes. Em 1936, entrou no ar o “*Noticiário Esportivo*”, comandado por Arides Braga, que era transmitido duas vezes por dia, às 10h e às 21h. Anos depois, em 1942, Gabriel Gonçalves da Silva (Bié), lançou o “*Bandeira Esportiva*”, programa diário de 30 minutos.

Com a inserção do esporte nas ondas do rádio juiz-forano, não demorou muito para que a primeira transmissão esportiva fosse realizada. Araújo (2003) conta que no dia 14 de junho de 1944, Sport Club Juiz de Fora e Clube de Regatas Vasco da Gama realizaram um amistoso. Bié foi o narrador, com comentários de Capitão Oscar Silva e assistência técnica de Jardelino de Souza. A estreia não deu sorte para o periquito, que foi goleado por 7 a 2.

No dia 19 de fevereiro de 1949, surge no município a *Rádio Industrial*, inspirada na *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, maior do país. A relação do veículo com o esporte já começou no primeiro dia de funcionamento, quando transmitiram uma corrida de carros de quatro pontos diferentes da cidade, de acordo com Bara e Pequeno (1993).

O envolvimento com o desporto era tão grande que, ainda segundo Bara e Pequeno (1993), a equipe dos três “Ms” – Mário Helênio, Mauro Licci e Maurício Campos Bastos – foi enviada ao Rio de Janeiro para transmitir o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1949 e a Copa do Mundo de 1950, direto da cabine 17 do Maracanã, no Rio de Janeiro. A rádio também participou da cobertura do Campeonato Mundial de Basquete, em 1954, também na então Capital Federal. Além da equipe esportiva, a *Rádio Industrial* tinha seu próprio programa esportivo, o “*Esporte em Marcha*”, criado em 1949 e comandado por Mário Helênio.

Com os jornais falando de futebol, e a principal emissora de rádio transmitindo *in loco* a principal competição futebolística do mundo, era de se imaginar que os próximos meios de comunicação usassem o esporte como abre-alas.

O juizforano técnico em eletrônica Olavo Bastos Freitas realizou em 1948 a primeira transmissão para televisão na América Latina. Ele transmitiu o jogo entre Tupi e Bangu a partir do estádio do Tupi no bairro Santa Terezinha em Juiz de Fora, para um pequeno monitor instalado no Parque Halfeld, dois outros monitores instalados na Rua Halfeld nas Lojas Pernambucanas e ainda outros dois na Casa do Rádio que ficava na Avenida Getúlio Vargas. Uma multidão se reuniu para assistir a transmissão, que apesar de rudimentar foi mais um marco para reforçar o imaginário da vanguarda juizforana. A transmissão foi patrocinada pela extinta Cervejaria José Weiss, que na época chegou a ser homenageada pela Associação Nacional dos publicitários, por ter tornado possível a primeira transmissão de TV da América do Sul. (LINS, 2008. p.4)

Apesar da vanguarda do juiz-forano, Francisco Assis Chateaubriand, é considerado o fundador da TV no Brasil, ao colocar no ar o sinal da *TV Tupi*, em São Paulo, em 18 de setembro de 1950.

Esta década também foi um marco de lutas e fracassos para a instalação do novo meio de comunicação em Juiz de Fora. Na época, os Diários Associados, grupo criado por Chateaubriand, detinha três dos principais veículos juiz-foranos: os jornais *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde*, e a rádio *PRB-3*. Em decorrência da forte penetração na cidade, o grupo protocolou junto ao Governo Federal um pedido de concessão para uma emissora de TV geradora de sinal em Juiz de Fora, a *TV Mariano Procópio*. (LINS; FERNANDES, 2013).

De acordo com os autores, a iniciativa faria da cidade a primeira do interior do Brasil a ser geradora de sinal de TV. Naquele momento, o grupo tinha apenas três emissoras, a *Tupi*, em São Paulo (1950), a *Tupi*, no Rio de Janeiro (1951) e a *TV Itacolomi*, em Belo Horizonte (1955).

Contudo, não era apenas os Diários Associados que havia entrado com o pedido de concessão da geração de sinal na cidade. Um dos concorrentes era o proprietário da *Rádio Industrial*, Sérgio Mendes. Mesmo sem a definição da concessão por parte do Governo, a *TV Mariano Procópio* começou a funcionar em caráter experimental, em 1961. Segundo Fernandes e Lins (2013), no dia 10 de outubro do mesmo ano, é lançado o programa “*Boa Vizinhaça*”.

O final da história, no entanto, não é nada feliz para a *TV Mariano Procópio*. Ainda segundo os autores, devido ao bom trâmite de Mendes no Governo Federal, a concessão foi feita para o grupo da *Rádio Industrial*, em 1963. Assim, no ano seguinte, é lançada a *TV Industrial*, canal 10 de Juiz de Fora.

Mesmo com a derrota dos idealizadores da *TV Mariano Procópio*, não se pode deixar de destacar a relação de parceria entre a imprensa e o esporte. Desde os primórdios da bola em terras juiz-foranas, sempre houve uma pessoa querendo noticiar e divulgar a novidade. Isso fez com que vários nomes do jornalismo esportivo se destacassem, como bem afirma Arides Braga. Essa relação fica mais forte com a chegada do rádio, e a consolidação de Mário Helênio como o maior expoente da divulgação do esporte local.

E é justamente através dessa parceria, que os clubes crescem, o campeonato local se valoriza, e identidades como “Campeão do Centenário” e “Fantasma do Mineirão” são criadas e perpetuadas, como veremos nos próximos capítulos.

3 SPORT CLUB JUIZ DE FORA, O “CAMPEÃO DO CENTENÁRIO”

A história do futebol de Juiz de Fora, observada a partir da fundação dos clubes começa em 15 de agosto de 1911, com a criação do Tupynambás Futebol Clube. O Baeta, apelido surgido por causa do tecido de cor vermelha do seu uniforme, deu o pontapé inicial para as organizações futebolísticas na cidade. Segundo o jornalista Arides Braga (1977), as primeiras reuniões da recém-criada instituição foram realizadas no Largo da Alfândega, atualmente Praça Antônio Carlos. No mesmo local havia um campo, onde a prática esportiva começava a ser desenvolvida.

O Tupi Foot Ball Club⁶ foi fundado oito meses depois, em maio de 1912. Quatro anos e quatro meses depois, precisamente no dia 24 de setembro de 1916 foi fundado o terceiro clube de futebol da cidade, o Sport Club Juiz de Fora. Em entrevista ao Programa Mosaico⁷, o jornalista Márcio Guerra relembra o início da história do clube

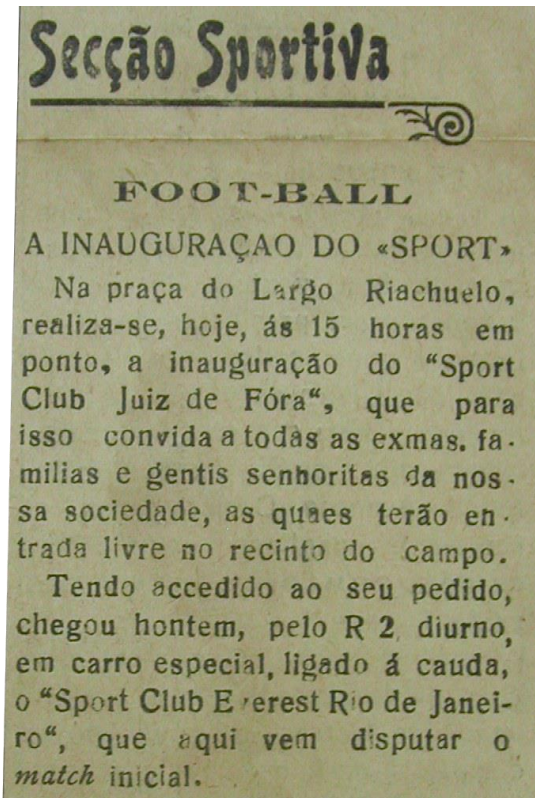
Tem um conflito em relação à sua data. Algumas pessoas defendem que o clube foi fundado no dia 24 de setembro e outras no dia 16 de setembro. Mas o certo é que foi um grupo de pessoas que fundou uma associação chamada “Chat Noir”, e que deste grupo, que se reunia na Rua Santo Antônio, antiga reitoria da UFJF, onde foi a primeira sede do clube. [...] se criou um time de futebol. (PROGAMA MOSAICO, 2016)

Braga (1977) corrobora esta versão, dizendo que na época, em um encontro entre Joaquim Cruzeiro do Nascimento e José Procópio Teixeira (futuro patrono do clube), ficou acertado o uso do campo localizado na rua Santo Antônio para a fundação da seção de futebol do Comercial Clube. Após esta conversa, Joaquim convidou Antônio Mourão Guimarães para ser o presidente do departamento. Abril Araújo Alves (um dos criadores do “Chat Noir Football Club) propôs então que o melhor seria fundar o Sport Club Juiz de Fora. Tendo o pedido acatado, o referido clube foi criado. Alves ficou com o cargo de diretor esportivo, enquanto Antônio Mourão se tornou o primeiro presidente, com Marinho da Rocha sendo vice-presidente; Arthur Vieira, tesoureiro, e Joaquim Cruzeiro do Nascimento, secretário.

⁶ Informações sobre a fundação do Tupi Foot Ball Club no próximo capítulo.

⁷ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=1M5A9aXAlY> > Acesso em: 15 jun 2017.

Figura 3: O jornal *Correio de Minas* destaca a inauguração do Sport Clube Juiz de Fora



Fonte: *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 01 out 1916, p.2, c.5 (Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

Figura 4: *Jornal do Commercio* também destaca a inauguração do Sport Club Juiz de Fora



Fonte: *Jornal do Commercio*, Juiz de Fora, 01 out 1916, p.1, c.6 (Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

Para a partida de inauguração, o Sport trouxe o Sport Club Everest do Rio de Janeiro. O confronto terminou com vitória dos juiz-foranos por 1 a 0, gol contra de Pecego, nos minutos finais da peleja. O *Correio de Minas* destacou o entusiasmo e a presença do torcedor no estádio.

Magnífica a tarde de ante-hontem para o exercício do *foot-ball*. O céu estava lindo e, comquanto fizesse calor, de vez, a brisa soprava refrescando o ar e animando os disputantes e assistentes. Cheio, completamente cheio, ficou o novo campo. Desde 2 horas da tarde que numerosos grupos de homens, crianças, senhoras, senhoritas se dirigiam para o campo. Foi, sem dúvida, a primeira vez que Juiz de Fora se viu tão selecta e escolhida assistência. Em cerca de 3 000 pessoas foi avaliado o número de expectadores. (*Correio de Minas*, Juiz de Fora, 03 out 1916, p.3, c.2-3)

Segundo o mesmo periódico, o primeiro time do Sport a entrar em campo era formado por Henrique, Couto e Bastos; Ventania, Jayme e Aché; Aguiar, Lincoln, Carioca, Rondinelli e Morgan. O Everest foi escalado com Fausto, Vieira Leite e Rollo; Juquinha, Zezé e Pecego; Faro, César, Newton, Fonseca e Doce.

Com o início da prática futebolística, a imprensa local começou a acompanhar os jogos realizados pelo Periquito, assim como a das outras equipes juiz-foranas. Ao longo de 1916, o alviverde, outro apelido do clube, realizou outras três partidas. Segundo “Justo Mineiro”, pseudônimo que assinava as crônicas do jornal *Correio de Minas*, o Sport empatou com o Fluminense-RJ por 2 a 2, no dia 19 de outubro; em 15 de novembro, perdeu por 2 a 1 para o Petropolitano, de Petrópolis, e no dia 10 de dezembro, empatou sem gols com o Ouro Preto, de Tiradentes, mas a partida terminou ao final do primeiro tempo por causa da chuva.

Em 1917, devido ao interesse do então presidente da Liga Mineira de Futebol, Marcondes Ferraz, foi realizado um confronto entre as seleções de Juiz de Fora e Belo Horizonte. O time local, naquela ocasião, foi formado por jogadores do Tupi, Tupynambás e do colégio Academia: “Apparicio; Raul e Pelágio; Coke, Hernani e Chavez; Nelson, Aguiar, Hugo, Totonio e Mingo” (*Diário Mercantil*, 15 out 1917, p.2, c.4)

O embate, segundo a mesma publicação, terminou empatado em 0 a 0, devido ao mal tempo. No dia, uma chuva muito forte prejudicou o gramado do Campo da Alfândega (atual Praça Antônio Carlos), campo do Tupi. Por isso, o árbitro Mário Couto, jogador do Sport, decidiu encerrar a partida antes do combinado.

A vinda do selecionado mineiro impulsionou o esporte na cidade. Graças aos colégios, que iniciaram a prática esportiva e, posteriormente, aos clubes, Juiz de Fora possuía quatro equipes, Tupynambás, Tupi, Sport e Renato Dias (fundado em março de 1917). A união e organização de seus diretores resultaram, em 22 de fevereiro de 1918, na fundação da Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres, sob a presidência do Coronel Renato Dias (BRAGA, 1977, p.59).

Para celebrar, a Liga organizou o primeiro ‘Campeonato Citadino de Juiz de Fora’. A novidade foi divulgada pelos jornais da época, como na edição do dia 31 de maio de 1918 do *Diário Mercantil*.

Figura 5: *Diário Mercantil* destaca a disputa do torneio de “foot-ball”



Fonte: *Diário Mercantil*, 31 maio 1918, p.1, c.2 (Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

E logo no primeiro campeonato oficial, o Sport se sagrou campeão (também venceram o “Torneio Início”). Segundo Braga (1977), a partida inaugural do torneio foi disputada entre Tupi versus Tupynambás. Melhor para os Baetas, que venceram por 1 a 0, gol de Hugo Zanetti. Ainda de acordo com o jornalista, os Periquitos venceram o primeiro confronto do torneio, ao bater os rubros, outro apelido do Tupynambás, por 4 a 2, oito dias depois da abertura do campeonato. O time que conquistou a vitória foi formado por Bombeck, Chimbim e Manoelzinho; Ventania, Paleta e Aché; Mário, Peres, Lincoln, Boque e Jair. O *Diário Mercantil* destacou na edição do dia 15 de julho que os gols foram marcados por Boque, duas vezes, Peres e Mário para os alviverdes, com Pereira (de pênalti) e Panconi descontando para o adversário. O técnico do time era o diretor esportivo Abril de Araújo Alves.

Figura 6: Tabela e resultados do Campeonato Municipal de 1918

SUB LIGA MINEIRA DE DESPORTOS TERRESTRES									
FUNDADA EM 22 DE FEVEREIRO DE 1918									
1º TORNEIO INÍCIO : 9 DE JUNHO DE 1918 - VENCEDOR : SPORT CLUB JUIZ DE FORA									
JOGOS : TUPYNAMBÁS x TUPÍ - SPORT - RENATO DIAS - FINAL : SPORT x TUPYNAMBÁS									
PRIMEIRO CAMPEÃO OFICIAL - 1º QUADROS : SPORT CLUB J. FORA - 2º QUADROS : TUPÍ F.C.									
TURNO					RETURNO				
JULHO 7	TUPYNAMBÁS 1	TUPI 0	AGOSTO 25	RENATO DIAS 0	SPORT 4	PONTOS PERDIDOS			
14	SPORT 4	TUPYNAMBÁS 2	SETEMB* 1	TUPI 1	TUPYNAMBÁS 3	SPORT - 4			
28	RENATO DIAS 2	TUPI 2	8	TUPYNAMBÁS 1	SPORT 1	TUPYN. - 4			
AGOSTO 4	TUPI 3	SPORT 1	15	TUPI 1	RENATO DIAS 2	TUPI - 8			
11	TUPYNAMBÁS 4	RENATO DIAS 2	29	SPORT 2	TUPI 2	RENATO - 8			
18	SPORT 4	RENATO DIAS 3	OUTUBº 6	RENATO DIAS 1	TUPYNAMBÁS 1				

DECISÃO DO CAMPEONATO DE 1918 EM 6 DE ABRIL DE 1919 - CAMPEÃO : SPORT CLUB J. FORA

SPORT : ABRIL, MANOEL e GALO - ACHÉ, PALETTA e CEZARINO - COELHO, OSMAR, PÉRES, BOQUE e JAIR. TENTOS : OSMAR, PÉRES, COELHO - DESFALQUES < LINCOLN, MÁRIO, VENTANIA, RAUL BOMBACK, JAIR, ARAÚJO

3

TUPYNAMBÁS : SETTA, DANTE e WEINGRILL - JESUS, MÁRIO e NINÉA - MASSON, REIS IIº, HUGO, TOTONIO e RAUL. TENTOS : MASSON e TOTONIO - DESFALQUES < REIS, PANCONI, CARLETO MINEIRO, PEREIRA, NICOMEDES

2

72 JOGADORES

SPORT 24 : BOMBACK, J. LOPES, MANOEL, VENTANIA, PALETTA, ACHÉ, MÁRIO, PÉRES, LINCOLN, BOQUE, JAIR, CAXAMBÚ, GALO, CHAPEAU, COELHO, ARAÚJO, TROÇO, MAURICIO, COSTA, GOYATA, ABRIL, CEZARINO, OSMAR, GERMANO

TUPYNAMBÁS 19 : REIS, DANTE, WEINGRILL, NICOMEDES, PANCONI, CARLETO, MASSON, PEREIRA, HUGO, TOTONIO, PELÁGIO, MILTON, MINEIRO, SETTA, MÁRIO, NINÉA, REIS IIº, RAUL, JESUS.

TUPI 15 : MÁRIO NOVAIS, RAUL, OTHELO, ACYR, ERNANI, FELIPPE, NENEM, HUMBERTO, AGUIAR, GONÇALVES, MINGO, LALINHO, TININHO, CORRÊA, JACINTO.

RENATO 14 : ORMINDO, DUCA, MIMI, PERINI, CHAVES, CANÁRIO, DOGA, DANIEL, TIMPONI, PRIMO, JOÃO, GORDO, BAIANO, ALBERTO.

21 DE JULHO AMISTOSO TUPYNAMBÁS x RENATO DIAS - INAUGURAÇÃO DO CAMPO DO PARQUE JOSÉ WEISS

3 4

Fonte: Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes

Figura 7: Time do Sport Club Juiz de Fora, campeão de 1918



O TIME DO SPORT, QUE CONQUISTOU O PRIMEIRO TÍTULO DO NOSSO FUTEBOL EM 1918 — A decisão do título de 1918, o primeiro do nosso futebol, foi ganha pelo Sport, com um time desfalcado de vários titulares, formando, a partir da esquerda para a direita com Boque, Coelho, Galo, Cesarino, Goiatá, Abril, Paleta, ambos de chapéu, Manoelzinho, Cunha, Germano, Chimbim, (aparece só o rosto), chamado o "time da espanhola", pois foi difícil formá-lo, devido a famosa gripe da época. Uma foto rara.

Fonte: BRAGA, 1977, p.38

Ao longo do turno e retorno, Sport e Tupynambás terminaram com a mesma pontuação (na época se computavam os pontos perdidos). Com isso, uma partida de desempate foi marcada pela Sub-Liga, no campo do Sport, vencida pelos periquitos por 3 a 2.

As equipes entraram em campo com uma decidida vontade de ganhar a victoria e com ella os louros do campeonato de 1918. Assim foi. O jogo, desde o seu início, decorreu animado, empolgando todas as atenções. A assistência não se continha nos seus applausos e manifestações entusiasticas por este ou por aquelle club, acoroçoando-se para a luta, que cada vez se tornava mais intensa e encarniçada (*Diário Mercantil*, 07 abr 1919. p.1, c.5)

Ao longo dos anos, o alviverde voltou a conquistar o torneio municipal nos anos de 1930, 1942, 1950, 1953, 1955, 1956, 1959, 1962, 1967 e 1968, segundo Braga (1977).

Com o desenvolvimento do futebol, o Sport foi modernizando o estádio localizado na rua Santo Antônio. Braga (1977) relata que o clube construiu a primeira arquibancada coberta do Estado de Minas Gerais. Na parte de baixo, funcionavam o salão de baile, secretaria, vestiários, depósito de material e outros departamentos da instituição. Ao lado, eram localizados a sede, o salão de dança e a quadra cimentada para vôlei e cestobol.

Junto com a evolução das instalações, os periquitos investiram na divulgação de suas informações. Ribeiro (1999) conta que em 15 de março de 1927, foi lançado uma espécie de jornal, distribuído de forma quinzenal. O clube, então, tornou-se a primeira instituição esportiva da cidade a ter um órgão informativo próprio.

Buscando melhorar ainda mais a estrutura, a diretoria, presidida à época por Francisco Queiróz Caputo, resolveu buscar um terreno para a construção do novo campo. Em entrevista ao documentário *Sport Club Juiz de Fora - 90 anos (1916-2006)* (2006), o ex-diretor Isaías Bagno recordou que nos meados da década de 1930 o campo na rua Santo Antônio era apelidado de “estadinho”. Com o crescimento do quadro social, a instituição precisava oferecer melhores serviços aos associados. Por isso, resolveram mudar de sede, indo para a avenida Rio Branco, onde se localiza até os dias de hoje.

De acordo com Braga (1977), no novo terreno estão localizados o Estádio Procópio Teixeira, um ginásio, uma sede social e um parque aquático. No documentário *Sport Club Juiz de Fora - 90 anos* (2006), é ressaltado que em 1938 foi construída a primeira piscina suspensa da América Latina. Um feito que orgulha a todos no clube.

Este crescimento do Sport só foi possível graças a Francisco Queiróz Caputo, presidente que por mais tempo dirigiu um clube de forma ininterrupta no mundo: 51 anos, entre 1935 e 1985. O feito está registrado no Guinness Book, o livro dos recordes. “Caputo nasceu no dia 11 de novembro de 1901, em Vargem Grande (hoje Belmiro Braga). Veio para Juiz de Fora quando

“tinha 10 anos. Em 1916, quando o Sport foi fundado, ele já estava lá, participando como jogador” (RIBEIRO, 1999, p.35-36)

O autor conta que, não tendo tanto talento para o esporte, Caputo parou de jogar, mas não abandonou o clube. Se tornou o sócio proprietário número 17, e foi eleito presidente pela primeira vez no dia 27 de dezembro de 1934, numa emergência. A princípio, ficaria à frente do Periquito por três ou quatro meses, devido ao pedido de demissão do então presidente Ormino Maia. No fim, foi reeleito 24 vezes seguidas.

Figura 8: Busto de Francisco Queiróz Caputo, localizado na Sede Social do Sport



Fonte: Reprodução do Programa Mosaico, Juiz de Fora: TVE, 27 de setembro de 2016. Programa de TV. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=IpeP7QnpuFY> > Acesso em: 16 jun 2017

Isaías Bagno, que conviveu com Francisco Queiróz Caputo assim descreveu o “presidente de ferro”:

Nós tínhamos um presidente que era um fenômeno. Clube nenhum teve um presidente como o Sport teve o senhor Francisco Queiróz Caputo. Sr. Caputo era um homem de bom coração, corretíssimo, muito sincero e muito honesto. Ele defendia as coisas do Sport como se fosse a família dele. Nunca se aborreceu com o Sport. Sempre lutou pelos interesses do clube. As vezes ele era tido como inconveniente pelos adversários, porque ele não deixava passar o Sport para trás. Ele defendia o Sport com unhas e dentes (SPORT Club Juiz de Fora, 2006)

Sob a liderança de Caputo, o Sport não só viveu alegrias fora de campo. O futebol prosperava, com os títulos de 1930 e 1942, este de forma invicta. Inclusive neste torneio, os Periquitos foram campeões com direito a três vitórias sobre o Tupi, como relembrou Isaías

Ao longo dos anos, grandes atletas e dirigentes passaram pelo Sport Club Juiz de Fora, deixando suas contribuições, e, por isso, não serão esquecidos.

Não se pode deixar de relembrar os grandes nomes do Sport, como Dalvo de Campos Barros, Teotônio da Cunha Mendes, Geraldo Miranda Campos, Rubens do Carmo Abreu, José Lima Dias, Joaquim Fernandes Rosa, Arlindo Leite, Arlindo Duarte, Cesário Brandi, Fernando de Paiva Matos, Francisco Mariani Guariba, Paulo Cesário Monteiro da Silva, João Bernardino Alves, Luiz Murgel, Antônio Carlos Pereira, João Batista de Rezende, Sílvio Gomes, Paulo Rocha, Felipe Calill Feres, João Teixeira Lopes, Romeu Arcuri, Adolpho Rodrigues, Antônio de Castro Teixeira, Braz Magaldi, mestre internacional de tiro; José Garcia Machado, João da Silva Castro, Fábio Silva, Antônio Devanir Delgado, Gilberto Velasco de Oliveira, Nelson Fernandes de Oliveira, Olavo Costa, Vespasiano Pinto Vieira Filho, José Simão, Thiers Cerutti e muitos outros (BRAGA, 1977, p.41)

Braga (1977) conta em seu livro que o alviverde era conhecido por ganhar títulos em grandes acontecimentos. Venceu o campeonato em 1918, ano que terminou a Primeira Guerra Mundial; em 1930, levantou o troféu no mesmo ano da Revolução da Aliança Liberal, que levou Getúlio Vargas ao cargo de Presidente da República; 12 anos depois, em 1942, ganhou o terceiro título, ano em que o Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha e Japão), na Segunda Guerra Mundial, e, finalmente, em 1950, foi campeão no ano que Juiz de Fora comemorava o centenário.

3.1 O “CAMPEÃO DO CENTENÁRIO”

1950 era especial para todos os juiz-foranos. Era o ano em que seria comemorado o centenário da emancipação política da cidade. Por isso, as páginas do jornal *Diário Mercantil* (1950) destacavam, quase que diariamente, obras e serviços que estavam sendo preparados em homenagem aos 100 anos de Juiz de Fora. O Hospital de Pronto Socorro ganhava melhorias, como mesa ortopédica, ambulância e máquina de Raio-X; começava a construção do Bairro Parque Bairu (onde hoje é localizado o referido bairro); novos prédios para a Santa Casa de Misericórdia e Faculdade de Medicina eram inaugurados; o Museu Mariano Procópio criou a “Sala Juiz de Fora”, com objetos e documentos que ilustravam a história da cidade; edifícios imponentes como o “Santa Cecília” e o “Gattás Bara”, foram finalizados, no centro da cidade; a escola de enfermagem Hermantina Beraldo diplomava suas primeiras alunas, e, no Rio de Janeiro, capital do país, o deputado federal Lery Santos iniciava as conversas para a federalização das escolas de ensino superior da cidade. Na época, o sonho era a criação da Universidade de Juiz de Fora, na cidade que tinha 127.100 habitantes, segundo o censo realizado naquele ano.

Figura 10: Página do *Diário Mercantil* destacando a criação da “Sala Juiz de Fora”, em homenagem ao centenário da cidade



Fonte: *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 03 mar 1950 p.4

No futebol, dirigentes da Liga de Desportos de Juiz de Fora (L.D.J.F), presidida por Olavo Costa, com o apoio do prefeito de Juiz de Fora, Dilermando Cruz Filho, trouxeram o time do Santos-SP para enfrentar a seleção da cidade, em um amistoso em homenagem ao centenário. A equipe paulista venceu por 2 a 1 no dia 29 de maio.

Para demonstrar ainda mais a importância do ano de 1950 para os cidadãos juiz-foranos, algumas edições do *Diário Mercantil* (1950) vinham com a frase “ano do centenário do município”, depois do escrito do dia, mês e ano da publicação.

Figura 11: Exemplo do uso da frase “ano do centenário do município” nas páginas do *Diário Mercantil*



Fonte: *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 23 mai 1950, p.1

Antes de começar a temporada para os clubes da cidade, as seleções de Juiz de Fora e Belo Horizonte se enfrentaram, com uma vitória para cada lado. No dia 13 de janeiro, os jogadores locais venceram o confronto por 3 a 1. Segundo o *Diário Mercantil* (1950) do dia seguinte, os gols da vitória foram marcados por Zu, duas vezes e Didico, com Vaguinho diminuindo para os belo-horizontinos. A revanche, disputada no dia 18, foi vencida pela equipe da capital, por 2 a 1. Aloísio abriu o placar para o time de Juiz de Fora, mas Vaguinho e Tulica deram a vitória para Belo Horizonte.

Para o Sport Club Juiz de Fora, o ano do centenário começou bem. Conforme noticiou o *Diário Mercantil* (1950), o prefeito de Juiz de Fora, Dilermando Cruz sancionou no dia 12 de janeiro uma lei votada pela Câmara Municipal, que destinava Cr\$600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros) para o clube, como forma de auxílio. Já no final do mês, os periquitos realizaram a maior transferência da história futebol local, até então, ao vender o atacante Aloísio para o Flamengo-RJ por Cr\$120.000,00. O atleta despertava o interesse de clubes como Cruzeiro-MG, Atlético-MG, América-MG, Sete de Setembro de Belo Horizonte, e Portuguesa-SP.

Figura 12: Atacante Aloísio, maior venda do futebol local até 1950



Fonte: *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 25 jan 1950. p.4

Já na natação, o alviverde classificou 19 nadadores para o “VIII Campeonato Infanto-Juvenil de Natação do Interior do Estado – Taça Assis Vieira”. Os atletas participaram de uma seletiva contra o Colégio de Cataguazes (grafia da época), da mesma cidade que leva o nome da escola. De acordo com a edição do dia 03 de março de 1950 do *Diário Mercantil*, no torneio estadual, o Sport faturou seis medalhas, sendo duas de ouro, uma de prata e três de bronze. Todas as vitórias foram conquistadas por Cléa Hannickel Caputo, nos 50 metros livre e 50 metros costas, na categoria infantil. Com os pódios, o clube terminou na sexta colocação, com 75 pontos, atrás de Patos de Minas, Varginha, Montes Claros, Uberaba, e do campeão, Uberlândia.

Os treinos do futebol para a temporada começaram no dia 30 de janeiro, sob o comando técnico de Olegário Filgueiras. Logo nos primeiros testes, o treinador esboçou a equipe titular com “José, Walter e Suiço; Márcio, Osvaldo e Wanderci; Gino, Denoni, Tuzinho, Liquinho e Carlito” (*Diário Mercantil*, 08 fev 1950. p. 4, c.7).

Naquela época era comum a realização de três campeonatos na cidade: o Torneio Início, disputado em apenas um dia, com tempo menor de duração das partidas; Torneio Municipal, jogado ora em um turno, ora em dois turnos, e o Campeonato Oficial, disputado em turno e

retorno. As equipes que iriam participar das competições em 1950 eram Duque de Caxias, Sport, Tupi, Tupynambás e Volante. Todos de Juiz de Fora.

De acordo com o *Diário Mercantil* (1950) ficou decidido para aquele ano que a temporada começaria no dia 12 de março com a realização do Torneio Início. Antes da estreia na competição, o Sport realizou um amistoso⁸ contra o América F.C, campeão de Três Rios-RJ, vencendo por 2 a 1, gols de Nery e Tusinho. O time que entrou em campo era formado por “José, Walter e Suiço; Pedro, Osvaldo e Wandeci; Lolo (Gino), Geraldino (Denorá), Denoni (Tusinho), Nery e Fonseca (Liquinho). (*Diário Mercantil*, 07 mar 1950. p.4, c.6).

Este plantel é um dos melhores, e o mostrou a peleja de ante-ontem quando, se o conjunto não satisfizesse inteiramente, brilharam vários elementos, que teriam brilhado muito mais se o quadro já tivesse harmonia, se os “cracks” já se entendessem como podem fazer. A defesa, com alguns retoques mais, estará excelente; José mostrou sua ótima forma, com duas defesas espetaculares; Walter foi um baluarte, chutando com ambos os pés e cabeceando com firmeza, e a linha média foi um espetáculo. Da defesa o mais fraco, sem porém comprometer, foi Suiço, que tecnicamente, sabe-se que é um dos melhores elementos de defesa do nosso futebol. O ataque ainda é fraco, sendo melhor o apresentado para o segundo tempo, com Denoni ou Geraldino na meia-direita. Está pouco agressivo e precisa de maior entendimento. (*Diário Mercantil*, 07 mar 1950. p.4, c.8)

Uma reunião realizada na sede da Liga de Desportos de Juiz de Fora formalizou a tabela do Torneio Início. O *Diário Mercantil* (1950) noticiou que os confrontos iriam acontecer no campo do Tupi, em Santa Terezinha, e teriam duração de trinta minutos. A ordem dos jogos seria: Duque de Caxias x Sport; Volante x Tupynambás; Tupi x vencedor da primeira partida, e vencedor da segunda partida x vencedor da terceira partida. Em caso de empate no tempo regulamentar, o vencedor seria aquele que tivesse maior número de “corners” (escanteios). Caso a igualdade persistisse, a partida continuaria e o vencedor seria o time que marcasse o primeiro gol ou conseguisse o primeiro “corner” (escanteio).

O *Diário Mercantil* do dia 14 de março de 1950 trouxe o panorama de todos os jogos. O Sport começou bem, vencendo o Duque de Caxias por 2 a 0, na abertura do torneio. Na sequência, ganhou do Tupi por 1 a 0, gol de Tusinho. Na final, diante do Tupynambás, o Periquito perdeu por 1 a 0. Com o resultado, os Baetas repetiram o feito do ano anterior, em que também venceram o campeonato. O Sport foi a campo no confronto decisivo do Torneio Início com “José, Walter e Suiço; Pedro, Osvaldo e Vandeci; Gino, Geraldino, Tusinho, Denoni e Liquinho”. (*Diário Mercantil*, 14 mar 1950. p.4, c.2)

⁸ Todos os jogos do Sport em 1950 podem ser vistos no Apêndice B.

Tabela 1: Jogos do “Torneio Início”

Jogos	Gols
Sport 2 x 0 Duque de Caxias	Tusinho e Gino
Tupynambás 0 (4) x 0 (2) Volante	-
Sport 1 x 0 Tupi	Tusinho
Sport 0 x 1 Tupynambás	Cigano

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Como a cidade à época estava vivendo o clima pelas festividades do centenário, com o futebol não era diferente. Mas, ao contrário do que era visto nas outras páginas do *Diário Mercantil* (1950), em que sempre se destacava os 100 anos da cidade, na parte esportiva, pouco se usava o termo “Campeonato do Centenário”, como ficaria conhecido o Campeonato Oficial de 1950. A primeira referência do termo aconteceu apenas na edição do dia 23 de março, na matéria intitulada “*Os clubes amadoristas receberão o auxílio*”.

Finalmente, parece que a questão do auxílio da Prefeitura aos nove grêmios que disputaram o campeonato oficial, vai ser decidida. Como tivemos oportunidade de informar os clubes em questão, tendo à frente o sr. José Pereira Braga Filho, pardo do Guarani, elaboraram um memorial ao prefeito local, no qual expunham as razões muito justas, do pedido da ordem do pagamento do auxílio votado pela Câmara em meados do ano passado. Na tarde de sexta-feira última, os representantes dos clubes interessados conseguiram uma audiência e expuseram as suas pretensões ao prefeito, tendo o chefe do executivo local prometido que o pagamento será feito em dinheiro até o dia 15 do próximo mês. Isso permitirá que os clubes reequilibrem suas finanças, o que, sem dúvida alguma, aumentará o brilho do esperado “**CAMPEONATO DO CENTENÁRIO**” (*Diário Mercantil*, 23 mar 1950. p.4, c.7. Grifo feito pelo autor)

Com o passar dos meses, o termo foi mais utilizado, em decorrência do próprio andamento da competição, como será visto mais à frente.

Uma semana após o Torneio Início, começou o Torneio Municipal, prévia do Campeonato Oficial. De acordo com a edição do dia 04 de março de 1950 do *Diário Mercantil*, o certame ia ser disputado em turno único, com o vencedor sendo aquele que perdesse menos pontos. Naquela época, a vitória valia dois pontos, o empate um ponto e a derrota zero pontos.

Na partida inaugural, o clássico “Tu-Tu”, entre Tupi e Tupynambás. Jogando em casa, o alvinegro venceu por 1 a 0, gol de Cotoco. Antes de estreiar pela competição, contra o Volante, o Sport realizou um amistoso contra o Sete de Setembro de Belo Horizonte, no Estádio Procópio Teixeira, sendo derrotado por 2 a 1, de virada. Liquinho marcou o único gol da partida, de acordo com a crônica esportiva da edição do dia 30 de março de 1950 do *Diário Mercantil*.

O Sport iniciou o Torneio Municipal empatando com o Volante, em 4 a 4. O *Diário Mercantil* de 07 de abril destacou que os periquitos tiveram problemas no gol antes da partida começar. Fala-fina estava machucado e Mariano não estava legalizado junto à liga. Com os dois goleiros impossibilitados de disputar a peleja, o técnico Olegário Filgueiras recorreu a Cruz, jogador dos amadores e com experiência no clube. Os minutos iniciais não foram nada bons, com os alviverdes começando atrás do placar. O primeiro tempo terminou com o Sport perdendo por 4 a 1. Na volta do intervalo, Nery foi expulso, depois de revidar agressão do zagueiro volantino Glauco. Mesmo com um a menos, os periquitos conseguiram chegar ao empate. A virada poderia ser possível, mas o árbitro anulou de forma ilegal o gol de Liquinho. A formação do time que estreou na competição era formada por Cruz, Walter e Lauro; Pedro, Oswaldo e Vandeci; Gino (Fonseca), Nery, Tusinho, Denoni (Suiço) e Liquinho.

Na sequência do torneio, o Tupi conseguiu a segunda vitória na competição, ao bater o Duque de Caxias, por 2 a 1, e o Tupynambás se recuperou da derrota na estreia, goleando o Volante por 4 a 1.

Precisando vencer para amenizar o empate da partida contra o Volante, o Sport recebeu o Duque de Caxias. Na publicação do dia 03 de maio de 1950 do *Diário Mercantil*, foi destacado que os periquitos ganharam por 3 a 0. Os gols da partida foram marcados por Nery, Vandeci e Liquinho.

Na semana seguinte à vitória do Sport, o Tupi empatou com o Volante em 2 a 2. Com o resultado, Periquitos e Carijós passaram a dividir a liderança da competição, com um ponto perdido. Após o confronto do alvinegro, o Torneio Municipal parou por aproximadamente um mês, devido a liberação de três datas para amistosos.

Um destes foi Sport x Flamengo. O time carioca veio à cidade por conta de uma cláusula prevista no contrato de venda do atacante Aloísio, no início do ano. O rubro-negro era o atual tricampeão carioca e havia terminado uma excursão na região Norte do Brasil. Nos próximos meses, ia passar um período jogando nos Estados Unidos.

A visita do Flamengo é a nota esportiva de maior sensação deste ano, até o momento, em jogos inter-clubes e, sendo enorme o prestígio do grande clube rubro-negro entre os aficionados locais, o que era desnecessário dizer, pois se trata do mais querido do Brasil, terá o estádio do Sport uma das maiores assistências que ali ocorreram até agora. [...] Alguns dias mais e veremos novamente em Juiz de Fora “cracks” da melhor classe, como Cláudio, ex-goleiro da seleção gaúcha e a mais nova aquisição do Flamengo; Newton e Job; Biguá, Bria e Walter; Aloísio, Quiba, Gringo, Durval e Esquerdinha. (*Diário Mercantil*, 10 mai 1950, p.4, c.7-8)

O Flamengo venceu o confronto por 4 a 3. Helio abriu 2 a 0 para os cariocas, em menos de seis minutos de jogo. Tusinho, aos 23 minutos, conseguiu diminuir o placar. Durval, depois

de falha de Vandeci, aumentou para os rubro-negros. Antes de terminar o primeiro tempo, Tusinho converteu pênalti a favor do Sport, deixando o confronto em 3 a 2. No segundo tempo, Eliezer ampliou para o Flamengo, aos 15 minutos. O terceiro tento do Periquito não foi informado pelo *Diário Mercantil* (1950). Apesar de enfrentar um grande clube da capital, foi destacado que “o quadro do Sport não jogou bem, não repetindo as atuações recentes, mas devemos ressaltar a fibra dos “periquitos” que reagiram com coração e puderam ainda ameaçar a vitória do adversário” (*Diário Mercantil*, 16 mai 1950. p.4, c.4-5). Segundo a mesma publicação, o Sport foi escalado com Mariano, Walter e Lauro (Ivo); Pedro, Oswaldo (Marco) e Vandeci (Nenem); Gino, Tusinho, Pirilo (Denoni), Nery e Liquinho. Já o Flamengo foi a campo com Antoninho (Peter), Newton e Job; Biguá (Oswaldo), Bria (Nélío) e Walter; Aloisio (Jorge de Castro), Arlindo (Quiba), Durval (Hamilton), Helio e Eliezer.

O certame municipal reiniciou com a vitória do Tupynambás por 3 a 2 contra o Duque de Caxias. O próximo confronto valia a liderança. Tupi e Sport se enfrentariam no Estádio Procópio Teixeira. “A equipe alvi-negra está embalada com seus espetáculos triunfos com o Bangu e em Ubá, Porto Novo e Três Rios, e o quadro do Sport vem de uma campanha galharda em canchas, espiritosantenses, tendo de lá retornado invictos” (*Diário Mercantil*, 15 jun 2017. p.4, c.1).

Segundo a mesma edição, uma vitória daria o título para o Tupi. Caso o Sport vencesse, teria que pelo menos empatar contra o Tupynambás, na rodada final. Por conta deste contexto, a reportagem do *Diário Mercantil* (1950) destacou a seguinte manchete sobre a partida: “Um jogo de grande importância e grandes atrações” (*Diário Mercantil*, 15 jun 1950. p.4, c.1).

O esperado confronto terminou empatado em 2 a 2. Os periquitos abriram 2 a 0 no placar, com gols de Denoni e Liquinho. No final da primeira etapa, Sílvio marcou o primeiro tento carijó. Faltando seis minutos para o término da peleja, Sinhô empatou. “O jogo Sport x Tupi, ante-ontem, foi espetáculo esportivo dos mais brilhantes que temos tido ultimamente, pelo bom futebol exibido e pela disciplina observada” (*Diário Mercantil*, 20 jun 1950. p.4, c.1). Em decorrência de toda a expectativa criada, a renda foi a maior registrada em jogos entre times juiz-foranos. Segundo a mesma publicação, foram arrecadados Cr\$28.133,00.

Com o empate, a classificação do Torneio Municipal ficou com uma tripla liderança. Tupi, Sport e Tupynambás estavam com dois pontos perdidos. O título seria decidido no confronto entre Tupynambás x Sport, no campo do Baeta, no Bairro Costa Carvalho. Se a partida terminasse empatada, o troféu iria para o Tupi. Já a equipe que vencesse teria que enfrentar o carijó em um jogo de desempate.

A pelega decisiva terminou empatada em 1 a 1. Marino abriu o placar para o Sport e Zú empatou para o Tupynambás, aos 43 minutos do primeiro tempo. Com o resultado, o título de campeão do Torneio Municipal foi para o Tupi. Os Periquitos foram a campo com “Mariano, Walter e Pedro; Lauro, Osvaldo e Vandeci; Gino (Fonseca), Marino, Pirilo (Denoni), Nery (Tusinho) e Liquinho” (*Diário Mercantil*, 04 jul 1950. p.4, c.8).

Tabela 2: Todas as partidas do Torneio Municipal de 1950

Data	Partidas
21/03/1950	Tupi 1 x 0 Tupynambás
02/04/1950	Sport 4 x 4 Volante
16/04/1950	Duque de Caxias 1 x 2 Tupi
23/04/1950	Tupynambás 4 x 1 Volante
30/04/1950	Sport 3 x 0 Duque de Caxias
07/05/1950	Tupi 2 x 2 Volante
11/06/1950	Duque de Caxias 2 x 3 Tupynambás
18/06/1950	Sport 2 x 2 Tupi
25/06/1950	Volante 2 x 2 Duque de Caxias
02/07/1950	Tupynambás 1 x 1 Sport

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Tabela 3: Classificação final do Torneio Municipal

Posição	Equipes	Pontos Perdidos
1°	Tupi	2 pontos
2°	Tupynambás	3 pontos
2°	Sport	3 pontos
4°	Volante	5 pontos
5°	Duque de Caxias	7 pontos

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Findado o certame, a L.D.J.F convocou os representantes dos cinco times aptos a disputar as competições do ano de 1950 para definir a tabela e regulamento do Campeonato Oficial. A edição do dia 12 de julho de 1950 do *Diário Mercantil* informou que a competição

ia ser disputada em turno e retorno, com árbitros do Rio de Janeiro. Tupynambás x Tupi fariam a partida inaugural, assim como foi no Torneio Municipal. Na mesma publicação há a referência do termo “campeonato do centenário”.

Figura 13: Imagem da primeira manchete com o termo “campeonato do Centenário”



Fonte: *Diário Mercantil*, 23 jul 1950. p.3, c.1-8

Tabela 4: Quantidade de vezes que os termos “campeão do centenário” e “campeonato do centenário” foram utilizados

Mês	Citações
Julho	4
Agosto	2
Setembro	2
Outubro	9
Novembro	7
Dezembro	11
Total	35

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

A competição começou parecida com a anterior, com o Tupi batendo o Tupynambás por 1 a 0. O Sport jogou na segunda partida do Campeonato do Centenário e venceu o Duque de Caxias por 2 a 1. Nery e Marino marcaram para os alviverdes, com Gérson descontando para o adversário. O time periquito que iniciou a competição no dia 30 de julho era formado por “Marino, Walter e Pedro; Márcio, Oswaldo e Vandeci; Liquinho, Marino, Denoni, Nery e Lauro” (*Diário Mercantil*, 01 ago 1950. p.4, c.6).

A sequência do campeonato ficou marcada por duas confusões em partidas do Tupi e relatadas pelo *Diário Mercantil* (1950). No confronto contra o Volante, no terceiro jogo do certame, o carijó venceu por 3 a 1, mas aos 33 minutos da segunda etapa, os jogadores volantinos se irritaram com uma expulsão e ficaram parados em campo até o apito final. Na rodada seguinte, contra o Duque de Caxias, o jogo foi interrompido aos 41 minutos do primeiro tempo. O problema era o mesmo: os atletas, desta vez do Duque de Caxias, reclamaram da

arbitragem e uma briga iniciou no gramado. O juiz terminou o embate e o Tupi foi declarado vencedor, sem ter sido realizado outro confronto.

Com o rival não perdendo nenhum ponto nas três primeiras rodadas, o Sport precisava vencer seus confrontos, para se manter firme na luta pelo título. No dia 27 de agosto, conseguiu uma vitória apertada contra o Volante, por 1 a 0. “O quadro do Sport atuou com futebol de melhor classe, tendo maior presença em campo, a defesa agindo com firmeza e apoiando bem o ataque, que se infiltrava do contendor com brilhantes movimentos, porém sem pontaria” (*Diário Mercantil*, 29 ago 1950. p.4, c.6).

O próximo encontro do alviverde pelo Campeonato do Centenário era justamente contra o Tupi. Como o alvinegro vinha de duas partidas com problemas de arbitragem, a edição de 16 de setembro de 1950 do *Diário Mercantil* fazia a seguinte pergunta: “Virá um árbitro idôneo?”. O jornalista, na reportagem, pedia um juiz de nome, como Mário Viana (um dos principais do país), que apitou o mesmo confronto no Torneio Municipal.

Apesar da polêmica, nenhum erro grave de arbitragem foi registrado, e o Sport venceu por 3 a 0, com gols de Pirilo, duas vezes, e Vandeci. Os Periquitos foram a campo com Marino, Suíço e Pedro; Lauro, Oswaldo e Vandeci; Gino, Marino, Pirilo, Denoni e Liquinho.

O grande jogo de ante-onde em que se defrontaram Sport e Tupi, em luta pela liderança do campeonato, foi dos mais brilhantes que esses velhos rivais de nossas canchas tem feito, não tendo falhado a tradição de que são sempre empolgantes seus confrontos. Em seu aspecto técnico, os aficionados tiveram uma competição que agradou, pois “periquitos” e “carijós” exibiram futebol apreciável, apesar das falhas naturais provocadas pelo nervosismo que a importância do jogo produzia, e o espírito de luta dos jogadores deu ao espetáculo esportivo maior vibração. [...] O quadro vitorioso não teve pontos fracos, sendo justo porém realçar a atuação espetacular de Suíço e Pedro; Pirilo estreou bem em jogos oficiais e Vandeci defendeu com firmeza e atacou com segurança (*Diário Mercantil*, 19 set 1950. p.4, c.1)

Figura 14: Periódico destaca boa fase do Sport



Fonte: *Diário Mercantil*, 29 set 1950. p.4, c.2

Nas duas rodadas seguintes, de acordo com o *Diário Mercantil* (1950), o Sport venceu, deixando o clube mais próximo do título. Primeiro, bateu o Tupynambás, fora de casa, por 2 a 0. Onze dias depois, em 19 de outubro, goleou o Duque de Caxias, na época, vice-líder do certame, por 7 a 2.

Com os resultados positivos, o alviverde seguia invicto no Campeonato do Centenário. Até este momento, todos os clubes tinham jogado cinco vezes (a exceção era o Volante, com quatro rodadas disputadas). O Sport continuava na liderança, sem nenhum ponto perdido. Na segunda posição, vinha o Tupi, com quatro pontos perdidos, seguido de Tupynambás e Duque de Caxias, com seis pontos perdidos. Na lanterna, o Volante, com oito pontos perdidos (foi derrotado em todas as partidas).

Todavia, na peleja que poderia deixar os Periquitos a uma partida do título, o Sport empatou, em casa, com o Volante em 3 a 3. Conforme noticiado pelo *Diário Mercantil* do dia 31 de outubro de 1950, os alviverdes abriram 3 a 1, com três tentos de Pirilo. Mas, viram os volantinos empatarem com gols de Germano e Manoelzinho (Ceci tinha marcado o primeiro). Na sequência do torneio, confronto decisivo contra o Tupi. “Se vencer, ou mesmo empatar, o

quadro do Sport será o campeão, e se o Tupi vencer, a situação dependerá do resultado do último jogo do campeonato, Sport x Tupynambás” (*Diário Mercantil*, 10 nov 1950. p.4, c.7).

Para aumentar a emoção do Campeonato do Centenário, a partida foi interrompida aos 35 minutos do primeiro tempo por causa da chuva que alagou o Estádio Salles de Oliveira, no Bairro Santa Terezinha (campo do Tupi). “As duas equipes lutavam com flama e vigor, procurando as jogadas com entusiasmo e com objetividade. Nesse particular notava-se um melhor trabalho dos alvi-negros que se movimentavam com elasticidade e melhor harmonia” (*Diário Mercantil*, 14 nov 1950. p.4, c.2). No momento que o jogo foi interrompido, o Carijós vencia por 1 a 0, gol de Paulo Garcia. O restante do confronto foi disputado no dia seguinte, e o placar não se alterou. O resultado fez o Sport conhecer a primeira derrota na competição.

Com a vitória, o Tupi encerrou a participação no torneio, com cinco pontos perdidos. Faltava apenas uma rodada para encerrar o certame. Sport enfrentaria o Tupynambás em casa, enquanto o Duque de Caxias visitaria o Volante. Estes dois últimos não brigavam pelo título, já que estavam na vice-lanterna e lanterna, com nove e doze pontos perdidos, respectivamente. Contudo, o embate entre Periquitos e Baetas poderia definir o campeão, ou o adiamento da competição. Caso o Sport vencesse ou empatasse, seus jogadores ergueriam o troféu. Mas, se o ganhador fosse o Tupynambás, carijós e alviverdes ficariam iguais na classificação (naquele momento o time de Olegário Filgueiras tinha perdido três pontos e os rubros estavam fora da disputa pelo título, pois perderam sete pontos). “Neste caso, o campeonato terá que ser decidido entre os atuais líder e vice-líder em melhor de três” (*Diário Mercantil*, 17 nov 1950. p.4, c.8).

A partida, marcada inicialmente para 19 de novembro foi adiada duas vezes por causa das chuvas que assolavam Juiz de Fora, conforme noticiado nas edições dos dias 21 e 28 de novembro de 1950 do *Diário Mercantil*. A bola, de fato, rolou apenas dia 03 de dezembro, com Sport batendo o Tupynambás por 3 a 1 e conquistando o título mais importante da temporada.

Os “periquitos” venceram o importante jogo, por 3 a 1, e muito merecidamente, laureando-se com justiça **CAMPEÕES DO CENTENÁRIO**, título dos mais gloriosos do nosso futebol e que foi disputado renhidamente e só foi decidido no último jogo da sensacional competição. Das mais merecidas, a vitória do Sport, em jogo de tal importância e com um adversário de categoria foi o coroamento magnífico de uma campanha memorável, pelo seu brilho, que fizeram os alvi-verdes neste campeonato, de tanto relevo e significação. Os quadros da batalha final do campeonato de 1950 tiveram a formação seguinte:

SPORT – Mariano, Walter e Pedro; Lauro, Oswaldo e Nenem; Gino, Marino, Pirilo, Denoni e Liquinho.

TUPYNAMBÁS – Pavio, Sinval e Durval; Amaral, Gérson e Mossoró; Zú, Mateusinho, Ditão, Waltinho e Canhoto. (*Diário Mercantil*, 05 dez 1950. p.4, c.1. Grifo feito pelo autor)

Figura 15: Time do Sport “Campeão do Centenário” em 1950



Da esquerda para direita, agachados: Gino, Marino, Pirilo, Denoni e Liquinho. Em pé: Lauro, Oswaldo, Nenem, Pedro, Mariano e Walter

Fonte: *Diário Mercantil*, 05 dez 1950. p.4, c.5-8

De acordo com a mesma edição do periódico, Pirilo e Denoni abriram o placar, ainda no primeiro tempo. Liquinho fez o terceiro na segunda etapa, com Waltinho diminuindo nos minutos finais da peleja. Como se tratava da partida decisiva, brigas foram vistas em campo. Zú, do Tupynambas e Pedro, do Sport, trocaram socos. Durante a confusão, atletas das duas equipes começaram a se agredir. Inclusive, o árbitro, Mr. Sunderland, foi atingido por Durval, jogador rubro. No fim “a polícia, o árbitro e os jogadores mais ponderados conseguiram logo fazer cessar o conflito, sendo Zú e Lauro expulsos de campo” (*Diário Mercantil*, 05 dez 1950. p.4, c.4).

Após o término da partida, os jogadores foram para a sede social do clube festejar com a diretoria e associados. “Com a brilhante conquista do Campeonato do Centenário, pelo seu quadro de futebol os associados do Sport, além do autêntico carnaval que promoveram na arquibancada, fizeram revestir-se de grande animação a domingueira, em sua sede social” (*Diário Mercantil*, 05 dez 1950. p.4, c.7).

Além do título coletivo, Pirilo ficou com o prêmio de artilheiro do campeonato por ter marcado sete gols, um a mais que seu companheiro Nery, vice artilheiro. Para celebrar ainda mais o feito, a torcedora periquita Jovita de Campos Bastos ofereceu aos atletas um jantar na sede social do clube. Segundo a edição do dia 12 de dezembro do *Diário Mercantil* (1950), foram oferecidos doces, refrigerantes, champagne e um bolo com as cores do time. A

organizadora entregou a cada campeão uma lembrança em nome da família. O evento contou com a presença dos parentes dos atletas, associados, membros da diretoria e jornalistas.

Figura 16: Diretoria oferece medalha aos atletas campeões



Fonte: *Diário Mercantil*, 08 dez 1950. p.4, c.1-2

Após o título, o Sport foi até Petrópolis enfrentar a seleção municipal, sendo derrotado por 3 a 2. Para finalizar a temporada, o tradicional confronto entre o time campeão contra uma seleção formada por atletas das outras equipes que disputaram o torneio. Os Periquitos venceram por 3 a 1, com gols de Gino, Denoni e Pirilo. Cotoco, jogador do Tupi, descontou para o adversário. “Foi bom jogo, apesar de não haver treinado o combinado, pela animação e entusiasmo, e com grandes períodos de futebol de classe, e muitos lances de sensação” (*Diário Mercantil*, 20 dez 1950. p.4 c.6).

Tabela 5: Partidas do Campeonato do Centenário

Data	Partidas
23/07/1950	Tupynambás 0 x 1 Tupi
30/07/1950	Sport 2 x 1 Duque de Caxias

06/08/1950	Tupi 3 x 1 Volante
13/08/1950	Duque de Caxias 3 x 2 Tupynambás
27/08/1950	Volante 0 x 1 Sport
03/09/1950	Tupi x Duque de Caxias (confronto encerrado aos 41 minutos do primeiro tempo. Tupi considerado vencedor)
10/09/1950	Volante 2 x 3 Tupynambás
17/09/1950	Sport 3 x 0 Tupi
01/10/1950	Volante 1 x 3 Duque de Caxias
08/10/1950	Tupynambás 0 x 2 Sport
15/10/1950	Tupi 2 x 3 Tupynambás
19/10/1950	Duque de Caxias 2 x 7 Sport
22/10/1950	Volante 1 x 2 Tupi
27/10/1950	Tupynambás 3 x 1 Duque de Caxias
29/10/1950	Sport 3 x 3 Volante
05/11/1950	Duque de Caxias 1 x 1 Tupi
09/11/1950	Tupynambás 1 x 1 Volante
14/11/1950	Tupi 1 x 0 Sport
15/11/1950	Volante 3 x 4 Duque de Caxias
03/12/1950	Sport 3 x 1 Tupynambás

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Tabela 6: Classificação final do Campeonato do Centenário

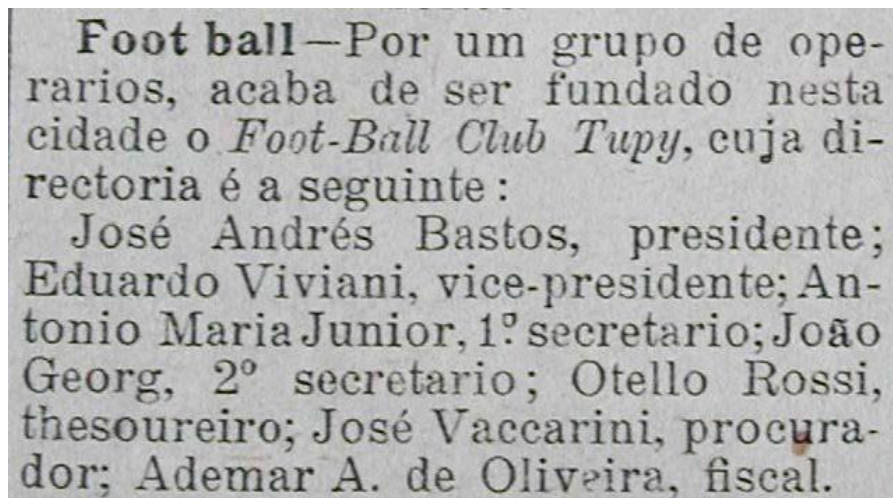
Posição	Equipes	Pontos Perdidos
1°	Sport	3 pontos
2°	Tupi	5 pontos
3°	Tupynambás	7 pontos
4°	Duque de Caxias	9 pontos
5°	Volante	14 pontos

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

4 TUPI FOOT BALL CLUBE E O “FANTASMA DO MINEIRÃO”

No dia 26 de maio de 1912, um grupo de jovens se reuniu e deu início ao Tupi Foot Ball Club. De acordo com a *Revista do Tupi* (1982), a suspeita é que um racha dentro do Tupynambás abriu brecha para a criação de outro clube. Porém, esta versão nunca foi confirmada. Mais de quinze dias após a fundação, o fato foi destacado nos jornais de Juiz de Fora.

Figura 17: Anúncio da criação do Tupi (na época escrito com 'y')



Fonte: *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 12 jun. 1912. p.2. c.5. (Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

Com duas instituições fundadas, não demorou para que os primeiros confrontos entre ambas começassem a ocorrer. Pior para o Carijó, que não conseguiu emplacar bons resultados nos primeiros jogos de sua existência.

[...] na primeira partida, um empate por 1 a 1, no campo da Alfândega, hoje Praça Antônio Carlos. Dias depois, em uma nova partida, o Tupy conhecia sua primeira derrota, de 1 a 0 para o mesmo Tupynambás. Inconformada com a derrota, a equipe Carijó pediu uma revanche [...] e a primeira vitória do Tupy viria nessa partida, 4 a 0. O time alvinegro neste jogo contou com: Bamback, Caetano e Antônio Jung; Vasco, Hernani e José Costa; Timponi, Brito, Orlando Carvalho, Bacco e Othello Rossi. (TESTA, 2007, p.9)

Nos primeiros anos, o Tupi recebeu na cidade, para a disputa de amistosos, a visita de times do Rio de Janeiro, como Bangu e São Cristóvão. Em um destes embates, segundo o *Jornal do Commercio* (1915), o Tupi foi derrotado pelo Bangu por 2 a 0. Interessante notar que, naquela época, o texto jornalístico usado no futebol tinha muita semelhança com o que é escrito nas matérias de lutas. “Perante extraordinária concorrência, a disputa à vitória decorreu calorosa e ininterrupta por entre golpes electrisantes [...], deferidos com grande calma e sabia precisão”. (*Jornal do Commercio*, 12 jul 1915, p.2 c.3).

Figura 18: Time do Tupi em 1914, na apresentação do uniforme oficial do clube



Fonte: Revista do Tupi, 1982, p.9

Como visto no capítulo anterior, o primeiro campeonato entre os clubes de Juiz de Fora aconteceu em 1918, com a vitória do Sport. O Tupi disputou a primeira partida oficial em campeonatos municipais, perdendo para o Tupynambás, por 1 a 0. Este confronto gerou algumas curiosidades, narradas pelo jornalista Arides Braga (1977). No jogo, o Tupi perdeu três penalidades, duas com Othelo Rossi, craque e fundador do clube, e uma com Hernani, considerado “rei do bico”. Porém, ao final da partida, o árbitro marcou pênalti para o Tupynambás, que foi convertido por Hugo.

A campanha do Tupi no primeiro torneio não foi satisfatória, vendo o rival Sport se sagrar campeão em cima do Tupynambás, vencendo a final por 3 a 2. Apesar do início ruim, ao longo dos anos, o Carijó seria o maior ganhador dos torneios locais. De acordo com Braga (1977), foram 21 conquistas, entre 1918 e 1969.

O campeonato de 1918 deixou outras marcas no futebol da cidade, como a rivalidade. Nas partidas do torneio, alguns “sururus”, como eram chamadas as brigas em campo na época, aconteceram. Um dos principais casos ocorreu na partida entre Tupi e Tupynambás, vencida pelos Baetas por 3 a 1. “Pereira, Nicomedes e Aguiar agrediram-se mutualmente a ponta-pés e a sopapos, havendo uma verdadeira invasão do “field”. Foram exibidos facas e “revolvers”,

vendo-se as famílias obrigadas a deixar as arquibancadas, rapidamente” (*Diário Mercantil*, 02 set 1918, p.2, c.3).

Após a conquista do Sport, o Tupi viu outro rival, o Tupynambás, se tornar o primeiro bicampeão dos campeonatos municipais. Entretanto, em 1921, a história se modificou, e o alvinegro se sagrou campeão pela primeira vez. Dois anos mais tarde, em 1923, outro troféu foi conquistado.

O primeiro campeonato do Tupi foi conquistado em 1921, formando o quadro com Oto, Raul e Chiquinho; Tininho, Photophysio e Felipe; Bacuri, Felício, Lalinho, Daniel e Maximiano. Em 1923 apareceram no time campeão, Tufy, que seria a maior figura do clube; Belози e Lage, dos maiores jogadores mineiros, formando o time com Tufy, Balози e Chiquinho; Lage, Foto e Rosauero; Felício, Hernani, Lalinho, dos maiores centro-avantes de Minas, Daniel, e Bituca (*Revista do Tupi*, 1982, p.9).

Ao todo, segundo Braga (1977), o alvinegro foi campeão juiz-forano nos anos: 1921, 1923, 1926, 1929, 1933, 1935, 1936, 1937, 1940, 1941, 1944, 1945, 1947, 1948, 1951, 1952, 1954, 1958, 1963, 1965, 1969.

Na década de 1920, o Tupi foi conquistando cada vez mais espaço no cenário municipal, conquistando quatro títulos, mesmo número de troféus que o rival Tupynambás. Os amistosos contra os times da capital federal também continuavam. Em 1926, o alvinegro venceu os torneios dos primeiros, segundos e terceiros quadros. Após a conquista do Campeonato Citadino, o clube convidou o São Cristóvão, vencedor do Campeonato Carioca, para um amistoso. O confronto terminou vencido pelo Tupi, por 2 a 1. (*Revista do Tupi*, 1982, p.9).

Figura 19: Lista de todos os campeões do futebol local entre 1918 e 1968

CAMPEONATOS OFICIAIS - 1918 A 1968					CLUBES PARTICIPANTES - 1918 a 1968	
1ª DIVISÃO DA S.L.M.D.T. - JUVENIS, AMADORES e PROFISSIONAIS da A.M.E. e L.D.J.F.					- SOMENTE CAMPEONATOS OFICIAIS	
3ª QUADROS	2ª QUADROS	PRIMEIROS QUADROS	S.L.M.D.T.	CLUBES PARTICIPANTES		
Campeonato	Campeonato	Torneio Início	Campeonato	JUIZ DE FORA	OUTRAS CIDADES	
1918	TUPI	SPORT	SPORT	1 TUYNAMBAS F.C.	8 MINEIRO F.C.	
19	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	2 TUPI F.C.	9 CENTRAL BRASIL F.C.	
20	TUPI	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	3 SPORT CLUB J. FORA	10 15 de NOVEMBRO F.C.	
21	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	4 S.C. RENATO DIAS	24 OLYMPIC CLUB BARB.	
22	SPORT	INDUSTRIAL	TUPI	5 INDUSTRIAL MINEIRA	26 C. SOCIAL O.F.	
23	TUPI	INDUSTRIAL	INDUSTRIAL	6 S.C. SANTA CRUZ	26 VILA CARMO E.C.	
24	TUPI	INDUSTRIAL	TUPI	7 S.C. SARMENTO	27 GUARANI F.C.	
25	TUPI	TUPI	TUPYNAMBAS	11 GLORIA F.C.	28 AMERICA F.C.	
26	TUPI	TUPI	TUPI	12 S.C. VILA ISABEL	29 ANDARAÍ F.C.	
27	AMADOR	NÃO CONCLUIDO	INDUSTRIAL	13 S.C. MINEIRA ELETR.	30 C.A. MONTANHES	
28	SPORT	TUPI	TUPI	14 UNIAO DAS CORES F.C.	31 ATHLETIC CLUB	
29	TUPI	SPORT	TUPI	15 A.A. DUQUE DE CAXIAS	32 AMERICA F.R.	
30	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	16 S.C. GERMANIA	33 E.C. M. BOUCHARDE	
31	TUPI	TUPI	SPORT	17 C.A. F.E.E.A.	34 E.C. RIBEIRO JUNQUEIRA	
32	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	18 SAO CRISTOVAO F.C.	35 IDEAL E.C.	
33	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	19 CERAMICA F.C.	36 E.C. AIMORÉS	
				20 A.S.E. E.C.	37 NACIONAL A.C.	
				21 A.A. CORREIOS TEL.	38 NACIONAL A.C. Minas	
				22 VOLANTE F.C.	39 LEOPOLDINA R. Pombal	
				23 E.C. INDUSTRIAL MIN.	40 POMBENSE E.C. Pombal	
					41 VICOSA E.C. Vicosa	
					42 S.C. INDEPENDENTE A.	

JUVENIS • AMADORES • PROFISSIONAIS • A.M.E.				
1933	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	1 2 3 8 10 11
34	TUPI	TUPYNAMBAS	TUPI	1 2 3 13 14
35	TUPI	TUPI	TUPI	1 2 3 13 15 16
36	TUPI	MINEIRA	TUPI	1 2 3 13 15
37	TUPI	MINEIRA	TUPI	1 2 3 13 15 17 18
38	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	MINEIRA	1 2 3 13 15 17 18
39	TUPYNAMBAS	DUQUE CAXIAS	DUQUE CAXIAS	1 2 3 13 15 17 18
40	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	TUPI	1 2 3 13 15 17 18 19
41	SPORT	SPORT	SPORT	2 3 13 17
42	MINEIRA	SPORT	SPORT	2 3 13 17

JUVENIS • AMADORES • ASPIRANTES (NÃO AMAD.) • L.D.J.F.					
1943	MINEIRA	F. E. E. A.	A. S. E.	MINEIRA	2 3 13 17 20
44	SPORT	MINEIRA	SPORT	TUPI	2 3 13 17 21
45	TUPI	TUPI	TUPYNAMBAS	TUPI	1 2 3 17 21
46	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	TUPYNAMBAS	1 2 3 22
47	TUPYNAMBAS	SPORT	TUPI	TUPI	1 2 3 22 23
48	SPORT	SPORT	TUPI	TUPI	1 2 3 22 23
49	SPORT	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	VOLANTE	1 2 3 22
50	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	SPORT	1 2 3 22 15
51	SPORT	SPORT	TUPYNAMBAS	TUPI	1 2 3 22
52	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	1 2 3 22
53	SPORT	TUPI	TUPI	SPORT	1 2 3 22
54	SPORT	TUPI	TUPI	TUPI	1 2 3 22

JUVENIS • ASPIRANTES • DIV. ESP. PROFISSIONAIS					
1955	TUPYNAMBAS	SPORT	TUPI	SPORT	1 2 3 22 24
56	TUPI	TUPI	TUPYNAMBAS	SPORT	1 2 3 22 24 25
57	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	OLYMPIC	1 2 3 22 24 25
58	TUPYNAMBAS	TUPYNAMBAS	SPORT	TUPI	1 2 3 22 24 25 26 27 28
59	SPORT	SPORT	SOCIAL	SPORT	1 2 3 24 25 26 27 28
60	TUPI	TUPI	SPORT	SOCIAL	1 2 3 24 25 26 28 29
61	SPORT	SPORT	SOCIAL	TUPYNAMBAS	1 2 3 8 24 25
62	TUPI	TUPI	TUPYNAMBAS	SPORT	1 2 3 8 24 25
63	SPORT	TUPI	TUPI	TUPI	1 2 3 8 24 25 26 28
64	SPORT	TUPI	TUPI	OLYMPIC	1 2 3 8 24 25 26 28 29 30
65	SPORT	TUPI	TUPYNAMBAS	TUPI	1 2 3 8 24 25 26 28 29 30 31 32
66	TUPI	TUPI	OLYMPIC	TUPYNAMBAS	1 2 3 8 24 25 26 28 29
67	TUPYNAMBAS	TUPI	TUPI	SPORT	1 2 3 8 25 33 34 35 36 38 39 40
68	TUPYNAMBAS	TUPI	SPORT	SPORT	1 2 3 8 25 33 34 35 36 37 38 40 41 42

CAMPEÕES		SUB LIGA	A.M.E.	L.D.J.F.	Semana
1º	2º	Quadros	AMAD. RES	PROF. JUVENIS	
E.C. MINEIRA DE ELETRICIDADE	-	-	1944	1938 1942 1943 1943	5
INDUSTRIAL MINEIRA F.C.	1922	1922 1923 1924	-	-	4
OLYMPIC CLUB Barbacena	-	-	-	1957 1964	2
A.A. DUQUE CAXIAS	-	-	-	1939	1
C.A. F.E.E.A.	-	-	1943	-	1
VOLANTE F.C.	-	-	-	1949	1
SOCIAL O.FERROV. Santos Dumont	-	-	-	1960	1

TORNEIOS REGIONAIS 75-77-78	
1975 - VENCEDOR: TUPI F.C. - DEMAIS CLUBES: SPORT - VILA DO CARMO - OLYMPIC - CARATINGA E PAULISTANO (MURAIÉ) 6 clubes -	
1977 - VENCEDOR: TUPI F.C. - DEMAIS CLUBES: SPORT - MERCÍ - SOCIAL - MINEIRO VILA NOVA (S.D) OPERARIO (S.J.Nep) BIQUENSE INDEPENDENTE (A.P) RIBEIRO JUNQUEIRA, RECREIO E OLYMPIC (12)	
1978 - VENCEDOR: TUPI F.C. - DEMAIS CLUBES: MERCÍ BIQUENSE - OPERARIO E INDEPENDENTE (A.P.) (5)	

CAMPEONATO PROFISSIONAL DE 1969 DETALHES A FLS. 61	TROFÉU MINAS GERAIS e TORNEIO PARALELO 1976, A FLS. 49	CAMPEONATO PROFISSIONAL DE 1975, DEVIDAMENTE AUTORIZADO PELA F.M.F. CAMPEAO: SPORT. DEMAIS CLUBES: TUPI TUPYNAMBAS E OLYMPIC (1)
---	--	--

Fonte: Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes.

Com os títulos, o Tupi foi formando seus primeiros ídolos, como “Fotofísio de Souza Pinto, Thomás Bernardino, Othello Rossi, Bellozi, Lage, Lalinho e José Felício” (*Revista do Tupi*, 1982, p. 8).

Figura 20: Em 1929, o Tupi foi campeão invicto



Fonte: *Revista do Tupi*, 1982. p. 21

O início dos anos 30 trouxe uma grande novidade para o alvinegro. Em 1932, sob a batuta do presidente Francisco Salles de Oliveira, foi inaugurado seu estádio próprio, batizado em homenagem ao mandatário Carijó. Segundo Testa (2007), foi um marco para a região, porque era o maior e mais moderno estádio da Zona da Mata Mineira. O local tinha espaço para basquete, vôlei, atletismo e festas.

De acordo com relatos da *Revista do Tupi* (1982), na partida de estreia, o Tupi enfrentou o Vasco-RJ. O confronto terminou empatado em 1 a 1. O primeiro gol no novo estádio foi marcado pelo carijó Bianco, aos 10 minutos do segundo tempo. Cerca de oito mil pessoas assistiram àquela partida.

sobre o Cruzeiro. Ao final do torneio, o Carijó terminou na segunda posição, com apenas três derrotas.

Tabela 7: Lista de jogos do Tupi no Campeonato Mineiro de 1933

Data	Jogos
25/06/1933	Tupi 2 x 1 Tupynambás
02/07/1933	Tupi 0 x 0 Siderúrgica
16/07/1933	Retiro 4 x 3 Tupi
23/07/1933	Tupi 5 x 2 Atlético
13/08/1933	Sport 2 x 4 Tupi
20/08/1933	Tupi 1 x 3 Villa Nova
27/08/1933	Palestra Itália 1 x 1 Tupi
03/09/1933	América 3 x 5 Tupi
24/09/1933	Tupi 6 x 2 América
01/10/1933	Atlético 3 x 1 Tupi
08/10/1933	Tupi 4 x 3 Palestra Itália
10/10/1933	Villa Nova 3 x 0 Tupi (cancelado por causa de uma confusão generalizada)
25/10/1933	Tupi 3 x 0 Siderúrgica
05/11/1933	Tupynambás 2 x 3 Tupi (cancelado)
26/11/1933	Sport 1 x 1 Tupi

Tabela feita pelo autor com base nas informações do site Futebol Nacional, 2017

Figura 22: Tabela final do Campeonato Mineiro de 1933

Col.	Equipe	PTS	J	V	E	D	GP	GC	SG
1	Villa Nova	24	14	11	2	1	48	12	36
2	Tupi	17	13	7	3	3	36	25	11
3	Atlético	16	15	7	2	6	29	30	-1
	Palestra Itália	16	16	6	4	6	26	35	-9
	Siderúrgica	16	15	7	2	6	26	22	4
6	Tupynambás	13	13	5	3	5	30	25	5
7	América	9	15	3	3	9	29	42	-13
	Retiro	9	14	4	1	9	25	39	-14
9	Sport	8	13	2	4	7	22	41	-19

Fonte: Site Futebol Nacional, 2017

Figura 23: Time do Tupi vice-campeão mineiro de 1933



Em pé, da direita para esquerda: Adinho, Paixão, Belozí, Lage, Miro, Miguel Bara (torcedor), Jairo Caldas, Lima, Onestaldo e Oliveira. Agachados: Nery, Caiana, Coruja, Geraldinho, Rolando, Michel Bechara e Magalhães.

Fonte: BRAGA, 1977, p.36

Testa (2007) ressalta que a década de 1930 ficou conhecida como “Década de Ouro” do Tupi, por conta da conquista do tricampeonato municipal nos anos de 1935, 1936 e 1937. Identidade esta corroborada pelo jornalista Arides Braga, em texto na *Revista do Tupi* (1982), onde relembra o time titular das campanhas. “Ubiratan, Tirolito e Linton; Colecionado, Edson e Magalhães; Rolando, Lage Couri, Geraldinho, depois Bidinho e Luizinho” (*Revista do Tupi*, 1982, p. 8). Em 1937, conseguiu vencer o Botafogo-RJ por 3 a 2, em um amistoso.

Os anos 40 também foram de muitas conquistas para os carijós. Em 1942, nas comemorações do trigésimo aniversário, o Tupi voltou a empatar com o Vasco em 1 a 1, no Estádio Salles de Oliveira (*Revista do Tupi*, 1982, p.10). O clube foi o maior campeão da década, vencendo seis vezes o campeonato de Juiz de Fora. Segundo Braga (1977), três dos títulos foram especiais. Em 1945, o Tupi não perdeu nenhum ponto. Já em 1947-48, o alvinegro foi bicampeão de forma invicta. Depois do campeonato, em 1948, o clube venceu o Atlético-MG em amistoso por 2 a 1.

Figura 24: Time do Tupi campeão invicto em 1947



Em pé: Vassalo (massagista), Cotoco, Wilson, Diógenes, Paulo Garcia, Amorim e Eurico. Agachados: Amaral, Demeure, Pescoço, Florentino e Gouvêa.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Léo Lima

A década de 50 não começou bem para os carijós, que viram o rival Sport sagrar “Campeão do Centenário”. Ao longo dos anos, foram quatro títulos, em 1951 (invicto), 1952, 1954 e 1958. Só venceu menos que os periquitos, que levantaram o troféu municipal em cinco oportunidades. Mesmo sem ter a hegemonia na cidade, foi um período de vitórias contra grandes clubes do futebol brasileiro. “Em 1952, obtive duas vitórias sobre grandes times, ganhando do América do Rio de Janeiro, por 1 x 0 e do Cruzeiro, por 2 x 0, mesmo placar com que, quatro anos depois, vencia o Atlético Mineiro” (*Revista do Tupi*, 1982, p.10)

Mesmo com as conquistas, os anos 50 foram de mudanças estruturais no Tupi. No desejo de construir uma sede social, o clube fez uma troca com a Prefeitura de Juiz de Fora. Cedeu o Estádio Salles de Oliveira, em troca do terreno na rua José Calil Ahouagi (onde atualmente é a sede social). Conseqüentemente, em 1950, o estádio passou a pertencer à Prefeitura. Apesar das mudanças, o alvinegro continuou mandando seus jogos no Salles de Oliveira, até a posse em definitivo do local pelo poder municipal.

Sabedor da importância do Salles Oliveira, o Tupi resolveu fazer uma permuta (troca) de um terreno que possuía na Avenida dos Andradas com a Prefeitura, onde hoje é o Pronto Socorro, recuperando então o Estádio. Nesta troca, o Tupi ficaria ainda obrigado a restituir cerca de 600 mil cruzeiros na época, porém essa dívida acabou perdoada pelo então Prefeito Olavo Costa, com grande esforço de Gabriel Gonçalves da Silva, o Bié. (TESTA, 2007, p.12)

Figura 25: Time do Tupi vice-campeão municipal em 1957.



Em pé: Timbinha, Herrera, Gil, Dario, Cazusa e Jorginho. Agachados: Narciso, Jorge Guimarães, Godinho, Ipojuca e Toledo.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador Léo Lima

A década seguinte começou com a primeira vitória do Tupi no Rio de Janeiro. Em 62, o alvinegro foi enfrentar o Botafogo e venceu por 3 a 2 em General Severiano. O time que foi a campo era formado por “Hélio, Pino e Eli; Mauro, Gonzaga, Carango e Adilson; João Pires, Jorge, Murilo e Toledo” (*Revista do Tupi*, 1982, p.10).

Contudo, a grande façanha estava guardada para o biênio 65-66. No Campeonato Profissional de 1965, o Carijó não foi bem no primeiro turno, ficando em último lugar. Para reverter o quadro, contratou o técnico Geraldo Magela Tavares para a sequência do torneio. Em entrevista à Testa (2007), lembrou este período:

Fomos vencedores então do segundo turno, o Olympic de Barbacena ganhou o primeiro turno e o Tupi ganhou o segundo turno. A decisão do campeonato foi Olympic e Tupi, em 65, e o Tupi ganhou de 3 a 2 em Barbacena, e 4 a 0 em Juiz de Fora, e nós fomos os campeões. Como precisava de dar uma gratificação aos jogadores, o presidente do Tupi trouxe o Cruzeiro de Belo Horizonte que tinha Raul, Pedro Paulo, Willian, Procópio, Neto, Dirceu, Tostão, Evaldo, Hildo Oliveira, Zé Carlos, era um timaço, e vieram a Juiz de Fora, talvez este seja o maior momento vivido por mim no Tupi, O Cruzeiro a Juiz de Fora e perdeu para o Tupi. Nós estávamos ganhando de 3 a 0 e o jogo acabou 3 a 2. (TESTA, 2007, p.125)

Foi a partir deste jogo que começou a trajetória de vitórias contra os times da capital, que ao longo de 1966, faria com o que clube se tornasse o “Fantasma do Mineirão”.

4.1 “O FANTASMA DO MINEIRÃO”

Ao contrário de 1950, o ano de 1966 não começou nada bem para a cidade. As páginas do *Diário Mercantil* (1966) relatavam o início da decadência econômica de Juiz de Fora. Para os jornalistas, isso se devia às construções de novas estradas, que tiravam da cidade as principais rotas de comércio, principalmente com o Rio de Janeiro, que na época já tinha deixado de ser a capital do Brasil. Com as novas BRs, Belo Horizonte crescia cada vez mais sua influência no Estado, deixando os juiz-foranos para trás. O desejo era a criação de uma rodovia que diminuísse a distância para a capital fluminense, e a BR-267, para nos conectar com o Sul de Minas, que estava se tornando um polo econômico.

A perda de protagonismo na economia estava impactando também o futebol, e a cidade já não montava grandes times como os da capital mineira. Em ambos os casos, o *Diário Mercantil* (1966) culpava políticos e dirigentes por terem deixado a situação chegar a este ponto.

Para piorar, 1966 começou sem terminar 1965. Uma confusão ocorrida em um dos confrontos entre Tupi e Olympic, de Barbacena, pelo retorno do Campeonato Profissional daquele ano empurrou a conclusão do certame para 1966. Segundo o *Diário Mercantil* (1966) a retomada do torneio aconteceu no dia 26 de janeiro, com o Carijó vencendo por 3 a 2. Na sequência, o alvinegro bateu o Tupynambás por 3 a 0 e conquistou o título do retorno. Como noticiado no *Diário Mercantil* da edição de dois de fevereiro de 1966, a final se daria em dois jogos, se enfrentando o campeão do primeiro e segundo turno. Assim, Olympic e Tupi se enfrentaram, com o time de Santa Terezinha vencendo, como informado no tópico anterior.

Com o campeonato findado, pairava no ar como seria formado o certame de 1966. No ano anterior doze clubes participaram, com representantes de Juiz de Fora, Barbacena, Santos Dumont, Barroso e São João Del-Rei. O modelo foi bastante criticado, já que muitos jogos davam prejuízos para os clubes juiz-foranos.

Os clubes de Juiz de Fora para 1966, estão no firme propósito de conseguir, ou disputar o campeonato com os clubes de Belo Horizonte ou então a realização de um torneio com os belorizontinos para dar maior atração em nossas temporadas, que em 1965, à semelhança aos últimos anos, foi muito fraca.

Também o número de participantes do certame local, com clubes sem nenhuma expressão, deverá ser reduzido, falando-se que de Barbacena, apenas o Olympic será conservado na entidade local. [...] Os nossos clubes, que de fato são as atrações do certame, também não querem mais jogar de graça no interior, exigindo uma taxa fina, dando menos do que recebe, pois os jogos nas cidades vizinhas lhes têm causado grandes prejuízos ao passo que os prélios dos clubes de outras cidades, em Juiz de Fora, pouco rendem (*Diário Mercantil*, 05 jan 1966. p.4 c.3-6).

Figura 26: Time do Tupi campeão de 1965



Da esquerda para direita. Em pé: Manoel, Walter, Mauro, Helio, Liliinho e Dario. Agachados: João Pires, Toledo, Vicente, França e Eurico.

Fonte: *Diário Mercantil*, 15 fev 1966. p.4 c.1-4

Apesar das críticas, não houve mudança no regulamento. O presidente da L.D.J.F, Elias José Feres resolveu manter as mesmas equipes de 1965. Tupi, Tupynambás e Sport (Juiz de Fora); Andaraí, América, Olympic e Vila do Carmo (Barbacena); Social e Mineiro (Santos Dumont); Athletic e América (São João del-Rei), e Montanhês (Barroso). Seriam 132 partidas a serem disputadas ao longo do ano, em turno e retorno. O presidente do Sport Club Juiz de Fora, Francisco Queiróz Caputo, insatisfeito com as regras, ameaçou não disputar a competição, com medo de ter prejuízos.

Porém, como destacado na edição do dia 25 de março de 1966 do *Diário Mercantil*, a Federação Mineira de Futebol impediu a participação dos clubes de São João del-Rei e Barroso, por questões geográficas. Desta forma, Montanhês, Athletic e América deveriam disputar o campeonato organizado pela Liga de Conselheiro Lafaiete.

Neste início de ano, em praticamente todas as edições do *Diário Mercantil* (1966) era proposta alguma forma de mudar o campeonato, com intuito de melhorar a visibilidade dos clubes juiz-foranos, principais times do certame. O periódico contava com a coluna “*diz que diz diário*”, assinado pelo jornalista Arides Braga, que também endossava as cobranças. Depois de tantas críticas, o presidente da L.D.J.F, Elias José Feres, pediu ajuda da imprensa para pensar em propostas para melhorar a organização da Liga. Mas, mesmo com as sugestões, nada foi feito, já que o sonho era a organização de um torneio que reunisse os clubes das duas principais

idades de Minas Gerais: Belo Horizonte e Juiz de Fora. Entretanto, o encontro entre os presidentes da L.D.J.F e da Federação Mineira de Futebol (FMF) para a discussão desta pauta não ocorreu.

No meio desta turbulência, a diretoria do Tupi, presidida por Carlos Magnavacca, pensava em uma forma de parabenizar os atletas pela conquista do Campeonato de 1965. Ao mesmo tempo, os jornalistas do *Diário Mercantil* (1966) noticiaram que Geraldo Magela Tavares, conhecido como “Geraldinho” na época, não ficaria mais no clube em 1966. Contudo, continuou à frente do comando técnico ao longo da temporada.

Na edição do dia três de março de 1966, o *Diário Mercantil* destacou a vinda do Cruzeiro à Juiz de Fora. A diretoria ia pagar Cr\$6 milhões para o a equipe celeste enfrentar o Tupi. O time da capital tinha vencido o Campeonato Belo-Horizontino de 1965 e contava com um dos melhores planteis do Brasil, com jogadores como Dirceu Lopes, Tostão, Piazza, Hilton, Neco, Massinha, Willian, Tonho, Hilton Chaves, Vavá, Marco Antônio e o juiz-forano Zé Carlos. “Dirceu Lopes forma com Piazza, uma das mais perfeitas intermediárias do país, destacando-se pela facilidade de domínio de bola e a precisão dos passes. Por seu turno, Tostão é um dos avantes mais completos, principalmente por sua capacidade de improvisação” (*Diário Mercantil*, 05 mar, 1966. p.4 c.5-6).

No dia 06 de março de 1966, o Tupi venceu o Cruzeiro por 3 a 2. A manchete do *Diário Mercantil* do dia 08 de março de 1966 destacava “O Tupi demonstrou o que vale o futebol de JF”.

Fosse a contagem por diferença não de um goal apenas – como foi – mas de dois ou três, nenhuma surpresa efetivamente deveria causar o resultado porque a verdade é que o Tupi perdeu a grande chance de impor um revés contundente ao Cruzeiro, uma goleada mesmo sobre o campeão da capital do Estado. Aos seus minutos da fase complementar, o Tupi vencia por 3 a 0 e dava a todos a nítida impressão de que iria partir para novos goals e estabelecer um escore amplo e positivo (*Diário Mercantil*, 08 mar 1966. p.4 c.2-3)

De acordo com a mesma publicação, Eurico, Vicente e Toledo abriram o placar para o alvinegro, com Dirceu Lopes e Natal, marcando os dois gols do Cruzeiro. Naquele jogo, o Tupi foi a campo com Helio, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Toledo, Vicente e Eurico. Já o Cruzeiro jogou com Tonho, Pedro Paulo, Vavá, Dilsinho e Neco; Wilson Piazza e Dirceu Lopes; Natal, Evaldo, Tostão e Hilton Oliveira.

Apesar de toda a divulgação e expectativa para o confronto, a torcida que compareceu ao Estádio Salles de Oliveira foi aquém do esperado. Conforme relatado pelo *Diário Mercantil*, na edição do dia 10 de março de 1966, apenas 1.263 torcedores assistiram à peleja, totalizando uma renda de Cr\$2.198.000,00. A efeito de comparação, o confronto contra o Olympic, pela

decisão do Campeonato de 1965, levou 1.776 espectadores. Somando as taxas pagas à FMF, L.D.J.F, a arbitragem e as despesas do Cruzeiro, o Tupi teve um déficit de aproximadamente Cr\$2.500.000,00, já que pagou Cr\$4 milhões líquidos apenas pela presença da equipe celeste.

Figura 27: *Diário Mercantil* repercute vitória do Tupi sobre o Cruzeiro

ACADEMIA «ESTRELADA» CAIU...

...E o futebol de Juiz de Fora está com a alma lavada. A espetacular vitória do Tupi sobre o Cruzeiro há de fazer com que os belorizontinos façam um novo conceito do nosso "association", que sem ser desenvolvido dentro das mesmas bases super-profissionalistas dos centros maiores, ainda assim merece uma cotação melhor do que "simples futebol do interior", como, em muitas oportunidades, fomos taxados por cronistas da capital do Estado.

Ainda nos recordamos bem, por ocasião daquele torneio Juiz de Fora-Belo Horizonte, numa partida no estádio "Independência", de quando um comentarista de rádio, diante do fracasso do nosso representante, que lá atuava, assinalou não compreender uma disputa de clubes da capital com "timezinhos do interior, sem nenhuma expressão".

Pois agora, foi exatamente um "time do interior", como eles dizem (num tom meio pejorativo), que abateu o grande campeão de Belo Horizonte, considerado a "terceira academia esportiva" do Brasil. Com jogadores, que valem dezenas de milhões de cruzeiros, baqueou diante de nosso profissionalis-

mo, cuja modestia, entretanto, não tira o entusiasmo e o ímpeto dos nossos atletas, principalmente quando se trata de projetar o nome de Juiz de Fora.

Com esse comentário, não pretendemos subestimar o Cruzeiro ou diminuir-lhe os méritos. Longe disso. Sabemos, perfeitamente, que o "estrelado" da capital é, realmente, uma força no futebol brasileiro. Mas, justamente por reconhecermos tudo isso, é que encontramos um mérito formidável no triunfo carijó, cujos atletas, com forte personalidade, não se abateram diante do "furor psicológico" que poderia representar a posição do Cruzeiro.

Essa vitória juizforana acabou vingando muita gente, que caiu sob o poderio do campeão da capital, entre eles o Fluminense, o Rapid, de Viena e também o campeão carioca, o Flamengo, que perdeu por formidável goleada. Não há dúvida: essa vitória do Tupi há de ficar, indelêvelmente, registrada na história do futebol de Minas Gerais. Essa vitória, por sinal, não é só do Tupi, mas, sim, de toda Juiz de Fora, que está jubilosa e confiante em novas conquistas de expressão.

Fonte: *Diário Mercantil*, 08 mar 1966. p.4 c.1-4

Junto de toda a repercussão da vitória do Tupi, a temporada de 1966 começou oficialmente. Naquele ano, a Liga de Desportos de Juiz de Fora ia realizar três competições, nos moldes do que estava acontecendo nos últimos anos. Primeiro seria realizado o Torneio

Início dos Profissionais, depois do Campeonato Profissional de 1966, e por último, a Copa Juiz de Fora.

A primeira competição teria início no dia 12 de março e aconteceria em duas datas (dias 13 e 20), com jogos em Juiz de Fora (no campo do Sport) e Barbacena (no campo do Olympic). Conforme noticiado na edição do dia 09 de março de 1966 do *Diário Mercantil*, em terras juizforanas o Social enfrentaria o Mineiro (ambos de Santos Dumont), na abertura. Na sequência, clássico entre Tupi x Tupynambás. A terceira peleja seria entre Sport e o vencedor do confronto sandumonense. Por fim, os vencedores da segunda e terceira partida jogariam entre si, definindo quem iria para a final, a ser realizada na semana seguinte. Já em Barbacena, Olympic teria um embate com o Andaraí e o Vila do Carmo confrontaria o América. Os vencedores dos jogos disputariam uma terceira partida para saber o representante da cidade na final.

Pelo regulamento, as primeiras partidas teriam duração de 40 minutos. Já os confrontos finais seriam jogados em 60 minutos. No embate do dia 20, valeria o tempo normal estipulado pelas regras do futebol, 90 minutos. O vencedor seria declarado campeão.

Tabela 8: Jogos do Torneio Início de 1966

Juiz de Fora	Barbacena
Social 2 x 0 Mineiro	Olympic 2 x 0 Andaraí
Tupi 1 x 0 Tupynambás	América 1 x 0 Vila do Carmo
Sport 2 x 0 Social	Olympic 1 (9) x 1 (8) América
Sport 1 x 0 Tupi	-

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

O confronto final entre Tupi e Sport foi marcado por muita confusão. Com dois jogadores expulsos e Eurico machucado, o alvinegro terminou o confronto com oito jogadores em campo.

Tudo começou quando Manoel e Milton entraram duro numa disputa de bola, perto da lateral do setor intermediário do Sport e o árbitro expulsou o zagueiro carijó. Os jogadores do Tupi [...] rebelaram-se contra a exclusão de seu companheiro tendo Toledo ofendido ao apitador Paulo Sales da Silva, o árbitro da refrega também mandou Toledo para o chuveiro.

Formou-se então um “bolo” de jogadores dos dois clubes com o árbitro, quando ao grupo chegou o treinador Geraldo Magela Tavares, do Tupi, que desferiu um soco no juiz. O goleiro, Eli Vasques deu então um salto e com os dois pés atingiu o treinador carijó, atirando o ao solo, nascendo um sururu, com muita briga entre os jogadores.

[...] O treinador do Tupi saiu detido, o que também aconteceu com o goleiro do Sport, êste mais tarde, já depois do jôgo. (*Diário Mercantil*, 15 mar, 1966. p.4 c.3-4)

Apesar da derrota no Torneio Início, o Tupi tinha o que comemorar. Horas antes dos jogos pelo campeonato recebeu uma proposta para realizar um amistoso contra o Atlético-MG, no recém-inaugurado Estádio Minas Gerais, o Mineirão. Para a ida Carijô, o Galo da capital pagaria Cr\$2 milhões. A quantia foi comemorada pelos jornalistas do *Diário Mercantil* (1966), que afirmaram que havia acabado a fase do “chapéu na mão”. “Em outros tempos, mesmo em circunstâncias diferentes era bem possível que os carijôs fôssem a Belo Horizonte, por qualquer 200 ou 300 mil cruzeiros” (*Diário Mercantil*, 12 mar 1966. p.4 c.2-3).

Na quarta-feira, dia 16 de março, o alvinegro enfrentou o Atlético-MG e conseguiu a primeira vitória de um time juiz-forano no novo estádio. O confronto terminou em 2 a 1, com dois gols de João Pires, que foi chamado de “nosso Garrincha”, na crônica da partida escrita no *Diário Mercantil* do dia 18 de março de 1966.

Em depoimento ao documentário “Histórias do Magela” (2017), dirigido pelo jornalista Flávio Lins, Geraldo Magela Tavares, treinador do Tupi, disse que os jogadores não tinham gostado da ideia de ir disputar aquele amistoso. Mas, como não tinha como recusar, foram com a ideia de vencer o Atlético.

De tarde, peguei os jogadores, botei no ônibus e fui no Mineirão. [...] Psicologicamente achei importante. Entramos no campo e mandei todo mundo tirar os sapatos. Vamos andar descalços aqui. Primeiro que vocês vão tirar o estresse e jogar fora a energia negativa. Levamos uma bola. Brinca com a bola pra lá, pra cá. Ficamos ali uma hora. Deita agora, todo mundo olhando para o céu. Descansa, relaxa. Voltamos para o hotel, fizemos um lanche e fomos embora para o Mineirão, com 17 mil pessoas. Antes do jogo, vamos entrar juntos com o Atlético-MG. Na hora que o Atlético-MG colocar o pé na escada para chegar, nós estaremos juntos. Por quê? A torcida vai vaiar o Tupi, mas vai vaiar os dois. Quando nós estamos subindo o último degrau, o Murilo para. Time do Atlético-MG entra. Mandei voltar para o vestiário. Aí foi aquela bronca, aquele esporro danado. E agora, vamos entrar num pique só. E entramos, aquecendo de um lado, do outro. (Histórias de Magela, 2017)

Segundo a publicação do *Diário Mercantil* (1966), o Tupi foi a campo com Valdir, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Vicente, Toledo e Eurico. Já o Atlético-MG jogou com Hélio, Canindé, Dari, Elci e Dawson; Corgozinho e Paulista; Adair Santana (Haroldo), Roberto, Mauro e Ronaldo.

O feito, na época, mexeu com todos em Juiz de Fora, não apenas os torcedores do Tupi. “Vibraram – e ainda estão vibrando – os torcedores carijôs e a própria cidade esportiva pelo triunfo sensacional do quadro alvi-negro, seu representante e o representante do futebol de Juiz

de Fora. Os que foram ao estádio ficaram eufóricos pelo triunfo”. (*Diário Mercantil*, 19 mar 1966. p.4 c.4).

A vitória contra mais um clube da capital mineira colocou de vez o Tupi em evidência. O *Diário Mercantil* (1966) replicava em suas páginas, colunas de periódicos da capital mineira que falavam sobre os feitos do alvinegro. Na edição do dia 22 de março de 1966, uma coluna intitulada “*O esporte como ele é*”, assinada por Délcio Martins, do jornal *Última Hora*, fazia coro para o que era pedido pelos cronistas juiz-foranos: um campeonato que reunisse os times de Juiz de Fora e Belo Horizonte, principais cidades de Minas Gerais. Para isso, o jornalista citava as pequenas rendas que confrontos entre clubes da capital e equipes de Sabará, Nova Lima, Sete Lagoas e Triângulo Mineiro proporcionavam. “Pior cego é aquele que não quer ver, e os homens da direção esportiva estão preferindo ignorar as agremiações de Barbacena e Juiz de Fora a encontrar uma fórmula para que eles disputem a Divisão Extra”. (*Diário Mercantil*, 22 mar 1966. p.6 c.1-3).

Depois da vitória diante do Galo (alcunha do Atlético-MG) da capital, o Tupi foi convidado pelos dirigentes atleticanos para disputar o Torneio Quadrangular, juntamente com Nacional do Uruguai e América-MG. Porém, o Atlético-MG voltou atrás, retirou o clube juiz-forano e colocou o Cruzeiro no lugar. De acordo com o *Diário Mercantil* (1966), estava tudo acertado, com contrato assinado, e o alvinegro ia receber Cr\$7 milhões por duas partidas. Depois de saber pela imprensa da capital que a equipe celeste (apelido do Cruzeiro) estava convidada, os dirigentes cariós entraram em contato, recebendo um telegrama de “poucas palavras, dizendo o Atlético que as bases do Tupi eram elevadas e que por isto não interessava mais a sua ida à capital” (*Diário Mercantil*, 23 mar 1966. p.4 c.5).

Apesar do sucesso garantido em Minas Gerais, era hora do Tupi voltar a pensar em Juiz de Fora, uma vez que o Campeonato dos Profissionais estava prestes a começar, e o Galo (outro apelido do Tupi) enfrentaria na estreia o América, de Barbacena, no Estádio Salles de Oliveira. Confirmando a boa fase, o time goleou, por 6 a 1, com gols de Eurico, duas vezes, João Pires, Mauro, Toledo e um contra. Heleno descontou para o time barbacenense, de acordo com o *Diário Mercantil* do dia 29 de março de 1966.

Invictos na temporada, o cariό foi convidado para atuar contra o América, que tentava por fim, ser o time da capital a ganhar da equipe juiz-forana. Conforme noticiado no *Diário Mercantil* (1966), o alvinegro ia faturar Cr\$1,5 mi pela partida, e o América-MG deveria vir, posteriormente, atuar em Juiz de Fora.

O Coelho, apelido do time verde-rubro, tinha no comando técnico Iustrique, um dos principais treinadores do país e que tinha dirigido anteriormente o Flamengo. De acordo com a

edição do dia 08 de abril de 1966 do *Diário Mercantil*, ele recebia Cr\$ 3 milhões por mês. Para efeitos de comparação, Geraldo Magela Tavares não recebia nada para comandar o Tupi.

Figura 28: Diário Mercantil anuncia Tupi x América-MG

O Tupi assentou a visita a Belo Horizonte, para enfrentar o América, dia 10 de abril e está com o seu time sendo preparado para a difícil pugna, pois sabem seus diretores, que Iustrique quer vencer de qualquer maneira.

Fonte: *Diário Mercantil*, 02 abr 1966. p.4 c.3

Então, no dia 10 de abril, o alvinegro mais uma vez fez história, e conseguiu vencer o terceiro time da capital por 2 a 1. “Tupi, derrubador de times belorizontinos. Superado o América na capital mineira” (*Diário Mercantil*, 12 abr 1966. p.4). Esta foi a capa do principal periódico local, destacando a vitória.

Segundo a mesma publicação o time do Tupi que entrou em campo era formado por Valdir, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Toledo, Vicente (Jorge Guimarães) e Eurico (Paulino). Com este escrete, o carijó abriu 2 a 0 no placar, com tentos de Vicente, logo aos dois minutos de peleja, e João Pires, também no primeiro tempo. Com a vantagem, o alvinegro se impôs em campo, não dando espaço para os mandantes. O gol de honra dos americanos foi marcado por Eduardo, de pênalti. Os comandados de Iustrique eram Zé Ernesto, Luizinho, Dirceu Alves (Balbino), Haroldo e Murilo; Eduardo e Édson; Sabino (Nei), Samuel, Arakén (Mosquito) e Nilo.

Apesar da vitória do Tupi, o técnico rival arrumou uma confusão com jogador da própria equipe, como lembrou Geraldo Magela Tavares: “Nesse jogo, o Iustrique agrediu um jogador dele, um tal de Mosquito. Deu-lhe um tapa na nuca. Eles estavam perdendo de 2 a 0 e ele tinha

entrado para poder tentar mudar o placar e foi expulso. [...] Foi uma confusão” (Histórias do Magela, 2017).

A terceira vitória contra equipes de Belo Horizonte colocou de vez o Tupi em evidência não só no cenário estadual, mas também nacionalmente. Diariamente o *Diário Mercantil* (1966) destacava convites que chegavam para amistosos contra o Galo juiz-forano. Bangu-RJ, Botafogo-RJ e Royal-RJ, eram algumas destas equipes. Já as cidades de Formiga e Itabirito, de Minas Gerais, queriam confrontos contra selecionados locais.

Figura 29: Desabafo de Geraldo Magela Tavares

MENOSPRESO

— “Não fôra o menospreso com os clubes de Belo Horizonte encaram a modéstia do Tupi, não teríamos conseguido as três grandes vitórias. No entanto, quando entenderem que o meu time tem de ser enfrentado de igual para igual, evidentemente não teremos mais condições de vencer. É preciso que o futebol da Capital passe a acreditar no Tupi e entrar no gramado sem considerar-se vencedor por antecipação”, analisou o técnico Geraldo Magela as vitórias de seu clube sobre os grandes de Minas Gerais.

Fonte: *Diário Mercantil*, 14 abr 1966. p.4 c.2

Mesmo com quantias consideráveis sendo oferecidas ao clube de Santa Terezinha para jogos amistosos em outros estados, a diretoria preferiu disputar um pentagonal, em Belo Horizonte, contra Cruzeiro, América-MG, Atlético-MG, Botafogo-RJ e Palmeiras-SP. Para cada confronto, o carijó ia receber Cr\$3 milhões.

O dinheiro era importante para o caixa do clube, para poder movimentar o Departamento de Futebol. O *Diário Mercantil* (1966) destacava em suas páginas a situação financeira delicada que os grandes clubes da cidade enfrentavam, em decorrência das falhas do Campeonato

Profissional. Tanto que os jogadores do clube recebiam o salário mínimo regional da época, que era 81 mil cruzeiros.

E logo na primeira partida, o encontro contra um rival que o Tupi tinha vencido recentemente. Geraldo Magela Tavares relembrou este embate:

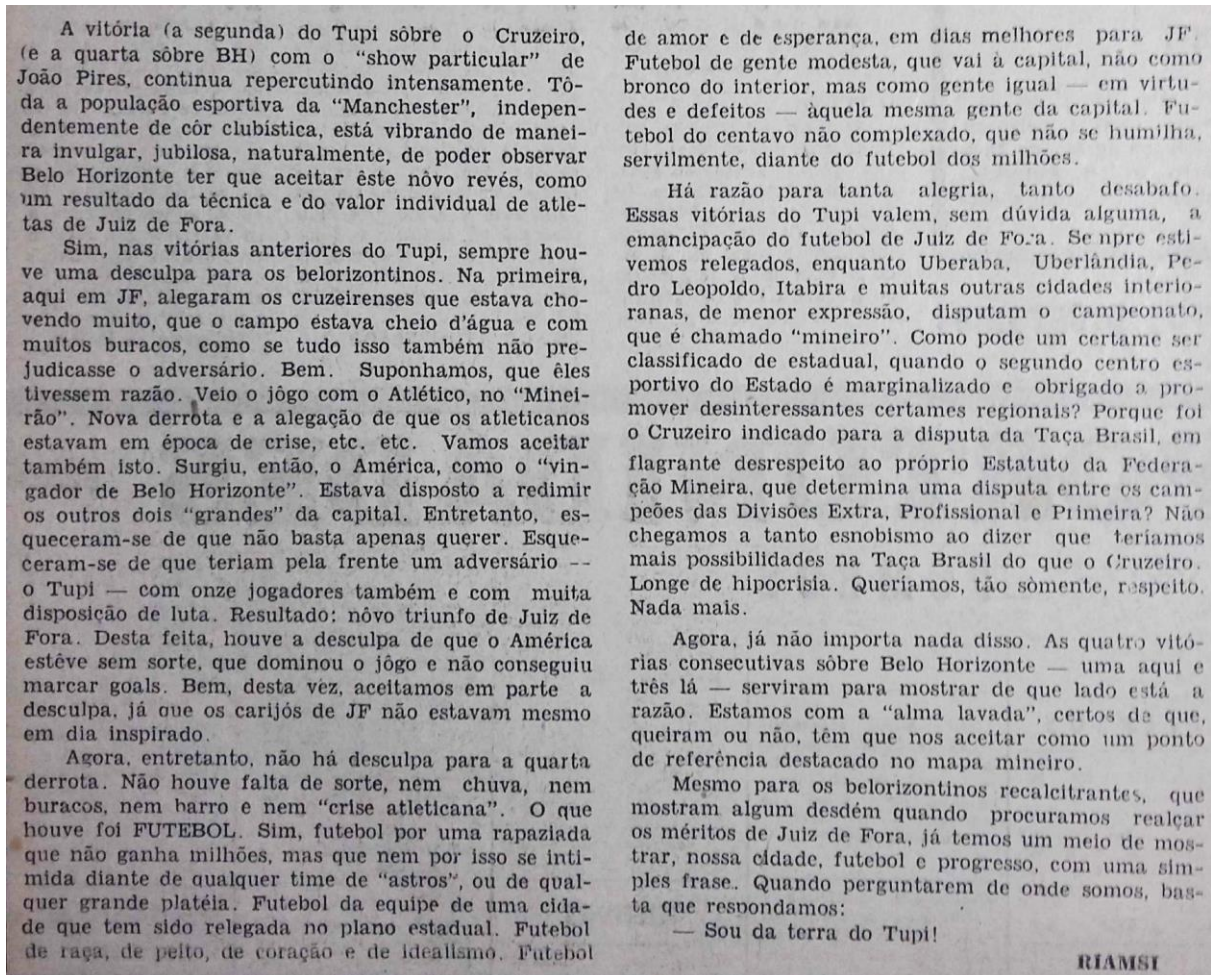
O Cruzeiro, arrumado. Airton Moreira, um baita treinador. Mineirão lotado. E aí o que acontece? Fizemos 1 a 0. O Zé Carlos (juiz-forano) estava no banco e empatou. Eu fiquei feliz com o empate, queria que o Tupi se defendesse. O time foi pra cima. No finalzinho teve um córner. Toledo bateu, deu uma confusão na área e o Mauro Lima pegou uma “varada” e 2 a 1. Ganhamos de novo! (*Histórias de Magela*, 2017)

“O Tupi não se limitou, apenas a jogar trancado, aplicando o “ferrolho”, mas sempre se mostrou ofensivo e desembaraçado, exigindo muito da retaguarda do Cruzeiro, que viu a cidadela de Tonho passar por situações bastante difíceis (*Diário Mercantil*, 19 abr 1966. p.4 c.2).

Segundo o mesmo exemplar, o Tupi venceu o jogo com Valdir, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Toledo, Vicente (Joel) e Eurico. Já o Cruzeiro foi para o

embate com Tonho, Pedro Paulo, Willian, Vavá e Neco; Wilson Piazza (Zé Carlos) e Dirceu Lopes; Wilsinho (João José), Batista (Hilton Chaves), Marco Antônio e Hilton Oliveira.

Figura 30: Imprensa destaca vitórias do Tupi



Fonte: *Diário Mercantil*, 20 abr 1966. p.4 c.1-4

Na sequência do Pentagonal, o Carijó foi enfrentar o Botafogo-RJ, também no Mineirão. O confronto terminou empatado em 0 a 0, sendo a primeira vez que o Tupi não marcou nenhum gol no estádio. "Teve a equipe juizdeforana mais presença e maior número de oportunidades. A pugna, tecnicamente, não agradou à plateia presente no estádio "Magalhães Pinto", pois sob o aspecto ofensivo pouco ou nada mostrou com os dois ataques dispersivos" (*Diário Mercantil*, 23 abr 1966. p.4 c.3). O Tupi jogou com Valdir, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Toledo, Joel (Paulino) e Eurico. Já o Botafogo-RJ foi a campo com

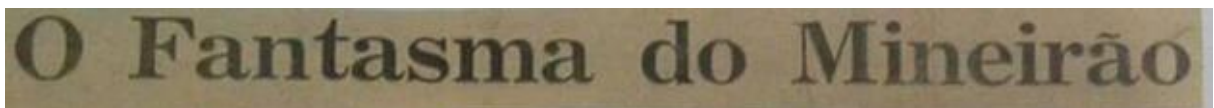
Cão, Mura, Zé Carlos, Dimas (Paulistinho) e Adewaldo; Elton e Marcos (Luiz Carlos); Ailton (Roberto), Roberto (Humberto), Sicupira e Artur.

A história nos conta que, a partir das vitórias contra os três grandes de Minas, o Tupi passou a ser conhecido como o “Fantasma do Mineirão”, como relembra Geraldo Magela Tavares.

A *Rádio Itatiaia* tinha um comentarista que tinha o slogan “coragem para dizer a verdade”, e ele me chamou para me entrevistar. E ficou empolgado com o Tupi. “Onde você tanto jogador bom? Valdir, Manoel, Murilo, Dário e Valter; França e Mauro; João Pires, Vicente, Toledo e Eurico. Um baita time”. Aí ele falou comigo: “Isso é um fantasma!” “Esse time é um fantasma!” “Isso é um Fantasma do Mineirão!” E ficou. (Histórias do Magela, 2017)

O radialista em questão se chamava Osvaldo Faria, e era comentarista titular e chefe da equipe de esportes da *Rádio Itatiaia* de Belo Horizonte. Pai do jornalista Bob Faria, comentarista da *TV Globo* e *SporTV*.

Figura 31: Jornal de Belo Horizonte destaca o termo "Fantasma do Mineirão"



Fonte: Acervo pessoal do historiador Léo Lima

Porém, apesar das lembranças de Geraldo Magela Tavares e do uso do termo “Fantasma do Mineirão” em alguns periódicos da capital, o termo não chegou até as páginas do *Diário Mercantil*, principal veículo de comunicação impresso de Juiz de Fora. Outras formas⁹ de lembrar os grandes momentos vividos pelo Tupi foram utilizadas ao longo das crônicas e reportagens.

Tabela 9: Quantas vezes foram lembrados os feitos de Belo Horizonte¹⁰

Mês	Citações
Maio	11
Junho	4
Julho	10
Agosto	4
Setembro	8

⁹ As transcrições podem ser encontradas no Apêndice C.

¹⁰ A contagem começa após os confrontos contra a Seleção Brasileira.

Outubro	2
Novembro	2
Dezembro	5
Total	46

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Outro veículo que fazia a cobertura *in loco* das partidas do Tupi era a *Rádio PRB-3*, que assim como o *Diário Mercantil* era pertencente ao grupo “Diários Associados”. Em entrevista para este trabalho, o radialista Maurício Menezes, narrador do veículo, ressaltou que o termo “Fantasma do Mineirão” não chegou à cidade logo quando foi criado.

Não, não, não, ninguém falava isto na época. Isso ocorreu, creio eu, se a memória não falhar, posteriormente. Que o Tupi passou a ser chamado de o “Fantasma do Mineirão”. Ninguém falava isso na época. Eram resultados que surpreenderam Juiz de Fora, Minas e o próprio país, tanto é que a Seleção Brasileira convidou a ser sparing do time que estava em preparativos para a Copa do Mundo da Inglaterra em 1966. Era uma satisfação muito grande pelas vitórias do Tupi, mas ninguém chamava o Tupi de o “Fantasma do Mineirão” (Apêndice A, 2017)¹¹

Figura 32: Tupi, o "Fantasma do Mineirão"



Da esquerda para direita. Em pé: Geraldo Magela (Técnico), Manoel, Mauro, Valter, Valdir, Murilo, Dario e Ítalo (Preparador Físico). Agachados: João Pires, Toledo, Joel, França e Eurico.

Fonte: Arquivo pessoal do historiador Léo Lima

¹¹ Maurício Menezes concedeu entrevista ao autor especialmente para esta monografia.

Para encerrar a participação no Pentagonal, o Tupi precisava enfrentar o organizador do torneio, o América-MG, que o realizou em homenagem ao seu aniversário de 54 anos de fundação. O confronto valia o título da competição, apesar do Coelho ter disputado uma partida a mais (jogaram contra o Palmeiras, ao contrário do Tupi, que não enfrentou o escrete paulista). As duas equipes vinham em um grande momento, como destacava a edição do dia 24 de abril de 1966 do *Diário Mercantil*. Os americanos venceram todos os embates. 2 a 1 em cima do Botafogo; 4 a 2 contra o Cruzeiro, e 2 a 1 sobre o Palmeiras.

Porém, o tão aguardado encontro findou a sequência invicta do Carijó em terras belo-horizontinas. O América-MG goleou por 4 a 0.

Sentindo o cansaço de tantos jogos seguidos e tendo ainda o seu quadro em má jornada, o Tupi perdeu de 4 a 0 para o América, anteontem em Belo Horizonte, festejando os belo-horizontinos ruidosamente, a vitória. [...] Mas manda a verdade que se diga que o Tupi falhou em todas as suas linhas jogando mal e, sentindo a ininterrupta sequência de viagens e jogos, demonstrando que o quadro precisa de um descanso (*Diário Mercantil*, 26 abr 1966. p.4 c.1-4).

De acordo com a mesma publicação, Nilo, duas vezes, Samuel e Nei marcaram os gols da vitória. O Tupi foi formado por Waldir, Manoel, Murilo, Dário e Walter; Mauro e França; João Pires, Toledo (Paulino), Joel (Jorge) e Eurico. Já o América-MG jogou com Mussula, Luizinho, Haroldo, Zé Luís e Murilo; Edson (Dirceu Lopes) e Nei; Ernani, Mosquito, Samuel (Araken) e Nilo (Canhoto).

Logo à saída do túnel do “Mineirão” era grande a afluência de torcedores da capital para “gozarem” os jogadores, martelando contra o ônibus dizendo graçolas [...]. Os juizdeforanos, não se sabe porquê, tachados pelos torcedores belo-horizontinos de “cariocas do brejo” [...] sentiram que os triunfos assinalados magoaram os homens da capital e, como foram sucessivos, todo o extravazamento verificou-se após o jogo contra o América, numa volta aos velhos tempos, a trinta anos atrás, quando o perdedor tinha que ser “gozado” pelo vencedor (*Diário Mercantil*, 28 abr 1966. p.6 c.7-8)

Figura 33: CBD convida Tupi para jogar contra Seleção Brasileira

Nos escritórios, nas fábricas, nos bancos, nas oficinas, nos salões de barbeiros, enfim, em todos os setores da vida local, o assunto vem sendo a extraordinária atuação do Tupi nos últimos jogos que tem disputado em Belo Horizonte.

Um passageiro desceu do ônibus, vindo da capital mineira, dizendo que ao ser indagado sobre a sua cidade, respondera: "Sou da terra do Tupi" referência muito natural em um momento em que toda a imprensa brasileira vem revelando a façanha carijó.

Como se não bastasse a qualidade técnica do futebol carijó diante das melhores equipes de Belo Horizonte e uma (Botafogo) da Guaabara, eis que os dirigentes da seleção brasileira voltaram suas vistas para o campeão de JF, impressionados com o sistema defensivo do Tupi que é rígido, sério, firme e duro. Na Copa do Mundo todos jogam à base da re-

trança, do ferrôlho e por isto a seleção, para se habituar à tática que vai encontrar pela frente, quer em frentar o Tupi, o que vai acontecer em Caxambu por estes dias.

A própria imprensa da capital é que realça, de maneira insuspeita, o valor do quadro carijó, dizendo que poucos times, no Brasil, jogam na defesa como o nosso campeão. Seus feitos espetaculares lhe deram a condição de vedete do futebol de Minas e suas atuações marcantes no Mieirão" já fazem parte destacada da história do nosso desporto dando a Juiz de Fora uma projeção invejável, o que para nós é um orgulho.

Os craques carijos têm entrado no Estádio MG com o pé direito, como se vê na foto de Jorge Couri e hoje, mais uma vez, a cidade volta suas atenções para o compromisso desta tarde, no qual pode se sagrar campeão do Torneio Pentagonal.

Fonte: *Diário Mercantil*, 24 abr 1966. p.4 c.1-4

Em 1966, a Seleção Brasileira, dirigida por Vicente Feola se preparava para a Copa do Mundo, que seria realizada na Inglaterra. Sem a mesma organização que culminou no bicampeonato mundial em 1958 e 1962, o treinador convocou mais de 40 atletas, o suficiente para formar quatro times.

Figura 34: *Diário Mercantil* destaca Tupi x Seleção Brasileira

O Brasil, graças ao futebol, teve o seu maior agente de propaganda no Exterior e, em Juiz de Fora, na devida proporção, com as suas sucessivas vitórias sobre os clubes da capital, com os quais jogou até perder, não guardando o cartaz, não querendo ficar num triunfo só, o Tupi fez a maior projeção dos últimos tempos de nossa cidade, a ponto de ser convocado para "sparring" do escrete que irá a Londres.

Muito bem definiu o nosso brilhante companheiro, Ismair Zaghetto, em oportuno artigo, a satisfação dos nossos conterrâneos que estão residindo em outras cidades, quando, satisfeitos, respondiam ao ser indagado, de onde eram. Estufando o peito, respondiam que eram da terra do Tupi...

Hoje, Juiz de Fora estará sendo citada a todo instante, pelas rádios e tevês do Brasil inteiro, com destaque nos jornais também do Brasil inteiro e em muitas do mundo, quando se referirem ao Tupi, de Juiz de Fora, que treina com o escrete.

Fonte: *Diário Mercantil*, 27 abr 1966. p.5 c.5-6

No dia 27 de abril, o Tupi, em Caxambu-MG, enfrentou em cada tempo, uma formação da Seleção Brasileira. O *Diário Mercantil* do dia 28 de abril de 1966, destacou que ao final, o

carijó perdeu por 3 a 1. A Seleção foi para o intervalo vencendo por 2 a 0, gols de Pelé e Servílio. Vicente Feola escalou o escrete nacional com Gilmar, Carlos Alberto, Brito, Orlando e Rildo; Dudu e Gérson; Garrincha, Servílio, Pelé e Paraná.

Já no segundo tempo, com onze atletas diferentes, o time brasileiro sofreu o gol de João Pires, depois de passe de Mauro. Já no final, Dario, contra, depois de um chute de Paulo Borges, marcou o terceiro da Seleção. O Tupi foi a campo com Waldir, Manoel, Murilo, Dário e Eli Flores; Mauro (Paulino) e França; João Pires, Toledo, Amarílio (Joel) e Eurico. Já a segunda equipe nacional foi armada com Waldir, Djalma Santos, Djalma Dias, Leônidas e Paulo Henrique; Denílson e Dudu; Paulo Borges, Parada, Flávio e Ivair.

Mesmo com a derrota, apenas o fato de ter sido convidado para disputar um confronto contra a Seleção Brasileira era motivo de orgulho para toda a cidade, e este sentimento era retratado nas páginas do *Diário Mercantil* (1966). “Todos esperam que o Tupi saiba colhêr muito, pois merece pelo o que fez em prol do nosso futebol e de propaganda de Juiz de Fora, mostrada ao Brasil inteiro, como terra de bom futebol também” (*Diário Mercantil*, 29 abril 1966. p.4 c.7-8).

Com o destaque nacional, alguns atletas passaram a ser pretendidos pelos grandes clubes do Brasil. João Pires, autor de quase todos os gols do Galo nos confrontos em Belo Horizonte e contra a Seleção Brasileira, era desejado pelo Flamengo. O *Diário Mercantil* (1966) destacava que a imprensa carioca comparava o ponta direita à Garrincha, já que ele tinha jogado muito bem contra laterais experientes do futebol nacional. Outro especulado para possíveis transferências era o atacante Eurico.

Na sequência, o Tupi voltou suas atenções para o Campeonato Profissional, onde foi a Barbacena enfrentar o Andaraí e conseguiu uma vitória por 2 a 1. Depois a cancha, o alvinegro foi mais uma vez convidado pela CBD para disputar outro amistoso com a Seleção Brasileira, desta vez em Três Rios-RJ. Entretanto, antes do confronto, a diretoria resolveu negociar o ponta esquerda Eurico com a Portuguesa-SP, recebendo pela venda Cr\$25 mi. A despedida o jogador seria contra o escrete nacional.

O segundo amistoso aconteceu no dia 07 de maio. Na edição de 08 de maio de 1966, o *Diário Mercantil* descreveu que o Carijó mais uma vez foi derrotado por 3 a 1. Alcindo marcou todos os tentos da Seleção, enquanto João Pires descontou para o Tupi. Vicente Feola escalou o Brasil com Manga, Djalma Santos, Belini, Fontana e Edson; Dudu e Fefeu; Nado, Alcino,

Tostão e Edú. Já o Tupi jogou com Valdir, Manoel, Murilo, Dário e Valter; França e Mauro; João Pires, Toledo, Vicente e Eurico.

Em entrevista para este trabalho, o radialista Maurício Menezes, relembrou este confronto, que narrou pela *Rádio PRB-3*:

[...] foi uma das maiores exibições que eu vi de um jogador de futebol, João Pires, ponta direita do Tupi. O João Pires deu um baile no lateral esquerdo Édson do Corinthians. Ele era conhecido como Édson Cegonha. Era zagueiro de área, pelo lado esquerdo, mas o Feola quis fazer uma improvisação, testar um jogador naquele lado e colocou o Édson, que tinha quase dois metros de altura, e o João Pires era baixinho. O João Pires entortou o Édson naquele jogo. Foi uma atuação exuberante. O Tupi perdeu por 3 a 1, mas poderia ser 3 a 2, porque o França que era um jogador de meio-campo do Tupi, perdeu um pênalti nos minutos finais. (Apêndice A, 2017)

Diariamente, o *Diário Mercantil* (1966) destacava que a diretoria recebia convites para levar o alvinegro para atuar fora de Juiz de Fora. Porém, nenhum destes convites se tornaram confrontos, tendo o Tupi¹² focado apenas no Campeonato Profissional¹³. Porém, depois de tanto sucesso, as pelepas em casa e nas cidades da região não trouxeram as mesmas glórias, com o Carijó não conquistando nenhum dos turnos do certame. Para piorar, viu Tupynambás vencer o turno e o Sport retornar. Nos embates finais entre Periquitos e Baetas, melhor para os rubros, que conquistaram o troféu.

Tabela 10: Partidas do Tupi no Campeonato Profissional de 1966

Turno		Retorno	
Data	Jogos	Data	Jogos
27/03/1966	Tupi 6 x 1 Andaraí	03/07/1966	Tupi 5 x 1 Andaraí
01/05/1966	Andaraí 1 x 2 Tupi	24/07/1966	Tupi 2 x 1 Mineiro
15/05/1966	Mineiro 1 x 1 Tupi	07/08/1966	Social 2 x 3 Tupi
29/05/1966	Tupi 2 x 1 Olympic	14/08/1966	Tupi 3 x 1 Sport
05/06/1966	Tupynambás 2 x 1 Tupi	21/08/1966	Olympic 4 x 0 Tupi
12/06/1966	Tupi 2 x 1 Sport	28/08/1966	Tupi 0 x 1 Tupynambás
19/06/1966	Tupi 0 x 0 Vila do Carmo	04/09/1966	América 0 x 0 Tupi
26/06/1966	Tupi 2 x 1 Social	25/09/1966	Vila do Carmo 1 x 3 Tupi

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

¹² Lista com os todos os jogos do Tupi em 1966 podem ser encontradas no Apêndice D.

¹³ Lista com os jogos do Campeonato Profissional de 1966 podem ser encontrados no Apêndice E.

A inconstância do time no restante de 1966 gerou algumas crises internas, como destacado pelo *Diário Mercantil* (1966) e também nas colunas de Arides Braga no periódico. O ponto máximo foi quando Geraldo Magela Tavares pediu demissão, no início de julho. Mas, o treinador repensou, e menos de uma semana depois, retornou ao comando do futebol, ficando até o final da temporada.

O Campeonato Profissional não foi o único torneio local que o Tupi participou em 1966. Segundo o *Diário Mercantil* (1966), foi organizada mais uma edição da Copa Juiz de Fora. O torneio que reunia o “trio de ferro” da cidade, ia acontecer no Estádio Procópio Teixeira, em três datas, e quem perdesse menos pontos, seria o vencedor. A publicação do dia 09 de setembro de 1966 do periódico narrou a história do torneio, que foi disputado pela primeira vez em 1959, tendo o Sport sido o campeão. Ao longo das edições, o Periquito foi o maior vencedor, com três títulos (1959, 1960 e 1963). Na sequência, Tupi (1962 e 1964) e Tupynambás (1961 e 1965) empatados com dois troféus.

O alvinegro conseguiu o título do torneio. Como noticiado nas páginas do *Diário Mercantil* (1966), o Carijó venceu os dois confrontos, primeiro batendo o Sport por 1 a 0 e na sequência, empatando em 2 a 2 com o Tupynambás. O troféu veio graças ao empate no confronto entre Periquitos e Baetas.

Tabela 11: Jogos da Copa Juiz de Fora

Data	Jogos
11/09	Sport 0 x 1 Tupi
14/09	Sport 3 x 3 Tupynambás
21/09	Tupi 2 x 2 Tupynambás

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Para finalizar a temporada, o alvinegro foi convidado para disputar um quadrangular, contra o Tupynambás, Royal e Central, estes últimos, da cidade de Barra do Piraí-RJ. Segundo o *Diário Mercantil* (1966), eram equipes tradicionais do município, tendo, o primeiro sido Campeão Fluminense (na época, o Campeonato Carioca era disputado apenas pelos times da cidade do Rio de Janeiro e adjacências).

Como destacado no periódico, o Sport também foi chamado para a disputa do torneio, mas, quando foi avisado, o regulamento já estava acertado. Por não ter participado das discussões, o presidente Francisco Queiróz Caputo, não permitiu a participação do clube no Torneio Sr. Mário Portugal, ou Torneio do Vale do Paraíba.

Como explicado na edição do dia 17 de novembro de 1966 do *Diário Mercantil*, o certame ia ser realizado nas duas cidades, em turno único. Aquele que tivesse perdido menos pontos, seria o campeão. Em caso de empate, uma partida extra ia ser jogada, e o vencedor conquistaria o troféu.

Tabela 12: Jogos do Torneio Sr. Mário Portugal

Data	Jogos
27/11	Tupi 0 x 1 Tupynambás
27/11	Royal 1 x 0 Central
04/12	Tupynambás 1 x 0 Central
04/12	Royal 1 x 0 Tupi
11/12	Tupynambás 2 x 2 Royal
11/12	Central 1 x 0 Tupi

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Apesar das expectativas, o Tupi não foi bem, perdendo os três confrontos e terminando na lanterna do quadrangular. Segundo o *Diário Mercantil* (1966), a data programada para o fim da temporada era 18 de dezembro. Por isso, Tupynambás x Royal, para desempatar e definir o campeão do torneio, ficaria para o ano seguinte.

Desta forma, o Tupi encerrou a temporada com os grandes feitos no início de 1966, mas amargando péssimos resultados ao longo dos meses. Ao final, do time que venceu os três grandes de Belo Horizonte e jogou dois amistosos contra a Seleção Brasileira, apenas Eurico foi vendido. Os outros jogadores que eram pretendidos continuaram no clube. Os grandes amistosos que eram noticiados no *Diário Mercantil* (1966) não se transformaram em propostas, e o clube ficou apenas por conta dos jogos locais e alguns amistosos contra equipes da região ao término do Campeonato Profissional.

5 A RELAÇÃO DA IMPRENSA COM AS CONQUISTAS

Em 1950, o Sport se tornou o “Campeão do Centenário” e em 1966, o Tupi ficou conhecido como o “Fantasma do Mineirão”. Em ambos os casos, as identidades criadas se fortaleceram e persistem até hoje.

Após as análises dos acontecimentos através do *Diário Mercantil* (1950; 1966), podemos concluir que a cobertura do periódico, em cada um dos anos, foi grande, dentro do espaço que o jornalismo esportivo tinha em suas páginas. Em 1950, todos os jogos do Campeonato Oficial foram divulgados ao longo das semanas, através das crônicas. O mesmo é observado em 1966, em que a repercussão dos jogos do Tupi em Belo Horizonte é destacada no periódico, inclusive com textos de jornais de outras cidades, que escreviam sobre o time. Para compreender ainda mais o significado das conquistas, também foi feita uma análise de conteúdo e de discurso. A forma como as notícias eram escritas e as palavras usadas em cada matéria compõe o cenário para que possa “voltar” até o tempo estudado e entender como que cada expressão foi criada.

Conforme observado na tabela 4, os termos “Campeonato de Centenário” e “Campeão do Centenário” foram usados 35 vezes, entre os meses de julho (quando se inicia o torneio) e dezembro. Destas citações, três são manchetes, uma é subtítulo e uma é título de retranca. Para fazer a análise da cobertura, é necessário entender o espaço do jornalismo esportivo no jornal.

Em 1950, o *Diário Mercantil* era impresso em quatro páginas, de terça a domingo. Na edição dominical, tinha um complemento de quatro ou seis laudas. Em alguns dias, o jornal tinha seis páginas. O esporte era encontrado das colunas cinco a oito, nas páginas quatro ou seis.

Ao longo de todo o ano, o desporto local foi divulgado, trazendo os preparativos para jogos e competições, junto com os seus respectivos resultados. Apesar de estar sendo comemorado o centenário de Juiz de Fora, o termo demorou a aparecer nas edições esportivas.

Através da pesquisa, nota-se que “campeonato do centenário” e/ou “campeão do centenário” foram identidades construídas ao longo das páginas. Os termos começam a ganhar destaque a partir de julho, quando foram usados quatro vezes, sendo a primeira, uma manchete, que anunciava o início do torneio.

Nos meses que o certame foi realizado é perceptível que não há um padrão para o uso dos termos. Por exemplo, em setembro, foram usados duas vezes, nos dias 02 e 27. Já em outubro há uma proporcionalidade maior. Do dia 03 ao dia 19, apareceram nove vezes. Todas, conforme observado, são usadas nos textos de anúncio das partidas e/ou crônicas dos confrontos.

O detalhe é que se passa praticamente um mês entre a última citação de outubro e a primeira de novembro. No anúncio da partida entre Sport x Tupynambás, no dia 18 de novembro, é empregado o termo “Campeonato do Centenário”. No caso, precisamos entender o contexto do uso, já que era o confronto final do torneio, que ia definir o campeão.

De acordo com o estudo, do referido dia até 26 de novembro, as expressões foram escritas sete vezes. O alto índice do uso era em decorrência do adiamento da peleja. A escrita contínua dos termos criou uma expectativa em torno do resultado final do certame.

Na edição seguinte ao título, a manchete estampava “Sport Club – campeão do Centenário” (*Diário Mercantil*, 05 dez 1950. p.4 c.1-8). O texto descreve a conquista como “título dos mais gloriosos do nosso futebol”. No período entre 02 e 08 de dezembro as expressões apareceram nove vezes.

Analisando o conteúdo dos textos jornalísticos e o espaço que a editoria tinha à época, podemos concluir que de fato foi feita uma cobertura dentro dos padrões da época. A construção do termo “Campeão do Centenário” foi feita de modo crescente, aumentando de acordo com a aproximação do fim do certame. É preciso levar em consideração o momento que a cidade apresentava. Muitas comemorações foram feitas em homenagem ao centenário, assim como várias obras eram realizadas na cidade, com o intuito de promover o progresso. Tais fatos eram noticiados no periódico, como descrito no capítulo 3.

Outro ponto que precisa ser destacado é que os jornalistas do *Diário Mercantil* sempre usavam adjetivos na hora de anunciar as partidas de futebol. Nas páginas, é recorrente o emprego de “grande espetáculo”, “grande importância”, “sensacional luta”, “jornada memorável”, “sensacional competição”, entre outros.

Tudo isso corrobora para a criação da imagem de que o momento foi histórico, único e que precisa ser preservado para sempre, fazendo com que a identidade seja transmitida de geração em geração. Isso pode ser comprovado ao se visitar a sede do Sport Club Juiz de Fora, onde em uma das paredes está escrito “Campeão do Centenário 1950”, conforme matéria “*Tradicional clube de Juiz de Fora, Sport pode passar por transformação*” do repórter Diego Alves (2013) para o *Portal do Globo Esporte Zona da Mata*.

No caso do Tupi, em 1966, temos uma surpresa. Ao longo do ano, o termo “Fantasma do Mineirão”, que caracteriza as façanhas conquistadas pelo alvinegro em Belo Horizonte, não é utilizado. O mais próximo que chegamos desta identidade é a expressão “gigante do Mineirão” (*Diário Mercantil*, 07 ago 1966. p.4 c.1). O depoimento de Geraldo Magela Tavares, como relatado no capítulo 4.1, mostra que provavelmente o termo “Fantasma do Mineirão” foi criado pelo radialista Osvaldo Faria, da *Rádio Itatiaia*. A entrevista do radialista Maurício

Menezes, exclusivamente para este trabalho, mostra que naquela época a expressão não foi importada para Juiz de Fora. Tendo o mesmo afirmado que, segundo suas memórias, o termo “Fantasma do Mineirão” começou a ser usado em terras juiz-foranas “dois anos depois”.

Apesar do desuso da expressão, percebe-se uma cobertura muito grande e fiel aos jogos do Tupi em Belo Horizonte e, posteriormente, contra a Seleção Brasileira. Também é necessário entender o contexto da época, assim como feito em 1950. Em 1966, Juiz de Fora já apresentava uma queda econômica, representando uma perda na importância regional e estadual. O futebol não ia bem, com os torneios locais promovendo poucas partidas interessantes, com diminuição nas rendas, e, conseqüentemente, prejuízo aos caixas dos clubes. A chegada da televisão e as transmissões esportivas, principalmente pela TV Tupi faziam com que muitos frequentadores dos estádios ficassem em casa, assistindo aos jogos dos times do Rio de Janeiro.

Para completar o processo delicado no qual se encontrava o futebol local, o *Diário Mercantil* (1966) criticava, quase que diariamente, a direção da Liga de Desportos de Juiz de Fora, presidida por Elias José Feres, por não tomar atitudes em prol de procurar a Federação Mineira de Futebol para a criação de um campeonato com os times de Belo Horizonte. Na visão dos jornalistas, não era rentável para os times juiz-foranos disputarem certames contra equipes de Santos Dumont, Barroso, Barbacena (exceto Olímpic), São João del-Rei, e outras cidades da região.

Portanto, a cobertura das vitórias do Tupi contra os times belo-horizontinos foi amplamente divulgada. Naquela época, a discrepância econômica entre as instituições era grande. Como mostrado no capítulo 4.1, os jogadores alvinegros ganhavam o salário mínimo e o treinador Geraldo Magela Tavares trabalhava de graça, tendo um outro emprego como forma de sustento. Ou seja, ninguém sobrevivia apenas do esporte, ao contrário do cenário que se tinha na capital mineira.

Com o sucesso, o nome do Tupi foi espalhado não apenas para Minas Gerais, mas também para o Brasil e, quem sabe, para o mundo. Tanto que as páginas do *Diário Mercantil* (1966) reproduziam matérias de outros veículos, principalmente daqueles pertencentes aos Diários Associados, como *Estado de Minas* e *O Jornal*, do Rio de Janeiro.

Conforme a tabela 9 foram 46 citações ao longo de oito meses, entre maio e dezembro. Como não foi criada uma identidade, foram computadas cada referência aos jogos contra América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro. Assim como no caso do Sport, é perceptível que não havia um padrão para o uso das lembranças. Porém, ao analisarmos o desempenho do Tupi na temporada, que não foi boa, chegamos à conclusão de que as referências aumentavam nos meses

em que dentro de campo a equipe não correspondia às expectativas. Até porque a imprensa taxava o alvinegro como o melhor elenco da região.

Nos meses de setembro e dezembro, os feitos na capital foram lembrados oito e cinco vezes, respectivamente. No primeiro mês citado, o Tupi vinha de uma goleada sofrida para o Olympic, em Barbacena, e derrota para o Tupynambás, no Estádio Salles de Oliveira. Os revezes fizeram com que o time não tivesse mais chances de conquistar o título do retorno do Campeonato Profissional. As edições do *Diário Mercantil* (1966) assim falavam sobre o Tupi naquela época: “parecendo que seu time ficou por demais entusiasmado com os grandes resultados obtidos no início do ano” (*Diário Mercantil*, 06 set 1966. p.4 c.4-5); “depois dos sucessos em Belo Horizonte, aparecia como fôrça do nosso certame” (*Diário Mercantil*, 09 set 1966. p.6 c.5-6), e “os carijós, em Barbacena, vendo um final de campeonato melancólico, pois parece que a aprenderam a jogar só no Mineirão” (*Diário Mercantil*, 22 set 1966. p.4 c.7).

Já em dezembro, no torneio Sr. Mário Portugal, contra equipes de Barra do Piraí-RJ, o Carijó não venceu nenhuma partida, perdendo as três por 1 a 0. Com isso, encerrava a temporada apenas com o título da Copa Juiz de Fora. O tratamento do *Diário Mercantil* (1966) mostrava decepção com o time, que tanto tinha empolgado no início do ano. “Enquanto isso, o Tupi prova que só sabe jogar no Mineirão” (*Diário Mercantil*, 06 dez 1966. p.4 c.7); “quando todos contavam que o alvi-negro vencesse fácil o campeonato, depois de tantos sucessos no Mineirão” (*Diário Mercantil*, 21 dez 1966. p.6 c.5).

Já o mês de julho, quando é encontrado o maior número de referências ao período de sucesso em Belo Horizonte (10 citações), tem um contexto diferente do apresentado acima. Na época, o Tupi vinha bem, começando com duas vitórias o retorno do certame profissional. Contudo, as páginas do periódico destacavam que mesmo com os resultados positivos, o time não estava tendo o desempenho característico dos jogos no Mineirão. “Depois da conquista do título de 1965 e dos memoráveis feitos em Belo Horizonte, não tem andado bem em seus últimos jogos” (*Diário Mercantil*, 09 jul 1966. p.4 c.2); “sai grande torcida contando ver o time em forma, reeditando as grandes atuações que teve no fim do certame de 1965 e frente aos clubes belorizontinos” (*Diário Mercantil*, 23 jul 1966. p.4 c.3); “provando que o seu quadro continua não sendo o mesmo que ganhou o título de 65 e tantas satisfações deu à sua torcida no início do ano” (*Diário Mercantil*, 26 jul 1966 p.5 c.1).

Segundo o radialista Maurício Menezes, o termo “Fantasma do Mineirão” começou a ser usado pela imprensa e torcedores para lembrar épocas gloriosas do clube.

[...] nas boas fases do Tupi ou nas más fases, as pessoas começavam a se lembrar daquela campanha maravilhosa. Principalmente nas más fases. Hoje está mal, mas já foi o “Fantasma do Mineirão”, entendeu? E depois que ficou mais falado, que os

jornalistas começaram a comentar mais, as emissoras de rádio, e a coisa ficou (Apêndice A, 2017)

Com esta definição, podemos compreender como as expressões se tornaram identidades e continuam sendo usadas e perpetuadas pelos jornalistas e torcedores. Tanto no caso do Sport, quanto no do Tupi, relembrar estes feitos é falar de uma época em que as instituições montavam boas equipes, conquistavam títulos e davam alegrias aos seus adeptos. Por isso, a tendência é usá-las nos momentos de baixa, uma vez que se torna uma “injeção de ânimo” para os fãs, mostrando que em algum momento do passado o clube já teve sucesso, sendo, de certa forma, invejado pelos rivais.

Especialmente o Tupi. As vitórias alvinegras na capital mineira e os confrontos contra a Seleção Brasileira eram um orgulho para a cidade. O clube espalhava para o Brasil o nome de Juiz de Fora, já no processo de decadência.

Em 2017 temos Sport e Tupi em momentos diversos. Os Periquitos estão sem time profissional há alguns anos, e tem a pretensão de voltar aos certames em 2018. Já o Carijó enfrenta problemas financeiros, falta de torcedores no estádio, e amargou rebaixamento da Série B para a Série C em 2016. No Campeonato Mineiro de 2017, lutou até as últimas rodadas para escapar do rebaixamento, e disputa a Terceira Divisão do futebol nacional.

Apesar da passagem dos anos, 67 do título do Sport e 51 das façanhas do Tupi no Mineirão, os torcedores e jornalistas ainda usam as identidades “Campeão do Centenário” e “Fantasma do Mineirão” nas conversas e textos jornalísticos. A intenção, no fim, é referenciar, lembrar e apresentar para as novas gerações um pedaço glorioso da história de cada uma destas instituições centenárias, que tanto contribuíram e contribuem para o desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora e região.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traçou uma linha do tempo da história do esporte, primeiro em âmbito mundial, até chegar no Brasil e, conseqüentemente em Juiz de Fora. Ao longo do desenvolvimento, como mostrado, a imprensa teve um papel fundamental, abrindo cada vez mais espaço em suas páginas para notícias relacionadas ao esporte.

Em Juiz de Fora, a novidade chega ainda no final do século XIX, através de alunos do Colégio Granbery (atual Instituto Metodista Granbery). Com o início da prática, a década de 1910 ficou marcada pela criação dos primeiros clubes voltados exclusivamente para o futebol: Tupynambás, Tupi e Sport. A partir das fundações, partidas entre eles eram realizadas, e o primórdio da rivalidade, existente até os dias de hoje, começou a existir.

Este período inicial do esporte em Juiz de Fora é pouco estudado. Apesar dos jornais da época serem encontrados no Arquivo Histórico Municipal e em outros espaços públicos, há poucos, para não dizer nenhum, trabalho voltado para retratar estes fatos. Há, no meio acadêmico, uma lacuna enorme entre o início da prática e o momento em que está consolidada.

A história dos clubes também é pouco explorada. Recentemente, com as conquistas do Tupi Foot Ball Club, alguns trabalhos foram produzidos, mas, todos usam as mesmas fontes, perpetuando a mesma história, sem um aprofundamento maior no processo de criação do clube, necessário para entender os caminhos percorridos ao longo da história. O mesmo é visto no caso do Sport Club Juiz de Fora, a instituição que mesmo não sendo a mais forte no futebol, teve uma contribuição inestimável em outros esportes, como a natação e o vôlei, além de deter o maior patrimônio físico entre os clubes locais, e que teve um dos maiores abnegados do desporto regional como presidente por mais de cinquenta anos, Francisco Queiróz Caputo.

A história da criação das instituições até os períodos estudados neste trabalho não é bem detalhada, seja através de outros artigos, livros, revistas ou documentários. O que se encontra são citações genéricas e parciais, resumindo décadas a um ou dois acontecimentos mais importantes, sem o merecido destaque, por exemplo, ao Tupi vice-campeão mineiro de 1933 ou ao “Esquadrão de Aço”, da década de 40.

Um dos motivos de ter estudado a construção das identidades do Sport “Campeão do Centenário” e Tupi, o “Fantasma do Mineirão” foi justamente por ter poucos trabalhos voltados para estes dois feitos, ímpares para a história não só dos clubes, mas de seus torcedores.

Ao abrir as páginas do *Diário Mercantil*, de 1950, noto uma realidade diferente daquela que esperava. Os jornalistas da época vibraram com o futebol, anunciavam com entusiasmo as partidas e campeonatos. Gostavam de destacar os confrontos realizados entre os clubes locais com os de fora, relacionando o sucesso dos mesmos com o da cidade, que naquele ano

completava 100 anos de emancipação política. O espaço destinado à editoria esportiva não era o maior do periódico, mas é notável que havia uma preocupação em divulgar a informação correta. Os jornalistas eram sabedores da importância que tinham no incentivo ao gosto do esporte por parte do público consumidor.

A expectativa era estudar apenas do Campeonato do Centenário, mas, ao longo da pesquisa, tive acesso a todo o ano de 1950 retratado pelo mais divulgado jornal da cidade. O Campeonato Oficial (apelidado de Campeonato do Centenário) teve enorme repercussão, tanto que há mais de 30 citações ao referido termo e também ao “Campeão do Centenário”, demonstrando que não estava sendo tratado como mais um torneio.

A conquista do certame é um dos pontos máximos da história do Sport. Por isso, a cobertura após o título foi grande, com as páginas contando como foi o jogo, as comemorações em campo, as festas após o título e também a repercussão entre os torcedores. O feito é tão comemorado que uma das paredes da sede social do clube destaca esta vitória.

Estudar o Campeonato do Centenário não é só contar um dos maiores períodos da história do Periquito, mas sim, contribuir para as memórias do jornalismo esportivo local, carente de estudos na área. Infelizmente, quase todos os jogadores, membros da comissão técnica e diretoria, que viveram de perto a conquista já faleceram. Com isso, suas lembranças também vão embora. Porém, apesar da perda do relato oral, ainda podemos encontrar os registros deste feito nas páginas dos periódicos da época. Assim é possível retratar um panorama de como eram contados o futebol e as conquistas dos clubes.

A paixão por um time nasce, muitas vezes por suas histórias e feitos do passado. Para os alviverdes, é imprescindível ter conhecimento sobre Mariano, Walter e Pedro; Lauro, Oswaldo e Nenem; Gino, Marino, Pirilo, Denoni e Liquinho, equipe vencedora do Campeonato do Centenário.

Com o conhecimento da realidade em 1950, esperava encontrar o mesmo em 1966. Contudo, mais uma vez, me surpreendi. Passados 16 anos, a editoria de esportes modificou. Não era restrito apenas a duas colunas na página quatro. Agora, o jornalismo esportivo tinha uma, às vezes, duas páginas.

O contexto também mudou. Juiz de Fora não era mais uma cidade em desenvolvimento, e já encarava alguns sinais de decadência, assim como o esporte, que já não era um clamor popular, com diminuição das rendas, do público no estádio, e com os clubes passando por problemas financeiros. A imprensa da época, com nomes como Arides Braga e Mário Helênio tentavam caminhar ao lado da Liga de Desportos de Juiz de Fora, pensando em soluções para os problemas encontrados. Todavia, seus dirigentes não transformavam estas ideias em ações.

Outra surpresa encontrada foi a falta de referências em 1966 do termo “Fantasma do Mineirão”. Este foi o momento mais difícil da pesquisa, uma vez que sabemos que a expressão foi criada para referir às vitórias em Belo Horizonte, mas, qual sua origem? A expectativa era encontrá-la nas páginas do *Diário Mercantil*, entretanto, a realidade era diferente. Portanto, recorri ao documentário *Histórias de Magela* (2017), onde o treinador do Tupi em 1966, Geraldo Magela Tavares, relata, através de suas memórias, as recordações dos jogos. E conta um bate papo que teve com o então radialista da *Rádio Itatiaia* de Belo Horizonte, Osvaldo Faria, que declara que o time do Tupi era um fantasma. O “Fantasma do Mineirão” foi registrado nas páginas dos jornais belo-horizontinos.

Apesar de ter um ponto de partida, outra dúvida surgiu: quando o termo chegou à Juiz de Fora? Para encontrar esta resposta, fui até o radialista Maurício Menezes, que transmitiu algumas das memoráveis partidas do Carijó no Mineirão, pela *PRB-3* (atual *Rádio CBN*). Ele confirmou o que era notado nas páginas do *Diário Mercantil*: o termo não chegou em Juiz de Fora logo após a conquista na capital mineira. E disse mais, que a popularização estava diretamente relacionada ao desempenho do time em campo. Ou seja, nas fases ruins, principalmente, tanto jornalistas, quanto torcedores, relembavam os feitos, numa tentativa de afirmar que no passado, o clube viveu momentos de glória. Tal hipótese começa a ser comprovada quando se analisa a quantidade de vezes que o principal periódico municipal rememorava o feito.

Ao confrontarmos estes números com a situação do Tupi dentro de campo, conseguimos comprovar a hipótese levantada por Maurício Menezes. Porém, ainda há muito para se pesquisar, até porque o trabalho não chegou a uma resposta sobre a data exata que o termo foi usado pela primeira vez em terras juiz-foranas. Para isso, é preciso estudar a influência da imprensa de Belo Horizonte na importação da expressão para cá. Posteriormente, é necessário saber como o “Fantasma do Mineirão” se popularizou e transformou-se em uma identidade usada por torcedores e jornalistas que não viveram a época e não estudaram os fatos.

O “Fantasma do Mineirão” não pode ser tratado como um feito apenas do Tupi. É um feito de Juiz de Fora. As conquistas alvinegras eram o suspiro de uma cidade que começava a sentir a decadência. Se percebe nas páginas do *Diário Mercantil* (1966) que havia um orgulho de falar que pelo menos no futebol, a cidade era melhor que Belo Horizonte. Naquela época, a capital era o centro de tudo em Minas Gerais, sendo a cidade mais populosa, com maior poderio econômico, visibilidade e importância.

Então, os jornalistas viram naquelas partidas contra Atlético-MG, América-MG e Cruzeiro, a oportunidade de reafirmar a condição histórica de Juiz de Fora como um dos mais

importantes centros do estado. Isso faz com que a conquista alcance um tamanho que transcende o município, sendo reconhecido em níveis estaduais e nacionais.

Mesmo com todo este contexto, há poucos trabalhos que retratam de forma fidedigna este momento glorioso. Apenas citam os confrontos e que a expressão surgiu a partir dos mesmos. Entretanto, não se procura entender a relação clube-cidade; o momento da época; o início da decadência do futebol juiz-forano, com recordes negativos de renda, e como para sempre os jogadores que atuaram naquelas partidas entraram na história do clube. Outro fato destacado pelo jornal é que a maioria dos atletas daquele time era natural de Juiz de Fora. Isso torna a identificação do feito com a cidade ainda maior

Chego ao fim deste trabalho com a sensação de dever cumprido. Quando sentei para definir o tema com meu orientador, disse que queria estudar algo que fosse relevante para o esporte local e para a história do futebol de Juiz de Fora. Depois de horas lendo e analisando o *Diário Mercantil* (1950; 1966), concluo que a imprensa juiz-forana fez uma cobertura que valida a hipótese de que ela foi a responsável por dar um “pontapé inicial” na construção das identidades. Isto é identificado na quantidade de vezes que os feitos são lembrados. Inclusive, em 1966, é citado o título do Sport de 1950. Contudo, para entender melhor a consolidação e transformação das expressões em identidades, é preciso estudar os jornais dos anos posteriores aos acontecimentos. Analisar a forma como são lembrados, além de conversar com pessoas que viveram aqueles tempos e foram influenciados pelos termos, inclusive contando-os para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Diego. *Tradicional Clube de Juiz de Fora, Sport pode passar por transformação*. 01/11/2013. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2013/11/tradicional-club-de-juiz-de-fora-sport-pode-passar-por-transformacao.html> >. Acesso em 15 fev 2017.
- ARAÚJO, Cássia Helena Vassão. *Jornalismo e esporte em Juiz de Fora: os altos e baixos dessa parceria*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. sem. 2003. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.
- BARA, Sérgio; PEQUENO, Isabel. *Os anos dourados do rádio em Juiz de Fora*. 1991. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1991
- BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. *O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos*. 2008. 154 f. Dissertação para obtenção de Mestre em Comunicação na Contemporaneidade – Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo. 2008.
- BRAGA, Arides. *Futebol, futebolistas e etc...* Juiz de Fora. Esdeva Empresa Gráfica S.A. 1977
- CENTENÁRIO do Sport. *Programa Mosaico*, Juiz de Fora: TVE, 27 de setembro de 2016. Programa de TV
- DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. *Apresentação*. In: *História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais*. Editora Unesp. 2009, p.8-12.
- DEL PRIORE, Mary. *“Jogos de Cavalheiros”*: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: *História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais*. Editora Unesp. 2009, p. 13-33
- Correio de Juiz de Fora*, Juiz de Fora, 18 mar 1886. p.2
- Correio de Minas*, Juiz de Fora, 05 abr 1889. p.1
- Correio de Minas*, Juiz de Fora, 01 out 1916. p.2
- Correio de Minas*, Juiz de Fora, 03 out 1916, p.3

Correio de Minas, Juiz de Fora, 21 out 1916, p.2
Correio de Minas, Juiz de Fora, 17 nov 1916, p.3
Correio de Minas, Juiz de Fora, 12 dez 1916, p.2
Correio de Minas, Juiz de Fora, 14 mai 1920. s.p
Diário do Povo, Juiz de Fora, 01 mai 1915, p.1.
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 out 1917. p.2
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 31 mai 1918, p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 jul 1918, p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 set 1918, p.2
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 07 abr 1919. p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 jan 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 jan 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 jan 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 fev 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 26 fev 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 mar 1950, p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 mar 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 07 mar 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 10 mar 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 mar 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 mar 1950, p.6
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21 mar 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 mar 1950. p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 30 mar 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 mai 1950, p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 30 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 abr 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 11 abr 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 abr 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 abr 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 abr 1950, p.3
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 10 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 16 mai 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 04 jun 1950, p.3
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 10 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 20 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 jun 1950, p.6
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 jun 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 jun 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 04 jul 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 jul 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 jul 1950, p.3

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 jul 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 01 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 22 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 10 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 20 out 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 out 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 out 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 31 out 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 07 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 10 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 22 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 26 nov 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 nov 1950, p.5
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 dez 1950, p.3
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 dez 1950, p.3
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 dez 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 dez 1950, p.6
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 20 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21 dez 1950, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 jan 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 01 fev 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 fev 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 fev 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 fev 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 fev 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 26 fev 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 10 mar 1966, p.6
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 mar 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 abr 1966, p.5

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 abr 1966, p.3
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 20 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 abr 1966, p.6
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 26 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 abr 1966, p.5
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 abr 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 04 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 mai 1966, p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 mai 1966, p.1
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 31 mai 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 07 jun 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 11 jun 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 jun 1966, p.4
Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21 jun 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 jun 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 jul 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 jul 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 26 jul 1966, p.5

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 ago 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 ago 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 ago 1966, p.6

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 ago 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 30 ago 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 set 1966, p.6

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 set 1966, p.1

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 20 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 22 set 1966, p.1

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 out 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 01 nov 1966, p.3

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 nov 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 nov 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 dez 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 dez 1966, p.4

FRANZINI, Fábio. *A futura paixão nacional: chega o futebol*. In: *História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais*. Editora Unesp. 2009, p.71-105

FUNDAÇÃO Cásper Líbero. *Muito além dos 90 minutos: o Esporte 24 horas!*. s.d. Disponível em < <http://fcl.com.br/gazeta-esportiva/> > Acesso em: 15 de Maio de 2017

FUTEBOL Nacional. *Campeonato Mineiro de 1933*. Disponível em < www.futebolnacional.com.br > Acesso em: 15 de junho de 2017

GRANBERY. *Programa Mosaico*, Juiz de Fora: TVE, 03 de setembro de 2007. Programa de TV

Histórias do Magela. Direção: Flávio Lins. Juiz de Fora. 2017. Formato Digital (55 min). No prelo.

Jornal do Commercio, Juiz de Fora, 31 jan 1898. p.1

Jornal do Commercio, Juiz de Fora, 18 ago 1912. p.2

Jornal do Commercio, Juiz de Fora, 12 jul 1915. p.2

Jornal do Commercio, Juiz de Fora, 01 out 1916. p.1

LINS, Flávio. *TV Mariano Procópio: “Cariocas do brejo” entrando no ar*. 2008

LINS, Flávio; FERNANDES, Lívia. *TV Mariano Procópio e as experimentações: os desafios da implementação da TV no interior do Brasil*. 2013.

MATTA, Marcelo de Oliveira; MATTA, Regina Campos. *Futebol de Juiz de Fora: A procura de uma identidade*. In: *Educação Física: Memórias e Narrativas em Juiz de Fora*. Editora UFJF. 2003, p. 273-286

MELO, Victor Andrade de. *Das touradas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil*. In: *História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais*. Editora Unesp. 2009, p.35-70

NEIVA, Rubens Antônio. *Da Vanguarda Industrial ao Ocaso Econômico: História dos Jornais de Juiz de Fora*. 1993, 70 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. 1993.

OBSERVATÓRIO da Imprensa. *O jogo do jornalismo esportivo*. s.d. Disponível em: < www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al260220031p.htm> Acesso em: 15 de maio de 2017 >

OLIVEIRA, Paulino de. *A História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora. Gráfica Comércio e Indústria LTDA. 2ª Edição. 1966.

O Pharol, Juiz de Fora, 03 mar 1881. p.1

PAULA, Rosenyr Cristina de. *O esporte juizforano e seu espaço na mídia local impressa*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. sem.2005. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social

PORTAL ACESSA. *Início do Futebol em Juiz de Fora*. 01/06/2000. Disponível em: < <http://www.acesa.com/arquivo/jf150anos/0106/>>. Acesso em 14 fev 2017.

REZENDE, Giovane Carvalho. *O Jornalismo de incentivo e os danos à informação: uma análise sobre a cobertura diária do Tupi Foot Ball Club*. 2013. 1 v. Trabalho Final de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2013

RIBEIRO, Bruno. *Escola de MG tem registro de futebol antes da chegada de Charles Miller*. 23/07/2015 Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2015/07/escola-de-mg-tem-registro-de-futebol-no-brasil-antes-da-chegada-de-miller.html>>. Acesso em 16 de abr. 2017).

RIBEIRO, Ricardo Rodrigues. *Momentos de paixão: um futebol que deixou saudades 1999*. 70f. Projeto Experimental (Faculdade de Comunicação Social) – UFJF

SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Tensões na consolidação do futebol nacional*. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p.106-128

SPORT Club Juiz de Fora 90 anos (1916-2006). Produção: Sport Clube Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006, 1 DVD (136MIN)

TESTA, Roney. *Tupi Foot Ball Club - "A repentina explosão dos carijós"*: Uma história de luta, paixão e raça. 2008. 1 v. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Social, Universidade Salgado Filho, Juiz de Fora, 2008.

APÊNDICE A – Entrevista Maurício Menezes

1 – Quais jogos do Tupi você trabalhou em 1966?

Olha... eu tenho impressão de que transmiti dois ou três destes quatro jogos que o Tupi jogou lá. São muitos anos passados, evidentemente a gente não lembra, mas eu me recordo bem que o Cruzeiro jogou em Juiz de Fora contra o Tupi, fez um amistoso aqui e perdeu. E o Cruzeiro tinha um timaço na época, aliás, um dos melhores times que vi jogar. Cruzeiro, Botafogo e Santos tiveram times fantásticos né? E o Cruzeiro é um deles com Tostão, Piazza, Dirceu Lopes, Zé Carlos, que é de Juiz de Fora, Natal, Hilton Oliveira, era um time maravilhoso né? E o Cruzeiro perdeu aqui em Juiz de Fora por 3 a 2. Com isso, o Atlético-MG quis levar o Tupi para Belo Horizonte, porque a rivalidade Cruzeiro e Atlético era muito grande. Se o Cruzeiro perdeu lá em Juiz de Fora, vou chamar o Tupi aqui para ganhar. E o Atlético perdeu também, por 2 a 1. Depois, o América resolveu fazer um amistoso com o Tupi, e perdeu também. E o Cruzeiro perdeu de novo. Os três jogos 2 a 1. Então, foram vitórias sensacionais do Tupi, evidentemente depois perdeu para o América-MG, mas o que marcou foram essas vitórias seguidas sobre o Cruzeiro, o Atlético, o América e o Cruzeiro.

2 – E em relação ao termo “Fantasma do Mineirão”? O que você se recorda? Você como narrador chegava a usar este termo nas transmissões?

Não, não, não, ninguém falava isto na época. Isso ocorreu, creio eu, se a memória não falhar, posteriormente né? Que o Tupi passou a ser chamado de o “Fantasma do Mineirão”. Ninguém falava isso na época. Eram resultados que surpreenderam Juiz de Fora, Minas e o próprio país, tanto é que a Seleção Brasileira convidou a ser sparing do time que estava em preparativos para a Copa do Mundo da Inglaterra em 1966. O Tupi fez dois jogos com a Seleção Brasileira, um em Caxambu-MG, empatou em 1 a 1. O Tupi estava vencendo, e o técnico Feola, da Seleção trocou a Seleção no segundo tempo, e a Seleção acabou empatando no finalzinho com Servilho, que era um centroavante. Depois, houve um jogo em Três Rios-RJ que eu transmiti este jogo, que o Tupi foi derrotado por 3 a 1. Mas foi uma das maiores exhibições que eu vi de um jogador de futebol, João Pires, ponta direita do Tupi. O João Pires deu um baile no lateral esquerdo Édson do Corinthians. Ele era conhecido como Édson Cegonha. E ele era zagueiro de área, pelo lado esquerdo, mas o Feola quis fazer uma improvisação, testar um jogador naquele lado e colocou o Édson, que tinha quase dois metros de altura, e o João Pires era baixinho. O João Pires entortou o Édson naquele jogo. Foi uma atuação exuberante. O Tupi perdeu por 3 a 1, mas

poderia ser 3 a 2, porque o França que era um jogador de meio-campo do Tupi, perdeu um pênalti nos minutos finais.

3 – Quando vocês iam para Belo Horizonte, no contato que tinha com os colegas da imprensa, mesmo em BH este termo não se popularizou de forma instantânea?

Não, não, ninguém falava isso esta época, do “Fantasma do Mineirão”, de forma alguma. Era uma satisfação muito grande pelas vitórias do Tupi, mas ninguém chamava o Tupi de o “Fantasma do Mineirão”.

4 – E você se lembra quando este termo se popularizou aqui em Juiz de Fora?

Eu acho que uns dois anos depois começou a se falar isso.

5 – Algum motivo específico?

Não, não. Aí, nas boas fases do Tupi ou nas más fases, as pessoas começavam a se lembrar daquela campanha maravilhosa. Principalmente nas más fases. Hoje está mal, mas já foi o “Fantasma do Mineirão”, entendeu? E depois que ficou mais falado, que os jornalistas começaram a comentar mais, as emissoras de rádio, e a coisa ficou.

APÊNDICE B – Lista de jogos do Sport em 1950

Data	Confronto	Torneio	Gols
05/03/1950	Sport 2 x 1 América de Três Rios-RJ	Amistoso	Nery e Tusinho (Sport); Tutuca (América)
12/03/1950	Sport 2 x 0 Duque de Caxias	Torneio Início	Tusinho e Gino
12/03/1950	Sport 1 x 0 Tupi	Torneio Início	Tusinho
12/03/1950	Sport 0 x 1 Tupynambás	Torneio Início	Cigano
29/03/1950	Sport 1 x 2 Sete de Setembro de Belo Horizonte	Amistoso	Liquinho (Sport); Paulo César (2) (Sete de Setembro)
02/04/1950	Sport 4 x 4 Volante	Torneio Municipal	Gino, Nery e Vandeci (2) (Sport); Germano (3) (Volante). O autor do quarto gol do Volante não foi noticiado.
09/04/1950	Sport 1 x 1 América-RJ	Amistoso	Tusinho (Sport) e Maneco (América-RJ)
18/04/1950	Sport 1 x 0 Tupynambás	Amistoso	Liquinho
30/04/1950	Sport 3 x 0 Duque de Caxias	Torneio Municipal	Nery, Vandeci e Liquinho
04/05/1950	Sport 2 x 1 Tupynambás	Amistoso	Fonseca e Liquinho (Sport); Zú (Tupynambás)
14/05/1950	Sport 3 x 4 Flamengo-RJ	Amistoso	Tusinho (2) (Sport); Helio (2), Durval e Eliezer (Flamengo-RJ). O autor do terceiro gol do Sport não foi noticiado.
03/06/1950	Vitória-ES 1 x 1 Sport	Amistoso	Denoni (Sport);

			O autor do gol do Vitória-ES não foi noticiado
04/06/1950	Rio Branco-ES 1 x 1 Sport	Amistoso	Walter (Sport). O autor do gol do Rio Branco-ES não foi noticiando
08/06/1950	Tupynambás 2 x 1 Sport	Amistoso	Denoni (Sport); Cigano e Xandú (Tupynambás)
18/06/1950	Sport 2 x 2 Tupi	Torneio Municipal	Denoni e Liquinho (Sport); Sílvio e Sinhô (Tupi)
25/06/1950	Nacional de Visconde do Rio Branco-MG 2 x 2 Sport	Amistoso	Pirilo (2) (Sport); Benate e Mundinho (Nacional)
02/07/1950	Tupynambás 1 x 1 Sport	Torneio Municipal	Marino (Sport); Zú (Tupynambás)
30/07/1950	Sport 2 x 1 Duque de Caxias	Campeonato do Centenário	Nery e Marino (Sport); Gérson (Duque)
05/08/1950	Sport 1 x 2 Tupynambás	Amistoso	Marino (Sport); Waltinho e Ditão (Tupynambás)
15/08/1950	Tupynambás 1 x 2 Sport	Amistoso	Gino (2) (Sport); Gérson (Tupynambás)
20/08/1950	Vila do Carmo, de Barbacena 0 x 4 Sport	Amistoso	Pirilo (2), Marino e Gino
27/08/1950	Volante 0 x 1 Sport	Campeonato do Centenário	Vandeci
07/09/1950	Sport 1 x 3 Tupynambás	Amistoso	Marino (Sport); Quarenta (3) (Tupynambás)

17/09/1950	Sport 3 x 0 Tupi	Campeonato do Centenário	Pirilo (2) e Vandeci
24/09/1950	Sport 3 x 3 Fluminense	Amistoso	Liquinho (2) e Tusinho (Sport); Haroldo, Carlaile e Walter (Fluminense)
08/10/1950	Tupynambás 0 x 2 Sport	Campeonato do Centenário	Nery e Marino
19/10/1950	Duque de Caxias 2 x 7 Sport	Campeonato do Centenário	Nery (4), Pirilo, Vandeci e Denoni (Sport); Orlandinho (2) (Duque)
29/10/1950	Sport 3 x 3 Volante	Campeonato do Centenário	Pirilo (3) (Sport); Ceci, Germano e Manoelzinho (Volante)
14 e 15/11/1950	Tupi 1 x 0 Sport	Campeonato do Centenário	Paulo Garcia
03/12/1950	Sport 3 x 1 Tupynambás	Campeonato do Centenário	Pirilo, Denoni e Liquinho (Sport); Waltinho (Tupynambás)
17/12/1950	Seleção de Petrópolis 3 x 2 Sport	Amistoso	Lauro e Liquinho (Sport); Russo (2) e Quadrelli (Seleção de Petrópolis)
19/12/1950	Sport 3 x 1 L.D.J.F	Amistoso	Gino, Denoni e Pirilo (Sport); Cotoco (L.D.J.F)

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

APÊNDICE C – Termos que relembavam os feitos do Tupi em Belo Horizonte

Número	Termo
1	“[...] feitos espetaculares nos últimos tempos [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 12 mai 1966. p.4)
2	“[...] depois da bela campanha encetada contra os belorizontinos e seleções brasileiras [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 13 mai 1966. p.4)
3	“[...] atualmente possuidor de grande cartaz [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 15-16 mai 1966. p.4)
4	“Retardamento dos jogos para as exibições em Belo Horizonte e treinos com a Seleção Brasileira” (<i>Diário Mercantil</i> , 18 mai 1966. p.4)
5	“O Tupi está vendo que os sucessos dos jogos fora da cidade” (<i>Diário Mercantil</i> , 19 mai 1966. p.6)
6	“Depois de jogos seguidamente em Belo Horizonte contra os clubes da capital e uma vez contra o Botafogo, da Guanabara, e de treinos em Caxambu e Três Rios com a Seleção Brasileira” (<i>Diário Mercantil</i> , 24 mai 1966. p.4)
7	“Vindo, recentemente, de forma das mais gloriosas, sendo o primeiro clube juizdeforano a jogar e vencer no “Estádio Minas Gerais”, e a treinar com o Selecionado Brasileiro, o que fêz por duas vezes” (<i>Diário Mercantil</i> , 26 mai 1966. p.6)
8	“Graças a memoráveis triunfos na capital mineira, passou a ser atração nacional, sendo convidado p duas vezes até para “sparring” da Seleção Nacional, que irá tentar a conquista do tri, em Londres” (<i>Diário Mercantil</i> , 12 mai 1966. p.6)
9	“Marcando feitos espetaculares na capital mineira” (<i>Diário Mercantil</i> , 27 mai 1966. p.4)
10	“A equipe do Tupi, depois de vitórias em Belo Horizonte, dos treinos com a Seleção Brasileira” (<i>Diário Mercantil</i> , 28 mai 1966. p.3)
11	“Depois de suas memoráveis vitórias na capital mineira, e de ter enfrentado o Selecionado Brasileiro por duas vezes” (<i>Diário Mercantil</i> , 29 mai 1966. p.4)
12	“A defesa do Tupi é muito sólida, tendo jogado duas vezes contra Seleções Brasileiras e resistindo bravamente, sofrendo em ambos três tentos” (<i>Diário Mercantil</i> , 03 jun 1966. p.4)

13	“Não ter diminuído o poderio do conjunto, como se viu em Nelo Horizonte e contra as Seleções Brasileiras” (<i>Diário Mercantil</i> , 11 jun 1966. p.4)
14	“Jogos adiados para que o alvi-negro pudesse participar dos embates em Belo Horizonte, conforme é do conhecimento de todos” (<i>Diário Mercantil</i> , 16 jun 1966. p.6)
15	“[...] Ainda recentemente, quando da memorável campanha do Tupi em Belo Horizonte, a cidade toda acompanhou as transmissões dos embates [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 24 jun 1966. p.6)
16	“[...] ainda que ultimamente não venha reeditando as grandes atuações do início do ano [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 01 jul 1966. p.6)
17	“[...] quando chegou ao título de 1965 e escreveu páginas belíssimas para o nosso futebol no “Estádio Minas Gerais” [...]”(<i>Diário Mercantil</i> , 02 jul 1966. p.4)
18	“O América, clube de Belo Horizonte, derrotado pela mesma contagem de 2 a 1 com que foram derrotados Cruzeiro e Atlético [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 05 jul 1966. p.4)
19	“[...] o time desde que voltou da campanha de Belo Horizonte não jogou o que jogava [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 08 jul 1966. p.7)
20	“[...] depois da conquista do título de 1965 e dos memoráveis feitos em Belo Horizonte, não tem andado bem em seus últimos jogos [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 09 jul 1966. p.4)
21	“[...] parecendo que os jogos seguidos de muitas vitórias em Belo Horizonte e os treinos com o selecionado brasileiro, influíram no espírito da rapaziada carijó [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 09 jul 1966. p.4)
22	“[...] lançando o time que tanto sucesso marcou em Belo Horizonte e nos treinos contra a Seleção Brasileira [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 21 jul 1966. p.4)
23	“[...] sai grande torcida contando ver o time em forma, reeditando as grandes atuações que teve no fim do certame de 1965 e frente aos clubes belorizontinos [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 23 jul 1966. p.4)
24	“[...] provando que o seu quadro continua não sendo o mesmo que ganhou o título de 65 e tantas satisfações deu à sua torcida no início do ano [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 26 jul 1966. p.5)

25	“O Tupi, quem em Belo Horizonte é grande cartaz, tendo jogado três vezes seguidas [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 27 jul 1966. p.6)
26	“[...] este ano, depois dos jogos no “Mineirão”, o Tupi ainda não reeditou aquelas grandes atuações do certame definido de 1965 [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 05 ago 1966. p.6)
27	“[...] volte hoje, em Santos Dumont, a ser o grande time que foi no “Mineirão”, quando levou de vencida os quadros da capital. ” (<i>Diário Mercantil</i> , 07 ago 1966. p.4)
28	“Os carijós esperam mostrar hoje que voltaram a ser o “gigante do Mineirão” (<i>Diário Mercantil</i> , 07 ago 1966. p.4)
29	“O Tupi, que voltou a ser o grande time do início da temporada [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 15 ago 1966. p.6)
30	“[...] o Tupi demonstrou, seguidamente, no “Estádio Minas Gerais”, a fôrça de seu futebol assinalando feitos magníficos e indo treinar, com sucesso com o escrete brasileiro [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 02 set 1966. p.6)
31	“[...] nunca atacando com a classe e categoria que o levou ao título de 65 e a marcar grandes vitórias no “Estádio Minas Gerais” (<i>Diário Mercantil</i> , 05 set 1966. p.4)
32	“[...] parecendo que seu time ficou por demais entusiasmado com os grandes resultados obtidos no início do ano [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 06 set 1966. p.4)
33	“[...] depois dos sucessos em Belo Horizonte, aparecia como fôrça do nosso certame” (<i>Diário Mercantil</i> , 09 set 1966. p.6)
34	“[...] Tupi que, no princípio do ano, andou vencendo os grandes belorizontinos, no “Estádio Minas Gerais” [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 09 set 1966. p.6)
35	[...] voltando a ser o time que tanto brilhou na capital do Estado, vencendo seguidamente América, Atlético e Cruzeiro” (<i>Diário Mercantil</i> , 10 set 1966. p.5)
36	“Os carijós, em Barbacena, vendo um final de campeonato melancólico, pois parece que a aprenderam a jogar só no “Mineirão” [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 22 set 1966. p.4)

37	“Os carijós, que movimentaram o nosso futebol no início do ano, com brilhantes triunfos na capital mineira” (<i>Diário Mercantil</i> , 29 set 1966. p.4)
38	“O Tupi, que tanto sucesso marcou no “Mineirão”, deverá retornar também à capital mineira” (<i>Diário Mercantil</i> , 01 out 1966. p.4)
39	“Tupi, campeão do ano passado, autor de feitos memoráveis no “Mineirão” (<i>Diário Mercantil</i> , 25 out 1966. p.4)
40	“[...] quando o alvi-negro, credenciado por campanha famoso nos campos belorizontinos [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 23 nov 1966. p.6)
41	“O quadro carijó está de novo convidado para uma temporada em Belo Horizonte, em meados de janeiro, devendo, pois, preparar seus valores para a nova grande jornada, quando tentará repetir os êxitos do ano passado” (<i>Diário Mercantil</i> , 25 nov 1966. p.5)
42	“Enquanto isso, o Tupi prova que só sabe jogar no “Mineirão” [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 06 dez 1966. p.4)
43	“O campeão de 1965, que começou 66 ganhando seguidamente em Belo Horizonte [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 13 dez 1966. p.4)
44	“[...] para quem tem uma equipe que chegou a ser atração nacional, ganhando seguidamente no “Mineirão” [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 14 dez 1966. p.4)
45	“O time carijó, com os valores que tem, bem preparado, poderá voltar ao “Mineirão” e assinalar novos grandes feitos”. (<i>Diário Mercantil</i> , 18 dez 1966. p.4)
46	“[...] quando todos contavam que o alvi-negro vencesse fácil o campeonato, depois de tantos sucessos no “Mineirão” [...]” (<i>Diário Mercantil</i> , 21 dez 1966. p.6)

APÊNDICE D – Lista de jogos do Tupi em 1966

Data	Jogo	Torneio	Gol(s)
26/01	Tupi 3 x 2 Olympic	Campeonato 1965	Vicente, Eurico e João Pires (Tupi); Hélio (contra) e Wilson Raimundo (Olympic)
30/01	Tupi 3 x 0 Tupynambás	Campeonato 1965	Vicente (3) (Tupi)
06/02	Olympic 2 x 3 Tupi	Campeonato 1965	Toledo (2) e João Pires (Tupi); Wilson Raimundo e João Antônio (Olympic)
13/02	Tupi 4 x 0 Olympic	Campeonato 1965	Vicente (2), Toledo e João Pires
06/03	Tupi 3 x 2 Cruzeiro	Amistoso	Eurico, Vicente e Toledo (Tupi); Dirceu Lopes e Natal (Cruzeiro)
12/03	Tupi 1 x 0 Tupynambás	Torneio Início	Vicente
12/03	Sport 1 x 0 Tupi	Torneio Início	Édson
16/03	Atlético-MG 1 x 2 Tupi	Amistoso	João Pires (2) (Tupi); Haroldo (Atlético-MG)
27/03	Tupi 6 x 1 América, de Barbacena	Campeonato Profissional	Eurico (2), João Pires, Mauro, Toledo e gol contra não infomado (Tupi); Heleno (América)
10/04	América-MG 1 x 2 Tupi	Amistoso	Vicente e João Pires (Tupi); Eduardo (América-MG)
17/04	Cruzeiro 1 x 2 Tupi	Pentagonal	João Pires e Mauro (Tupi); Zé Carlos (Cruzeiro)
21/04	Botafogo 0 x 0 Tupi	Pentagonal	-
24/04	América-MG 4 x 0 Tupi	Pentagonal	Nilo (2), Samuel e Nei

27/04	Seleção Brasileira 3 x 1 Tupi	Amistoso	João Pires (Tupi); Pelé, Servílio e Dario, contra (Seleção)
01/05	Andaraí 1 x 2 Tupi	Campeonato Profissional	Vicente e Eurico (Tupi); Mosquito (Andaraí)
07/05	Seleção Brasileira 3 x 1 Tupi	Amistoso	João Pires (Tupi); Alcindo (Seleção Brasileira)
15/05	Mineiro 1 x 1 Tupi	Campeonato Profissional	Manoel (Tupi); Cid (Mineiro)
29/05	Tupi 2 x 1 Olympic	Campeonato Profissional	Manoel e Vicente (Tupi); José Luiz (Olympic)
05/06	Tupynambás 2 x 0 Tupi	Campeonato Profissional	Chiquinho (2) (Tupynambás)
12/06	Tupi 2 x 1 Sport	Campeonato Profissional	Não foram divulgados os autores dos gols
19/06	Tupi 0 x 0 Vila do Carmo	Campeonato Profissional	-
26/06	Tupi 2 x 1 Social	Campeonato Profissional	João Pires e Vicente (Tupi); Luizinho (Social)
03/07	Tupi 5 x 1 Andaraí	Campeonato Profissional	João Pires (2), Vicente, José Adir e Valter (Tupi); Nerei (Andaraí)
24/07	Tupi 2 x 1 Mineiro	Campeonato Profissional	Toledo e Dário (Tupi); José Maria (Mineiro)
07/08	Social 2 x 3 Tupi	Campeonato Profissional	Vicente (3) (Tupi); Jorginho e Moneco (Social)
14/08	Tupi 3 x 1 Sport	Campeonato Profissional	Vicente (3) (Tupi); Márcio (Sport)
28/08	Tupi 0 x 1 Tupynambás	Campeonato Profissional	Chiquinho
04/09	América 0 x 0 Tupi	Campeonato Profissional	-

11/09	Sport 0 x 1 Tupi	Copa Juiz de Fora	Toledo
21/09	Tupi 2 x 2 Tupynambás	Copa Juiz de Fora	Não divulgado os gols
25/09	Vila do Carmo 1 x 3 Tupi	Campeonato Profissional	Toledo, Vicente e João Pires (Tupi); Bandeira (Vila)
22/10	Aimorés 0 x 1 Tupi	Amistoso	Não foi divulgado o autor do gol
30/10	Sport 1 x 2 Tupi	Amistoso	Taúl e Vicente (Tupi); Zeuxis (Sport)
27/11	Tupi 0 x 1 Tupynambás	Torneio Sr. Mário Portugal	Valdemar
04/12	Royal 1 x 0 Tupi	Torneio Sr. Mário Portugal	Não informado o autor do gol
11/12	Central 1 x 0 Tupi	Torneio Sr. Mário Portugal	Luiz Carlos

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

APÊNDICE E – Jogos do Campeonato Profissional de 1966

Turno		Retorno	
Data	Jogo	Data	Jogo
27/03	Andaraí 2 x 0 Vila do Carmo	03/07	Tupi 5 x 1 Andaraí
27/03	Social 3 x 2 Mineiro	03/07	América 0 x 1 Tupynambás
27/03	Tupi 6 x 1 América-BQ	03/07	Mineiro 0 x 2 Vila do Carmo
03/04	Tupynambás 1 x 0 Vila do Carmo-BQ	10/07	Sport 2 x 1 Social
03/04	Social 1 x 1 Sport	10/07	Mineiro 0 x 0 Olympic
03/04	América-BQ 2 x 4 Olympic-BQ	10/07	Andaraí 2 x 2 América
10/04	Sport 3 x 4 Mineiro-SD	24/07	Olympic 4 x 1 América
10/04	Andaraí-BQ 1 x 2 Tupynambás	24/07	Social 2 x Tupynambás
17/04	América-BQ 3 x 0 Mineiro-SD	24/07	Tupi 2 x 1 Mineiro
21/04	Olympic-BQ 1 x 1 Social	31/07	Tupynambás 1 x 1 Andaraí
24/04	Tupynambás 2 x 0 América-BQ	31/07	Mineiro 1 x 1 América
24/04	Mineiro-SD 2 x 1 Andaraí-BQ	31/07	Vila do Carmo 2 x 4 Social
24/04	Vila do Carmo-BQ 0 x 3 Sport	07/08	Sport 3 x 0 América
01/05	Sport 0 x 2 Tupynambás	07/08	Social 2 x 3 Tupi
01/05	Andaraí-BQ 1 x 2 Tupi	07/08	Olympic 1 x Andaraí
01/05	Mineiro-SD 0 x 3 Vila do Carmo-BQ	14/08	Tupi 3 x 1 Sport
08/05	Tupynambás 3 x 0 Mineiro-SD	14/08	Social 2 x 2 Andaraí
08/05	Andaraí x América	21/08	Olympic 4 x 0 Tupi
11/05	Vila do Carmo-BQ 0 x 2 Olympic	21/08	Sport 5 x 2 Vila do Carmo
15/05	Olympic 2 x 0 Sport	28/08	Tupi 0 x 1 Tupynambás
15/05	Mineiro-SD 1 x 1 Tupi	28/08	Mineiro 0 x 3 Sport
15/05	Tupynambás 3 x 2 Social	28/08	Vila do Carmo 0 x 0 Andaraí
19/05	América-BQ x Vila do Carmo	04/09	Sport 3 x 2 Olympic
22/05	Olympic 2 x 1 Tupynambás	04/09	América 0 x 0 Tupi
22/05	Sport 3 x 1 Andaraí-BQ	04/09	Mineiro 1 x 0 Tupynambás

29/05	Tupi 2 x 1 Olympic	07/09	Olympic 2 x 0 Vila do Carmo
29/05	Social 4 x 2 América	11/09	Andaraí 5 x 0 Mineiro
29/05	Vila do Carmo 1 x 0 Mineiro	18/09	Andaraí 1 x 2 Sport
05/06	Tupynambás 2 x 0 Tupi	18/09	Tupynambás 1 x 2 Olympic
05/06	América 0 x 5 Sport	18/09	Vila do Carmo 2 x 0 América
05/06	Olympic 2 x 1 Mineiro	18/09	Mineiro 3 x 2 Social
08/06	Olympic 0 x 0 Andaraí	25/09	Vila do Carmo 1 x 3 Tupi
12/06	Tupi 2 x 1 Sport	25/09	Social 4 x 3 Olympic
19/06	Tupi 0 x 0 Vila do Carmo	25/09	Sport 3 x 1 Tupynambás
26/06	Tupi 2 x 1 Social	02/10	América 1 x 3 Social
03/07	Tupi 5 x 1 Andaraí	09/10	Sport 1 x Tupynambás
03/07	América 0 x 1 Tupynambás	16/10	Tupynambás 2 x 1 Sport
03/07	Mineiro 0 x 2 Vila do Carmo	23/10	Sport 1 x 1 Tupynambás

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017